



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**JADSON PEREIRA VIEIRA**

**ENGENHO DE MEMÓRIAS:**  
MULHERES CAMPONESAS, ESCRITAS DE SI E A FORÇA DA AMIZADE  
(1975-1984)

Orientadora: Professora. Dra. Susel Oliveira da Rosa  
Linha de Pesquisa: História Regional

JOÃO PESSOA – PB  
MAIO – 2016

**JADSON PEREIRA VIEIRA**

**ENGENHO DE MEMÓRIAS:  
MULHERES CAMPONESAS, ESCRITAS DE SI E A FORÇA DA AMIZADE  
(1975-1984)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História e Cultura Histórica.

Orientadora: Professora. Dra. Susel Oliveira da Rosa

Linha de Pesquisa: História Regional

JOÃO PESSOA - PB

MAIO – 2016

V658e Vieira, Jadson Pereira.  
Engenho de memórias: mulheres camponesas, escritas de si e a força da amizade (1975-1984) / Jadson Pereira Vieira.- João Pessoa, 2016.  
169f.  
Orientadora: Susel Oliveira da Rosa  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL  
1. História regional. 2. Mulheres camponesas. 3. Escrita de si. 4. Amizade. 5. Memória. 6. Reforma agrária.

UFPB/BC

CDU: 981.422(043)

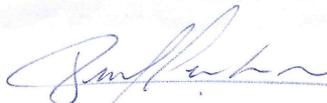
**JADSON PEREIRA VIEIRA**

**ENGENHO DE MEMÓRIAS:**

**MULHERES CAMPONESAS, ESCRITAS DE SI E A FORÇA DA AMIZADE**  
(1975-1984)

Dissertação avaliada em 12/05/2016 com conceito APROVADO

**BANCA EXAMINADORA**



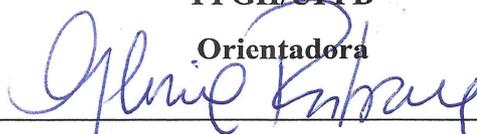
---

**Professora Dra. Susel Oliveira da Rosa**

**Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba**

**PPGH/UFPB**

**Orientadora**



---

**Professora Dra. Gloria de Lourdes Freire Rabay**

**Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – Universidade Federal da Paraíba**

**PPJ/UFPB**

**Examinadora Externa**



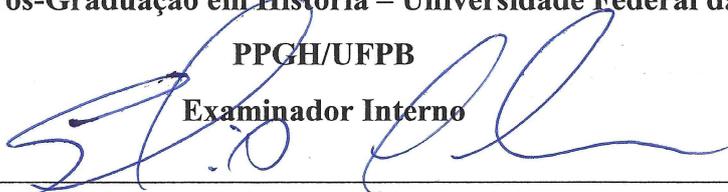
---

**Professor Dr. Paulo Giovani Antonino Nunes**

**Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba**

**PPGH/UFPB**

**Examinador Interno**



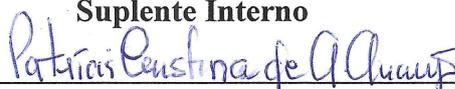
---

**Professor Dr. Elio Chaves Flores**

**Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba**

**PPGH/UFPB**

**Suplente Interno**



---

**Professora Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo**

**Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores – Universidade**

**Estadual da Paraíba, PPGFP/UFPB**

**Suplente Externo**

A Maria de Lourdes de Sousa, Josefa Ermina Cobé, Maria do Céu Cobé de Lima e a Beatriz Pedro da Costa (*In Memoriam*), que com suas memórias e resistências contribuíram para inscrever a luta das mulheres do campo na História paraibana recente. Dedico!

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela força dada para vencer os obstáculos da vida, pelas alegrias e sonhos que me fez realizar e, sobretudo, por me ter permitido chegar até aqui. Hoje, mestre.

A minha mãe, Ana Maria Vieira Pereira, mulher de palavra firme e positiva em suas ações. Sempre me incentivou a seguir sonhos e me acompanhou da forma presente nos momentos alegres e tristes de minha vida. Professora dedicada, mesmo sem perceber, contribuiu muito para o amor que hoje cultivo pela profissão, que também escolhi para seguir.

Ao meu pai, Antonio Pereira Sobrinho, homem de riso fácil e de anedotas na ponta da língua, que sempre soube me passar os melhores princípios do bem servir e do ser honesto para com o outro. Exemplo de homem do campo que tanto me inspirou a gostar da história destes sujeitos sociais tão negligenciados pela História.

A minha segunda mãe, Azenete Pereira Barros (Tia Nete), mulher de personalidade forte, algumas vezes de difícil convivência, mas que sabe amar de maneira muito singela. Ela foi responsável por parte significativa de minha formação humana.

Ao meu avô, Sebastião Felix da Costa (*In Memoriam*), mesmo não mais entre nós, foi muito importante para o amor que tenho pela História, pois em seus momentos de narrativa me fazia viajar pelo mundo da imaginação, contando “Histórias de Trancoso”. Ele tornou minha infância mais feliz.

A Josinaldo Rodrigues de Farias e Mônica do Socorro Costa (tia Mônica), que me apoiaram nesses 30 meses de idas para João Pessoa e para a UFPB, pois era em sua residência que fui recebido e acolhido como um filho.

Aos parentes (tios, tias, primos e primas) que tanto deram força para que chegasse até aqui.

A Helena Maria da Costa Silva, Vilma Clécia da Costa Silva e a Stênio Elson Costa Araújo, que, além de primos, são amigos que sempre estão presentes nos momentos de alegria e de partilha.

A todos os amigos dos tempos da UEPB, turma 2008.1, em especial a Kaline Ferreira Costa, Sandro Garcia, Maria Regina Alves dos Reis (comadre) e Cezar José da Silva, que se tornaram também grandes e fiéis amigos.

A minha namorada, Maria Auberlane do Nascimento Lima (Bela), pelo apoio que vem me dando nestes dois anos.

Aos amigos, Adney Galdino da Silva, Erinaldo Dias de Amorim, Severino Justino (compadre), Hayldon Pereira Barros, Genira Pereira Costa, Geniclaúdio Bezerra, Dayane Nascimento Sobreira, Taynnã Valentim Rodrigues, Thuca Kécia Morais de Lima e todos os outros que em muitos momentos me deram palavras de apoio e compartilharam momentos de alegria mútua.

A minha Orientadora, Dra. Susel Oliveira da Rosa, pelo apoio nos percursos da pesquisa, pela paciência ao encarar minha ansiedade e principalmente por ter acreditado na viabilidade de minha pesquisa.

À turma 2014 do programa de Pós-Graduação em História PPGH/UFPB, pelos cafés partilhados, os momentos de risadas nos corredores da universidade. A partilha dos medos e das angústias foram importantes para a consolidação de novas e importantes amizades.

Aos ex-colegas de trabalho, Agentes de combate às endemias. Todos vocês formam muito importantes, pois partilharam comigo a primeira experiência de trabalho e se dispunham a ouvir meus sonhos de estudar e conseguir ingressar em uma pós-graduação em História.

Aos amigos e companheiros de profissão Joelma Rocha Anacleto, Erituza de Araújo Alves, Rita de Cassia Borges Pereira, Tânia Maria Barbosa da Silva e Temístocles Basto Maciel, pelo apoio que me deram nesta jornada e pelas palavras de incentivo que sempre ouvi de suas bocas.

A todos os companheiros da escola Irmão Damião, em Lagoa Seca-PB: professores, técnicos, todos contribuíram para a efetivação deste trabalho.

Aos meus alunos, que são a base e a motivação para que eu estude e aprofunde meus conhecimentos sobre a História.

A todos os meus eternos professores que, em vários momentos da vida, contribuíam para minha formação. Dentre eles, destaco: Vera Lucia Vieira da Silva (tia Vera), do Ensino Fundamental, Ana Lucia Alves de Aquino (Lucinha), do Ensino Médio, e Dra. Patrícia Cristina Araújo Aragão, da graduação. Profissionais que contribuíram sobremaneira para minha formação e por quem guardo todo meu respeito.

A Maria de Lourdes de Sousa, Josefa Ermina Cobé, Maria do Céu Cobé de Lima e a Beatriz Pedro da Costa (*In Memoriam*), lideranças do Engenho Geraldo que, de forma tão amistosa e solícita, prontificaram-se a partilhar suas histórias de vida e de luta nos movimentos do campo.

Aos moradores da comunidade Engenho Geraldo, pelas informações prestadas, pelas fontes partilhadas.

A seu Antônio Soares de Lima (Antônio Flor), pela solicitude em me ajudar com informações e dados para esta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em História PPGH/UFPB, pelo apoio institucional.

Ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Nova-PB pelas informações prestadas.

## RESUMO

Pensar as escritas de si refletidas nas memórias de mulheres lideranças camponesas entre os anos de 1975 e 1984 diz respeito a uma produção historiográfica. Assim, esta dissertação traz à luz escritos sobre as trajetórias de luta de Maria de Lourdes de Souza – Quincas; Josefa Ermina Cobé – Nê m Cobé; Maria do Céu Cobé e Beatriz Pedro da Silva, líderes comunitárias que lutaram pelos direitos dos/as trabalhadores/as rurais do Engenho Geraldo de Alagoa Nova-PB. Elas são apresentadas na perspectiva de uma narrativa cujo objetivo é construir a história dos anos de luta na comunidade. Buscam-se perceber os aspectos relacionados às memórias das quatro líderes camponesas que atuaram diretamente na luta pelo direito à posse da terra, promovida pelos/as trabalhadores/as da comunidade supracitada. Baseando-se no aporte teórico dos debates sobre gênero apresentados por Joan Scott (2006); sobre escritas de si, elaborados por M. Foucault (1992) e seus comentadores; sobre amizade, por F. Ortega (2002) e sobre memória, por M. Halbwachs (2006), pretende-se contribuir com o fortalecimento da história dos movimentos sociais e das mulheres no Estado da Paraíba, tecendo nestes escritos uma narrativa possível para problematizações futuras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita de si. Amizade. Memória. Mulheres camponesas. Reforma agrária.

## **ABSTRACT**

Considering the self-writings reflected on the memories of peasant leadership women between the years of 1975 and 1984 concerns to historiographical production. Thus, this dissertation brings to light scriptures about the struggling trajectories of Maria de Lourdes de Souza – Quincas; Josefa Ermina Cobé – Nêm Cobé; Maria do Céu Cobé and Beatriz Pedro da Silva, female community leaders who fought for the rights of rural workers of Engenho Geraldo from Alagoa Nova-PB. They are presented according to a narrative perspective, which objective is building up the history of the struggling years in the community. It is sought to apprehend herein aspects related to those memories belonging to the four female peasant leaders, who acted directly in the struggle for the rights to land ownership promoted by the workers in the community mentioned above. Based on the theoretical support provided on genre debates, by Joan Scott (2006); on self-writings, by M. Foucault and his commentators (1992); on friendship, by F. Ortega (2002) and on memory, by M. Halbwachs (2006), it is intended to contribute to the fortification of social movements' history and women's history in the state of Paraíba, by plotting from such scriptures a possible narrative for further questionings.

**KEYWORDS:** Self-writing. Friendship. Memory. Peasant women. Land reform.

## LISTA DE SIGLAS

**ACE:** Agente de Combate às Endemias  
**AP:** Ação Popular  
**AI-5:** Ato Institucional Número Cinco  
**CEBs:** Comunidades Eclesiais de Base  
**CPT:** Comissão Pastoral da Terra  
**Crs:** Cruzeiros  
**CONTAG:** Confederação dos Trabalhadores na Agricultura  
**CUT:** Central Única dos Trabalhadores  
**CNBB:** Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
**DOPS-PB:** Departamento de Ordem Política e Social da Paraíba  
**ETER:** Escola Técnica Redentorista  
**FETAG:** Federação dos Trabalhadores na Agricultura  
**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
**INCRA:** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
**JAC:** Juventude Agrária Católica  
**JEC:** Juventude Estudantil Católica  
**JIC:** Juventude Independente Católica  
**JOC:** Juventude Operaria Católica  
**JUC:** Juventude Universitária Católica  
**MER:** Movimento de Evangelização Rural  
**MMB:** Movimento das Mulheres do Brejo Paraibano  
**MMT:** Movimento de Mulheres Trabalhadoras  
**MST:** Movimento Sem Terra  
**NDIHR:** Núcleo de Documentação e Informação História Regional  
**PB:** Paraíba  
**PC do B:** Partido Comunista do Brasil  
**PDS:** Partido Democrático Social  
**PPGH:** Programa de Pós-Graduação em História  
**PROÁLCOOL:** Programa Nacional do Alcool  
**SAC:** Senhoras da Ação Católica  
**SNI:** Serviço Nacional de Inteligência  
**STR:** Sindicato dos Trabalhadores Rurais  
**TCC:** Trabalho de Conclusão de Curso  
**UEPB:** Universidade Estadual da Paraíba  
**UFPB:** Universidade Federal da Paraíba  
**UMSP:** União das Mulheres de São Paulo

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b>	Mapa territorial do Engenho Geraldo .....	<b>33</b>
<b>FIGURA 2</b>	Convite da missa de 1º aniversário de morte de Pedro Tavares de Melo Cavalcante .....	<b>55</b>
<b>FIGURA 3</b>	Missa no território do Engenho Geraldo .....	<b>60</b>
<b>FIGURA 4</b>	Assinaturas dos moradores do Engenho Geraldo .....	<b>68</b>
<b>FIGURA 5</b>	Quincas e Lourdes Paulino em celebração comunitária .....	<b>71</b>
<b>FIGURA 6</b>	Quincas e Nêm Cobé em reunião comunitária .....	<b>94</b>
<b>FIGURA 7</b>	João de Deus e seus pais (Nêm e João Cobé) .....	<b>104</b>
<b>FIGURA 8</b>	Casa grande e engenho da propriedade Engenho Geraldo (1970) ...	<b>142</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>QUINCAS: ENLACES ENTRE A MULHER CAMPONESA E O</b>	
<b>PERTENCE À TERRA.....</b>	<b>28</b>
<b>1.1 Entre a professora e a líder camponesa: escritas de si de uma</b>	
<b>educadora do campo.....</b>	<b>29</b>
<b>1.2 A casa de Dona Lourdes Grande, os ensinamentos da JAC e a</b>	
<b>formação religiosa.....</b>	<b>43</b>
<b>1.3 “A gente passou 10 anos fazendo o povo compreender”: O respeito e a</b>	
<b>liderança conquistados na comunidade.....</b>	<b>53</b>
<b>1.4 “Lourdinha, comadre Beatriz e Dona Nêm Cobé”: A força da</b>	
<b>amizade é a força da luta.....</b>	<b>62</b>
<b>1.5 “Vou começar por minha descendência de escravos”: Infância e</b>	
<b>trajetória de vida de uma líder negra.....</b>	<b>73</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>“MINHA INFLUÊNCIA COM O POVO ERA MEU</b>	
<b>COMPROMISSO DE LUTA”: DA FORÇA DA AMIZADE AO</b>	
<b>ENGAJAMENTO POLÍTICO DE NÊM E MARIA DO CÉU COBÉ... 81</b>	
<b>2.1 Nêm Cobé: da infância à formação política nos movimentos.....</b>	<b>82</b>
<b>2.2 A amizade e compromisso político na luta.....</b>	<b>89</b>
<b>2.3 A liderança que perdura entre gerações: o legado de Nêm para Maria</b>	
<b>Cobé .....</b>	<b>103</b>
<b>2.4 Os fazeres e atuação política de Maria do Céu .....</b>	<b>111</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>BEATRIZ: “A VOZ QUE CANTOU A FORÇA DO POVO” .....</b>	<b>119</b>
<b>3.1 Uma trajetória dedicada ao Engenho Geraldo .....</b>	<b>121</b>
<b>3.2 O canto de fé e a graça da terra conquistada .....</b>	<b>130</b>
<b>3.3 A “derrubada das cercas” e a prisão dos posseiros: atos públicos e</b>	
<b>resistência política .....</b>	<b>137</b>
<b>3.4 Entre um novo sindicalismo e as novas demandas da comunidade .....</b>	<b>147</b>
<b>3.5 O Engenho Geraldo e o protagonismo dos movimentos de mulheres</b>	
<b>na Paraíba.....</b>	<b>151</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>158</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>

## INTRODUÇÃO

Procurava uma pesquisa que me levasse a caminhos nunca antes percorridos. Nesse sentido, propus-me, em 2011, quando ainda era estudante de graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba, a buscar um objeto de estudo que me desse prazer e que me inserisse no campo da pesquisa histórica. Produzir uma escrita da História que me encaminhasse a um grau de ineditismo e que viesse a contribuir para a construção de um saber do lugar onde vivo tornam-se objetivos que traço para minha vida acadêmica a partir de então. A narrativa sobre as memórias de mulheres camponesas veio-me como inspiração quando, certo dia, deparei-me com a seguinte situação.

Era uma, dentre tantas andanças de trabalho à época, no exercício da função de Agente de Combate às Endemias - ACE. Recebi um convite inesperado para um café na comunidade Engenho Geraldo de Alagoa Nova-PB, na casa de Dona Maria do Céu Cobé. Já eram umas 10 horas da manhã; eu estava realmente com “muita fome” - em um sentido dúbio da palavra, diga-se: abstenção orgânica do alimento, mas também sentindo a necessidade de um objeto de pesquisa que pudesse ser inovador para caminhos acadêmicos que pretendia trilhar. A anfitriã, de maneira serena e com palavras de quem muito bem sabia acolher visitas, apresentou sua residência para que eu pudesse realizar meu trabalho. Lembro-me que seus traços marcantes, premiados por uma facilidade na conversa, logo chamaram-me à atenção. Maria do Céu trazia uma forte compreensão sobre as coisas do mundo e sobre as experiências da vida em comunidade.

Rapidamente, pôs uma tigela de macaxeira com carne cozida e um cafezinho passado na hora. Sentei-me à mesa ao lado de seu esposo (Antônio Flor) e dos três netos, que lhes faziam companhia durante a semana, pois a filha trabalhava como empregada doméstica em Campina Grande-PB<sup>1</sup>. Em meio a conversas, fartura de comida e após o trabalho de vigilância em saúde concluído, Maria do Céu e seu esposo começam a falar das vivências partilhadas nas dificuldades do cotidiano e, sobretudo, as que enfrentaram no passado, quando ainda eram posseiros do Engenho Geraldo.

A conversa perdurou por um bom tempo. Percebi que suas falas adentravam num campo de conhecimento sobre práticas da vida e saberes ditos “informais” com os quais a História Oral lida, e que me eram caros para a pesquisa que procurava. Aquela senhora relatou que o Engenho Geraldo passou por um processo de reforma agrária entre os anos de 1975 a 1984, período de intensa efervescência política para os/as moradores/as da

---

<sup>1</sup> Segunda maior cidade do estado da Paraíba.

comunidade, que passaram a reivindicar a posse daquela terra. Com o aprofundamento da conversa, ela disse ter sido sua mãe (Nêm Cobé) uma das líderes do movimento. Neste momento, tomo-me de ansiedade por saber mais de suas memórias, mas tive de interromper nossa conversa devido ao transcorrer das horas e à necessidade de terminar o trabalho nas outras residências da localidade.

A “semente da curiosidade” estava plantada e partir de então passei a ter outro olhar sobre a comunidade, além de mais contatos com a família de Maria Cobé. Outras vezes nos encontramos e sempre novas informações foram concedidas. Assim, debruçado sobre a História Oral de Vida e os saberes das narrativas desta mulher, empreendo, desde então, pesquisas na comunidade. Se, em um primeiro momento, para a elaboração de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), fiz um paralelo entre os saberes de Josefa Ermina Cobé e os saberes de uma educação não formal nas pesquisas de minha graduação em História, agora apresento outras vozes, com suas histórias possíveis e com suas feminilidades particulares de liderança na comunidade.

Feminilidades entendidas como aparatos culturais múltiplos, que inserem estas mulheres em uma narrativa que observa as particularidades de cada uma e as apresenta nos enredos narrativos da resistência ao poder repressor do regime civil/militar brasileiro nas décadas de 1970 a 1980. De acordo com Rosa (2015), as mulheres que lutaram naquele momento eram duplamente transgressoras, pois se insurgiam como agentes políticos (luta contra o poder estabelecido), mas também nas disputas de gênero (com a ruptura do padrão vigente).

As narrativas de vida das mulheres camponesas na comunidade Engenho Geraldo<sup>2</sup> tornam-se o objeto de estudo para esta pesquisa, que se delinea a partir das escritas de si construídas sobre as narrativas das vivências de quatro mulheres líderes camponesas - Quincas, Nêm Cobé, Beatriz Pedro e Maria Cobé<sup>3</sup> -, percebendo-as como protagonistas que, em suas práticas de militância em prol da coletividade, conseguiram conquistas para si e para toda a comunidade a que pertenciam. Suas sociabilidades são traços de uma narrativa construída durante os 10 anos de luta social dos/as trabalhadores/as.

---

<sup>2</sup> O Engenho Geraldo foi uma propriedade rural de aproximadamente 2.500 hectares, pertencente à família Tavares De Melo Cavalcante, localizada no município de Alagoa Nova-PB. Em 1984, passou por reforma agrária promovida pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Nestas terras, 555 famílias foram beneficiadas com lotes. Dados obtidos na Gerência Regional do INCRA, no Bairro Pedro Gondim, em João Pessoa-PB, em 15 de maio de 2014.

<sup>3</sup> Maria de Lourdes de Sousa (Quincas), Josefa Ermínia Cobé (Nêm Cobé), Beatriz Pedro da Costa e Maria do Céu Cobé de Lima, mulheres que iniciaram um processo de sensibilização comunitária para a obtenção de uma reforma agrária na comunidade Engenho Geraldo, no município de Alagoa Nova-PB, entre os anos de 1975 e 1984. Com esta pesquisa, pretendo traçar, a partir da memória de cada uma delas, as suas atuações como militantes e mulheres camponesas de sua época.

Lançar o olhar sobre as mulheres, para Perrot (2002), abre possibilidades de análise, para problematizá-las como protagonistas de ações que são refletidas nas memórias coletivas de um grupo. Destarte, ao narrar a história das lideranças femininas do Engenho Geraldo, estou tecendo a história da luta pela terra naquela comunidade numa perspectiva da história das mulheres, ao mesmo tempo que construo pontes com o saber historiográfico produzido sobre as lutas e resistências dos movimentos sociais do campo ocorridas durante aquelas décadas no Brasil e, em específico, na Paraíba.

Quando se fala em movimentos sociais do campo no estado da Paraíba, é preciso levantar questões relacionadas a uma primeira instância, ao histórico de concentração de terras que aqui se consolidou desde o período colonial, passando pela lei de terras de 1850 e se efetivando ainda mais no século XX, com o surgimento dos grandes latifúndios monocultores.

Cantalice (1985) apresenta este histórico de concentração de terras e poderes na Paraíba como sendo um dos principais fatores para a existência de inúmeros conflitos sociais que surgiram desde o período colonial e se perpetuam até os dias atuais. Ela aponta o surto de desenvolvimento que atinge o Brasil após a década de 1950 como fator potencializador destes conflitos. Além disso, os anos pós 1964 foram ainda mais “duros” para a questão agrária paraibana, pois começa a se edificar uma verdadeira cortina de ferro em torno dos conflitos agrários na região.

A partir do surto de desenvolvimento econômico surgido em meados dos anos 50 até início da década seguinte, a Paraíba já havia tido surtos de movimentos sociais do campo, época está por exemplo das Ligas Camponesas. No entanto, depois de 1964 sob a repressão do governo autoritário, enquanto eram acionados mecanismos diversos de integração de integração ideológica e controle governamental dos pequenos produtores rurais, os conflitos assumiram forma de luta organizada [...]. Após 1975, o Programa Nacional do Alcool – PROÁLCOOL, desrespeitando áreas até então reservadas para cultura de alimentos há um vertiginoso aumento dos conflitos sociais por terra na paraíba (CANTALICE, 1985, p. 20).

Para a autora, é sobretudo após o ano de 1975 que os conflitos sociais se intensificam, muito por conta da especulação lucrativa em torno das terras e dos incentivos fiscais do Governo Federal para o plantio de cana-de-açúcar para as usinas beneficiadas pelo PROÁLCOOL<sup>4</sup>. Soma-se a isto o fato de que o país estava vivendo um

---

<sup>4</sup> O PROÁLCOOL ou Programa Nacional do Alcool foi um programa de substituição em larga escala dos combustíveis veiculares derivados de petróleo por álcool combustível, Este programa foi financiado

período de repressão política ocasionado pelo regime ditatorial vigente à época. Ademais, após o fim desta década, havia, de certo modo, uma pequena abertura política para a consolidação de movimentos de contestação do poder dos generais.

Assim, a narrativa que busco traçar observa que estes fatores históricos são intimamente ligados ao movimento social ocorrido na comunidade Engenho Geraldo. Desta feita, este caso específico de luta dos/as trabalhadores/as do campo não pode ser pensado de forma isolada de um contexto sócio-histórico mais abrangente.

A narrativa que segue apresenta as nuances das atuações de cada uma delas, verificadas em seus discursos e falas. Suas memórias, evidenciadas a partir de *escritas de si*, apresentam-se na forma como elas escrevem uma narrativa oral sobre suas existências no mundo e como pretendem ser vistas por aqueles que as acompanham no presente ou mesmo os que as viram como líderes do movimento social. Como bem defende Rago (2006, 2011, 1998), este conceito é essencial para a construção de uma História possível, pautada no conhecimento de mundo que elas trazem.

Para tanto, é perceptível a necessidade de problematização sobre a efetivação dos laços de amizade construídos entre essas mulheres. Amizade pautada em uma visão plural de interpretação de mundo, que se assemelha a uma construção subjetiva múltipla a quebrar a hegemonia ocidentalizante sobre tal relação humana. A reciprocidade e o carinho mútuo como sustentáculos para a vontade de lutar e a obtenção de direitos comuns a todos/as da comunidade são marcas que promovem a aproximação ao que assevera Ionta (2007), ao construir nesta relação a possibilidade de uma categoria teórica para estudo.

A amizade torna-se o elemento de ligação entre as quatro líderes, quando este aparato subjetivo é utilizado por elas em vários momentos de suas memórias para demonstrar de onde buscavam a força e a motivação para participar da luta. Falas neste sentido são recorrentes no discurso das quatro mulheres. Afinal, não era só o desejo de obtenção do direito a plantar e ter um pedaço de chão. Para além disto, todas narram a felicidade em estar no grupo e poder partilhar conhecimentos com os outros, além de ter um cuidado com os outros que também se estende ao cuidado de si.

Ionta (2007) reforça os ditos de Ortega (2002), ao trazer para a polis grega a origem da amizade como fenômeno humano de caráter político. Para ela, tal manifestação seria caracterizada por uma evocação ao espaço público do cuidado pelo outro. Esta função seria, antes de tudo, política, pois reforçaria os laços de união entre aqueles que pertenciam ao mesmo grupo.

---

pelo governo do Brasil a partir de 1975, com a criação do Decreto n. 76.593, instruído devido à crise mundial do petróleo.

Uma das instituições fundamentais gregas que permaneceu desde a época Homérica até a democracia clássica e as monarquias helenísticas é formada por um tipo de associação entre amigos a hetéria. Trata-se de uma relação política de camaradagem, militar, uma fraternidade em alma, um “clube político”, no qual os homens da mesma idade e camada social ingressavam na juventude e ficavam na velhice (ORTEGA, 2002, p. 22).

Talvez o exemplo da hetéria<sup>5</sup> sirva-nos para começar a pensar o quanto o fenômeno da amizade é algo que transcende aos tempos históricos, trazendo consigo continuidade e rupturas. Quando o autor se debruça sobre a Antiguidade clássica para pensá-la como origem das relações amistosas entre os humanos, e nesta narrativa traz a amizade como um fenômeno que ganhava espaços exclusivos aos homens, em certo sentido, ele mostra que esta categoria epistêmica se consolidou em diversos momentos da História ocidental, perpetuando muitas vezes espaços de exclusão, mas também sendo mola precursora de transcrições que possibilitaram aos “excluídos” da história galgar espaços de resistência.

A amizade das mulheres no Engenho Geraldo seria uma forma de resistência à repressão que historicamente foi construída para o feminino. Quando falo nas relações amistosas nas páginas que se seguem, busco pensar que as lutas e as vozes concedidas nos espaços públicos da comunidade às mulheres formaram uma leitura que pode ser vista como uma ruptura histórica ao que se ditou no mundo ocidental como “espaço de/para mulher”.

Algumas pontes narrativas são necessárias para ligar esta pesquisa ao caráter epistêmico da Amizade. A primeira delas é espacialidade da narrativa. Encontro respostas na Geografia e na dinâmica da cultura local. A comunidade está localizada no Brejo Paraibano, região que concentra uma das mais altas densidades demográficas<sup>6</sup> do estado da Paraíba. A zona rural, por ter características de proximidade entre as moradias, facilita o deslocamento e a união em conversas e festejos. A zona urbana, inclusive, está próxima à comunidade, além do fato de a região dispor de terras muito valiosas.

Todos estes fatores levaram a dinâmica cultural local a obedecer a particularidades proporcionadas pelas proximidades das pessoas, possibilitando, mesmo em um contexto rural, a união e as partilhas públicas de problemas comunitários. Assim, a relação que se

---

<sup>5</sup> Associação entre amigos no mundo grego.

<sup>6</sup> Segundo dados do IBGE, Alagoa Nova, nos dias atuais, possui densidade demográfica de 160,98 Hab./km<sup>2</sup>. Esta é uma alta concentração populacional em comparação a média das comunidades rurais de outras regiões da Paraíba. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250040&search=||info%20gr%20E1%20ficos%20informa%20E7%20F5es-completas>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

constrói na comunidade pode ser percebida por intensa sociabilidade na união de seus moradores.

Outra reflexão se dá quanto à relação entre as mulheres do Engenho Geraldo e as vivências amistosas. Lançar olhares sobre esta comunidade e sobre as amizades construídas, naquilo que Rosa (2014) denomina de “amor pelo mundo”, manifesta interesse por questões que despontam em diversos tempos históricos. Mas que, aqui, edificam-se nas formas como as quatro traçaram ideais de contestação à repressão política, ao machismo e ao cerceamento do direito básico à terra. Expor suas experiências em espaços públicos foram atos políticos que contribuíram fortemente para a criação de uma base sólida de lutas.

Com respeito às amizades femininas, podemos constatar um destino análogo ao das masculinas, sobe a influência da medicalização da homossexualidade. Os estudos clássicos de Lilian Farderman e Carroll Smith-Rosenberg, entres outros, constataram a existência entre o renascimento e o século XIX, de uma subcultura da amizade feminina, para além dos discursos filosóficos canônicos sobre o tema exclusivamente masculinos e falocêntricos (ORTEGA, 2002, p. 151).

Ao se pensar que os encontros e partilhas de experiências das líderes deste movimento geraram tensões sociais “por serem mulheres” atuando politicamente em prol de uma causa, e que as relações de companheirismo construídas por elas tiveram caráter contestatório aos modelos vigentes, busco analisá-las a partir do olhar da categoria epistêmica Amizade.

As relações que moldam as subjetividades de Quincas, Nêm Cobé, Maria do Céu e Beatriz Pedro são construções de si, elaboradas a partir da amizade que se delineia nas ações públicas de expressão do amor pela comunidade. Faziam isto tendo como pano de fundo a perseguição a seus direitos civis. Elas, portanto, edificam relações que permitiram ampliar a luta por uma causa na sociedade brasileira da época: o direito à terra. Sobre estas tensões que motivaram centenas de brasileiras a enveredar pelas diversas lutas e movimentos sociais, é relevante citar Delsy Gonçalves e Nilce Cardoso, mulheres apresentadas pela historiadora Susel Oliveira da Rosa em sua obra *Mulheres, Ditaduras e Memórias* como protagonistas de outras lutas que permeavam o cenário histórico contemporâneo: a luta do Engenho Geraldo.

O cuidado com o mundo visto em Delsy e Nilce é percebido em suas ações de militância em vários estados brasileiros. Este amor, para Rosa (2013), intensifica-se no

momento em que, por circunstâncias múltiplas, o destino as coloca em contato quanto à ida de Delsy a Porto Alegre, momento em que Nilce a ajuda na sua hospedagem em uma pensão.

Este fragmento da história de vida de ambas, para a historiadora, serve como pressuposto ao tencionar como o mundo era entendido por estas mulheres. O mundo é construído como um espaço-entre, e não como algo sobre o qual os homens estão dispostos. Esta visão foi apresentada pela filósofa Hannah Arendt ao pensar as perseguições sofridas por sujeitos históricos no desenvolver da Modernidade.

H. Arendt (2008) pôs-se a escrever discurso pronunciado para o recebimento do prêmio Lessing<sup>7</sup> na cidade livre de Hamburgo, na Alemanha. Na ocasião, a autora traça o gosto para a vida construído por Lessing nos tempos sombrios europeus do final do século XIX e início do século XX. Em sua vida, fatos sobre o amor e o culto à amizade de maneira plural são trazidos à tona na escrita da autora e é sobre esta perspectiva que tal leitura influencia estes escritos. O amor pelo convívio em comunidade e a amizade pública para com suas companheiras eram sentimentos comuns às mulheres do Engenho Geraldo. A energia que move o gosto pela vida e por suas bandeiras de reivindicações seria, a meu ver, o ponto de ligação entre o pensamento da autora e as práticas destas mulheres, evidenciadas, sobretudo, na maneira de expressar a amizade como partilha e ação no mundo público.

Lessing, no contexto histórico do século XVIII, põe-se a encarar a vida com um sentimento de Fraternidade, que, para H. Arendt (2008), era típico das influências dos pensamentos revolucionários franceses vigentes à época. A amizade que se expressa para ele no sentimento comum à vida dos que sofriam por serem reprimidos, perseguidos e humilhados era alimentada pela fraternidade que na Revolução Francesa potencializa.

A Fraternidade, que a revolução Francesa acrescentou à liberdade e à igualdade que sempre foram categorias da esfera política do homem – essa fraternidade tem seu lugar natural entre os reprimidos e perseguidos, os explorados e humilhados, que o século XVIII chamava de infelizes, *les malheureux*, e o século XIX de miseráveis, *les misérables*. A compaixão, pela qual tanto Lessing como Rousseau (embora em contextos muito diferentes) desempenharam um papel tão extraordinário com a descoberta e demonstração de uma natureza humana comum a todos os homens, tornou-se pela primeira vez o motivo central dos revolucionários com Robes Pierre (ARENDR, 2008, p. 22).

---

<sup>7</sup> Homenagem ao dramaturgo alemão Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781).

As relações amistosas que estas quatro mulheres constroem em suas atuações políticas são ligadas por elementos comuns à realidade de sofrimento que passaram em suas vidas e/ou que presenciaram entre os/as seus/suas companheiros/as agricultores/as. As mulheres líderes do Engenho Geraldo constroem-se a partir de ideais comuns de envolvimento a uma causa, atuando como formas de obtenção de seus objetivos de vida.

A amizade analisada como sustentáculo para uma série de relações e disputas de poderes que se instituem em dado momento no ambiente de convivência das quatro lideranças conduz à necessidade de redimensionamento da visão clássica lançada sobre tal categoria epistêmica. Segundo Ortega (2002), a visão androcêntrica da amizade teria suas origens no mundo greco-romano, permanecendo no transcorrer da História ocidental como algo restrito ao universo masculino.

A genealogia da amizade ajuda a compreender como a amizade (a qual tinha uma função fundamental na organização sociopolítica e cultural das civitas da antiguidade, e que continuou sendo um elemento significativo no tecido social e relacional da modernidade – fazendo parte das redes de sociabilidade e convivialidade que ligavam os indivíduos entre si) foi progressivamente desaparecendo do espaço público, deslocando-se cada vez para a esfera privada e doméstica, e sendo posteriormente integrada à família nuclear (ORTEGA, 2002, p. 15).

O fenômeno da amizade que se fez presente nas instâncias de sociabilidade humana no transcorrer das épocas no mundo ocidental ganha conotações que, em certo momento da modernidade, passam a ser restritas a uma gradativa esfera do privado, propiciando a ruptura de valores tão ricos às relações humanas. Muito embora esta realidade não seja uma unanimidade, basta percebermos os exemplos de Rosa (2013) com relação a Nilce Cardoso, Danado Prado e Flávia Schilling, mulheres que trouxeram para a esfera política brasileira suas próprias atuações de militantes como exemplos para diversas outras. Aqui, vê-se que as líderes do Engenho Geraldo não foram únicas para a conjuntura da época.

Nilce, Danda e Flávia viveram os “tempos sombrios” da ditadura militar, inventando possíveis para além das capturas biopolíticas. Suas narrativas-femininas, vale dizer - não são heroicas e tão pouco lamentam o destino da revolução. São narrativas que privilegiam “dever-revolucionário” - para Deleuze o único capaz de conjurar a vergonha de ser um homem e responder intolerável - em mulheres que permanecem empenhadas com o mundo até hoje (ROSA, 2013, p. 21).

Ao pensar as mulheres como agentes protagonistas da História, comungo com as novas visões criadas para o saber da historiografia e também com os olhares dirigidos à História Cultural, defendida por Burke (2008) ao dissertar que o papel do historiador cultural é repensar e reescrever as histórias já escritas, com o olhar clínico para os ditos “excluídos” (mulheres, negros, pobres etc.). Desse modo, ao pensar a história de vida das mulheres desta comunidade, estou construindo um exercício de edificação de um novo discurso sobre elas, que outrora não foram vistas como protagonistas da História.

Outros trabalhos nos campos da História e das Ciências Sociais, a exemplo de Silva (2005)<sup>8</sup>, Santos (2013)<sup>9</sup> e Oliveira (1985)<sup>10</sup>, foram elaborados sobre tal espaço-temporalidade, tendo em vista a repercussão social que o movimento do Engenho Geraldo, de Alagoa Nova-PB, alcançou na Paraíba à sua época e a posteriori. Vale dizer também que tal período foi permeado por uma efervescência de acontecimentos políticos e sociais no que se refere à repressão ideológica criada pela ditadura civil-militar brasileira. Estes fatores já se tornam por si só interessantes como objetos de estudos para outros pesquisadores.

A relação entre as mulheres líderes no Engenho Geraldo e outras lideranças femininas do campo na Paraíba pode ser apontada em grande medida quando se notabiliza a contribuição histórica de Margarida Maria Alves e Maria da Penha do Nascimento, ambas presidentes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande-PB, cidade do Brejo paraibano também citada. Tais mulheres contribuíram de forma decisiva para a consolidação de vários direitos dos trabalhadores do campo na região e muito provavelmente tiveram participação crucial na consolidação de uma memória coletiva sobre a história das lutas dos/as trabalhadores/as rurais neste estado.

Margarida participou, juntamente com sua companheira de lutas, Maria da Penha, da criação de um movimento político de mobilização das mulheres do Brejo paraibano, conhecido como MMB (Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo Paraibano). O MMB foi responsável pela articulação política de milhares de mulheres trabalhadoras na região para lutas por melhorias nas relações de trabalho, principalmente no campo e na busca por direitos cerceados historicamente.

---

<sup>8</sup> Cf. SILVA, Marcos Paulo. **Camponeses na resistência cotidiana: uma História do Sítio Geraldo – Matinhas-PB**. 2005. 48f. Monografia (Graduação em História) - Departamento de História, Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>9</sup> Cf. SANTOS, Maíra Rodrigues. “**Agora eu vou à luta**”: as mulheres paraibanas na resistência à ditadura militar. 2013. 50f. Monografia (Graduação em História) - Departamento de História, Universidade Federal da Paraíba.

<sup>10</sup> Cf. OLIVEIRA, Fernando Garcia. **La lutte pour la terre et la Résistance paysanne depuis de quinze ans**. Paris: Universidade de Paris, 1985.

Como movimento mais significativo de mulheres na Paraíba, ressaltamos o Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo Paraibano (MMB), que surgiu em 1981 como setor de mulheres da Pastoral Rural e se constituiu em 1985 como movimento autônomo, abrangendo no seu interior várias mulheres. O movimento possuía sua coordenação própria e tinha como objetivo promover uma maior participação da mulher no movimento popular e sindical e enfrentar os problemas específicos da mulher (relação homem/mulher, família, saúde da mulher, educação sexual, etc. (DUARTE, 2012, p. 13).

Apesar de não ter havido uma ligação direta entre o MMB e as mulheres do Engenho Geraldo (pelo menos as fontes e entrevistas colhidas não fazem referência), torna-se importante elencá-lo para perceber o quanto a atuação deste movimento teve influência no encorajamento de lideranças femininas em vários outros movimentos, a exemplo do Engenho Geraldo.

Ainda sobre a relação entre discursos lançados pela sociedade no que se refere à repressão e à contestação da liberdade feminina, é evidente que personagens da História são de importante rememoração, até para apoiar a narrativa que se constrói. Por exemplo, foi claramente relevante o protagonismo de Elizabeth Teixeira, Margarida Maria Alves e Maria da Penha do Nascimento no contexto político em que a Paraíba se envolvia, inserido em tensões que eram de âmbito nacional. Mas é válido lembrar que estas três mulheres, assim com Quincas, Maria do Céu, Nêm e Beatriz, estavam enredadas em momentos históricos em que o feminismo direta ou indiretamente as influenciava.

O feminismo que foi retomado no Brasil na década de 1970 tem histórias entrecruzadas e conflitivas. Essas histórias merecem uma análise mais detalhada, visando observar, não necessariamente a verdadeira data brasileira do renascimento do feminismo, mas sim as disputas que se constituíram (PEDRO, 2006, p. 250).

Ao fazer esta reflexão sobre o contexto das mobilizações sociais em torno do feminismo, Pedro (2006) traz à tona análises que norteiam as mobilizações da chamada “segunda onda feminista”, ocorrida durante a década de 1970 no Brasil. Este período foi marcado por várias mobilizações de mulheres que buscavam reivindicar direitos dentro dos movimentos sociais da época ou até mesmo através de mobilizações criadas por elas para lutar por direitos civis. Assim, mesmo que o feminismo não tenha sido bandeira de luta prioritária das mulheres do Engenho Geraldo, o fato de estarem próximas de Margarida e Penha com o MMB (Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo) ou de ouvirem falar das movimentações das mulheres pelo Brasil afora as colocavam num contexto de ligação com estes outros processos históricos.

Cabe mostrar que esta produção se caracteriza como inovadora, uma vez que busca focar não o movimento social em si, mas, sim, as memórias e visões de mundo de quatro das lideranças femininas que encabeçaram o movimento, apresentando-as como centro da escrita e dando-lhes visibilidades para que suas memórias sejam subsídios à elaboração de uma narrativa. Este procedimento as situa como protagonistas de uma história possível, que se relaciona com conflitos, disputas de poder, direitos sociais e, sobretudo, por afirmação e suas feminilidades<sup>11</sup> em meio a uma sociedade que impõe valores machistas e segregacionistas.

Faço esta tessitura por meio das *escritas de si*<sup>12</sup> evidenciadas em suas memórias, com o apoio de documentos pessoais dessas mulheres, tais como cartas, fotografias, vídeos de família, livros de cânticos<sup>13</sup> dos movimentos; enfim, todos os símbolos de uma história que muitas vezes são restritos às suas intimidades e que me foram revelados de forma cordial e respeitosa durante a pesquisa.

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” (*quicquid lectione collectum est, stilus redigat in corpus*). E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (*in vires, in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional (FOUCAULT, 1992, p. 05).

Escritas de si que nas quatro líderes se aprimoram e se edificam a partir da imagem que projetam para o povo de sua comunidade e que constantemente alimentam pela forma como se relacionaram nas atividades da luta pela terra. Inscrições que não são necessariamente efetuadas pelo ato laboral de escrever, mas, sim, inscrições sociais, marcas de convivência que são cultivadas a cada momento de suas vidas. Rago (2013), ao refletir sobre mulheres que, de forma exitosa, lutaram contra as repressões sexistas e políticas da década de 1970, traz em seus escritos a aventura de contar-se protagonizada

---

<sup>11</sup> Segundo Nader (2014), tanto a masculinidades quanto as feminilidades são socialmente construídas. Sobre o sexo biológico, elas são criadas por demandas culturais que indicam os papéis que devem ser desempenhados pelos gêneros masculino e feminino. Ambos são vistos no plural, por representarem inúmeras construções subjetivas que não podem ser traçadas no singular.

<sup>12</sup> Entendo escritas de si como um conceito defendido por Michel Foucault e seus comentadores, a partir do qual se articula que as produções feitas pelos sujeitos históricos são elaboradas de maneira a possibilitar a construção de um “corpo” para os sujeitos. Cf. FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 05.

<sup>13</sup> Livros de cânticos populares da Igreja Católica.

por tais mulheres, que lutaram por direitos e afirmações em sua época, pensando suas lutas como formas de escrever-se para o mundo.

De maneira análoga, penso que as lideranças do Engenho Geraldo articularam suas vidas de modo a projetar imagens que são perpetuadas dentro do contexto de vivências com a comunidade. A cada atitude na luta, a cada ação feita em conjunto e, sobretudo, a cada fala que alguma proferia, ela estava se lançando para o mundo e construindo uma imagem para si e de si.

Perceber as possibilidades de construção de memórias me coloca diante da complexidade do ato de problematizar as falas dessas lideranças. Lembro-me de Catroga (2001) e Halbwachs (2006), quando trazem a multiplicidade das narrativas dos sujeitos, com seus aspectos individuais e coletivos, para me respaldar e subsidiar a construção da narrativa. Logo, pensar *Engenho de Memórias*<sup>14</sup> é a maneira mais diversa que encontrei para metaforizar o que pretendo dissertar.

Em relação ao processo metodológico desta pesquisa, busquei articulá-la através da História Oral, embasando-me em Meihy (2002, 2007), que apresenta a História Oral como pressuposto para a elaboração de pesquisas relacionadas a memórias dos que podem ainda relatar seu passado. Em suas obras, o autor apresenta as diversas possibilidades e áreas de enfoque desta metodologia de pesquisa. Aqui, tomemos as “escritas de si”, uma vertente da História Oral de Vida por intermédio da qual o narrador expõe sua própria interpretação de sua vida e suas memórias.

Souza (2015) faz uma importante diferenciação sobre o que seria autobiografia, história de vida e escrita de si. Para ela, no caso da autobiografia, o/a autor/a organiza seus relatos de modo cronológico e se propõe a elaborar um documento a posteriori. Já no caso da História de Vida, o narrador (pesquisador) evoca seu passado sem direção precisa, sem elaboração prévia e sem controle; não se preocupa em limitar a fala e a imaginação do entrevistado.

A escrita de si, por outro lado, seria uma forma de rememorar o passado de maneira tal que ele possa ser inclusive ressignificado, relido e reelaborado de acordo com o tempo vivido do entrevistado. Souza (2015), ao analisar Rosa (2014), traz os pressupostos da escrita de si para a elaboração de uma compreensão dos relatos orais.

Quando se escreve sobre si mesmo, a escrita de si, que Foucault propõe pode-se ressignificar o próprio passado, e, no caso das memórias sobre a ditadura, ressignifica-se também o passado coletivo (Rago, 2011a). Ao se

---

<sup>14</sup> Expressão criada por mim para sintetizar a complexidade e a riqueza de informações trazidas nas tessituras das memórias das quatro lideranças.

escrever sobre as experiências de Flávia Shilling na prisão uruguaia e as cartas que escrevia a seus parentes, a historiadora Susel Rosa nos demonstra o significado das cartas que, mais do que uma forma de noticiar o que vivenciava, eram uma forma de escrita de si (SOUZA, 2015, p. 56).

Após a apresentação das entrevistadas, busquei elaborar entrevistas semiestruturadas com cada uma das lideranças. Foram feitas duas entrevistas com Maria do Céu, duas com Nêm Cobé, duas com Quincas e uma com Beatriz Pedro. Devido ao falecimento desta última em finais de 2014, não foi possível realizar outra entrevista.

Todas se mostraram muito receptivas para dar informações sobre a vida e a atuação no movimento que encabeçaram no Engenho Geraldo. Na ocasião das entrevistas, era constante uma fazer alusão à importância da outra para a consolidação da luta. Foi através destas informações que, por meio de Nêm Cobé e Maria do Céu, conheci Quincas, que, por sua vez, falou-me da existência das canções de Beatriz Pedro.

Foram igualmente dignos de nota os documentos pessoais que elas me forneceram: fotografias, documentos do movimento, vídeo e livro de cânticos religiosos. Destarte, comungo das ideias de Perrot (2002), ao considerar que a História das mulheres é construída em grande parte por fontes alternativas, visto que as de ordem oficial com frequência não possibilitam uma escrita da História que as situe como protagonistas.

Para melhor articulação da escrita, apresento esta dissertação em três capítulos, cada um reservado aos aspectos das subjetividades de cada liderança, com exceção do segundo capítulo, em que trago a relação entre mãe e filha (Maria e Nêm Cobé). No entanto, todos são construídos a partir de narrativas colhidas pelas memórias de vida das quatro mulheres que motivaram o nosso olhar de pesquisador.

O primeiro capítulo mostra as subjetividades e o amor à vida que transcende a escala do privado e adentra nas vivências amistosas. Os enlaces entre a militância e a vida de professora do campo e as marcas mais evidentes dos traços de memórias de Maria de Lourdes de Souza (Quincas). Uma vida dedicada ao letramento de centenas de crianças e jovens filhos/filhas de agricultores/as, mas também uma atuação impecável como líder comunitária que soube articular os seus para a conquista do tão sonhado “pedaço de terra”.

O segundo capítulo traz as memórias de Josefa Ermina Cobé (Nêm Cobé), mulher de riso fácil e de poder de persuasão. Sua retórica era sempre utilizada para convencer os/as “companheiros/as” a adentrar no movimento e cultivar amizades que pudessem ajudá-las. Retrato a relação familiar ímpar de aceitação de suas bandeiras, a cumplicidade com seu esposo, João Cobé, que sempre esteve ao seu lado. Nêm Cobé, a mais experiente

das quatro mulheres, hoje ostenta 94 anos marcados por uma grande lealdade àquelas que com ela compactuavam de uma causa em prol do coletivo.

Ainda neste capítulo, apresento Maria do Céu Cobé (Maria do Céu), filha que segue os passos a mãe, que usa de sua jovialidade para ajudar a edificar uma pauta de reivindicações. A juventude e rebeldia são canalizados para o auxílio à comunidade, seu amor que é construído pelo movimento e dentro dele. Dedicada à assistência aos que mais precisam de suas práticas de enfermagem, Maria do Céu vale-se de seus conhecimentos para ajudar os seus naquilo que era mais premente, a saúde. Consegue apoio e respeito ao lado de sua mãe e também amiga, Nêm Cobé.

No terceiro capítulo, tem-se a facilidade artística e a arte para compor rimas e canções de Beatriz Pedro, dotada de uma habilidade musical particular, que ajudava a “puxar” e animar os protestos e reuniões do movimento. Suas composições levantavam as bandeiras de luta da comunidade Engenho Geraldo, das mulheres camponesas e principalmente das relações de poder que se edificaram no contexto social da época.

As canções autorais e outras feitas como paródias causam risos até hoje. Atuaram como meios de promover uma sensibilização eficiente para a bandeira de luta destas mulheres. Tais canções eram elementos de reforço das relações de amizade para a comunidade. O cantar de Beatriz edificou relações que ainda se fazem presentes nos recortes de memórias das quatro lideranças. A alegria do recordar é transpassada no simples lembrar das canções.

Sobre o espaço de memórias que as narrativas das quatro mulheres tomaram como palco para apresentar-se, destaco o Engenho Geraldo, de Alagoa Nova-PB, como ambiente onde se costuraram enlaces que possibilitaram as escritas de si e as fortificações da amizade como fenômeno político, constituindo elementos comuns a elas. Sobre a localidade rural, ainda pode-se destacar que esta passou por décadas de disputas entre os “donos da terra” e posseiros. Esses últimos reivindicavam o direito histórico à terra, enquanto os primeiros, conhecidos como os “Tavares de Melo Cavalcante”, buscaram expulsar ou pelo menos explorar as centenas de moradores da comunidade.

A centelha do conflito teve raízes históricas profundas e fortemente potencializadas entre as décadas de 1970 e 1980, período em que a articulação dos moradores do Engenho foi necessária para evitar o despejo de todas as famílias. Neste ambiente de intensas disputas de poder é que se estabeleceram as protagonistas aqui apresentadas, sendo elas agentes históricas que atuam no seio da comunidade, articulando-a para a obtenção de seus direitos.

## CAPÍTULO I

### QUINCAS: ENLACES ENTRE A MULHER CAMPONESA E O PERTENCE À TERRA

A narrativa mergulha a coisa da vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso...

Walter Benjamin.

Há dois anos, sem saber os rumos que deveriam tomar minha pesquisa, saí à procura de relatos de pessoas que vivenciaram o movimento de reforma agrária no Engenho Geraldo, seguindo conselhos de vizinhos e amigos que me apontaram a pessoa que melhor narraria os acontecimentos, Quincas.

Sem conhecê-la, saí à sua procura, exercício semelhante ao de Antônio Biá<sup>15</sup> em suas aventuras em busca de uma origem histórica para o povoado de Javé<sup>16</sup>. Nesta busca por informações que me sugerissem um caminho para as problemáticas levantadas na pesquisa, em um sábado, que comumente é o dia da feira na cidade de Alagoa Nova, dirigi-me à sede do sindicato dos trabalhadores rurais. Neste dia, é comum encontrar muitos agricultores e agricultoras que vêm dos sítios pagar a mensalidade e se inteirar de informações sobre assuntos relacionados à vida dos pequenos agricultores.

Encontrei um amigo que trabalha no sindicato. Ele sussurrou em meu ouvido que Quincas estava na sala de reuniões, articulando estratégias com mulheres agricultoras da região. Alimentei-me de ansiedade para conhecê-la. Aguardei-a na sala de espera do prédio e, quando ela saiu, veio a surpresa de tamanha personalidade expressa em um sujeito. O modo como conversava com as suas “companheiras” já me deixava nítida a compreensão de que estava diante de uma pessoa com vivências de mundo que valeria a pena ouvir.

Apresentei-me. Ela perguntou: “O que é que você deseja, filho?”, expressando rapidamente em olhares e gestos a satisfação em narrar suas histórias e lutas. Iniciou uma narrativa sobre sua participação nas lutas pelos direitos dos/as trabalhadores/as rurais,

---

<sup>15</sup> Personagem interpretado por José Dumont no filme *Narradores de Javé*.

<sup>16</sup> CATANI, Vânia; CAFFÉ, Eliane. **Narradores de Javé**. [Filme-vídeo]. Produção de Vânia Catani, direção de Eliane Caffé. Rio de Janeiro, Bananeira Filmes, 2003. 1 DVD., 100 min. color. son.

participação que dura até hoje. Conquistei prontamente sua atenção e a partir daí selamos uma conversa que se multiplicaria em várias outras.

### **1.1 Entre a professora e a líder camponesa: escritas de si de uma educadora do campo**

A vida no campo obedece a dinâmicas próprias, convivências e sociabilidades para os homens e mulheres que nela se constituem. Nesse panorama, surgem possibilidades às narrativas históricas de personagens que se destacam como multiplicadores de conhecimentos educacionais e de vida. Desta feita, as narrativas de si construídas por tais agentes históricos tomam peculiaridades que são caras a nós, historiadores, para construirmos uma tessitura histórica que, em grande sentido, torna-se rica para a propagação de nosso saber. Assim, a professora do campo Quincas<sup>17</sup>, mulher que em sua vida profissional dedicada ao magistério trouxe uma série de conhecimentos pertinentes de serem narrados a partir de sua História de Vida,<sup>18</sup> é, a meu ver, uma personagem rica em conhecimentos que podem ser transmitidos, sobretudo quando proponho articular sua participação como liderança no movimento de reforma agrária do Engenho Geraldo.

Escritas de si que se expressam a partir de suas memórias e dos/das que convivem com esta mulher de personalidade singular é um traço das melhorias construídas em seu entorno. Quincas escreve para si uma história forte de quem assume ideias de liderança e de respeito dos/das que conviveram com ela durante sua vida de militância. Mostra-se como pessoa que sempre esteve disposta a lutar por direitos coletivos dos homens e mulheres do campo, fazendo isto de forma bastante peculiar, através da amizade e da convivência comunitária.

Tal postura remonta às assertivas de Harres (2004) ao problematizar os usos da História Oral de Vida e as escritas de si. Para a autora,

a história de vida é basicamente uma autobiografia provocada. Em uma definição enciclopédica, autobiografia é a história de uma pessoa contada por ela mesma. É considerada em termos literários como gênero complexo, periférico e múltiplo, cuja delimitação ainda é matéria de questionamento (HARRES, 2004, p.152).

---

<sup>17</sup> Maria de Lourdes de Sousa (Quincas) é professora aposentada pela prefeitura de Alagoa Nova-PB, hoje com 63 anos de idade. Em suas memórias, relata sua trajetória profissional e de militância pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais da região do Brejo paraibano.

<sup>18</sup> Sobre História de Vida, consultar: HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre História de vida e autobiografia: os desafios da memória. **História-Unisinos**, v. 8, n. 10, jul. dez. 2004. p.150.

Assim, ela constrói uma imagem de si que perpassa várias facetas, mas que se aglutinam numa relação de respeito dos/as que a conheceram. Educadora, líder comunitária, agricultora, esposa, mãe, amiga e feminista – eis algumas das atribuições que sustentam sua construção subjetiva feminina.

Sobre sua profissão de professora, ela constrói uma escrita de si a partir de memórias tecidas no seu fazer docente, como bem lembrou Harres (2004), ao concordar com os ditos de Halbwachs (2006) em relação à natureza das lembranças individuais e coletivas. Sendo este ponto um dentre os vários aspectos de sua vida que se faz importante para ser registrado como forma de preservar a memória da comunidade.

Atualmente aos 63 anos, aposentada - após 30 anos de magistério, lembrança retratada com saudosismo em suas falas, Quincas teve uma vida profissional marcada por experiências marcantes para a construção de sua subjetividade, apresentadas principalmente através de uma intensa valorização de causas de lutas por direitos sociais de seus vizinhos e amigos<sup>19</sup>. Inicia-se na educação ainda adolescente, motivada pela necessidade de subsistência e também por um sentimento que a alimentava desde a infância: ajudar o povo de sua comunidade<sup>20</sup>.

As lembranças são organizadas de duas maneiras, em torno de uma pessoa ou no âmbito de uma coletividade, grande ou pequena. Uma vincula-se à vida pessoal e interior, a outra ao mundo social e exterior. Os indivíduos estão relacionados com ambas, contribuindo para a formação das duas, enfim participariam dos dois tipos de memórias, a individual e a coletiva (HARRES, 2004, p. 146).

A memória desenhada por si levou a comunidade a identificar Quincas como uma profissional respeitada. Suas ações de educadora e militante pelo direito à terra são marcas que se confundem em suas lembranças e na “Memória Coletiva” do Engenho Geraldo. Nesse momento, penso que os níveis de memória apresentados por Catroga (2001) se caracterizam como pontes de reflexão para a visão sobre o passado que se constrói na relação entre essa liderança e os seus. Trata-se, portanto, da

[...] proto-memória, fruto, em boa parte, do habitus e da socialização e fonte dos automatismos do agir; a memória propriamente dita, que enfatiza a recordação e o reconhecimento; e a metamemória, conceito

---

<sup>19</sup> Suas narrativas são evidenciadas por várias pessoas que conviveram com Quincas na comunidade Engenho Geraldo.

que define as representações que o indivíduo faz do que viveu (CATROGA, 2001, p. 15).

A metamemória se projeta como uma ferramenta pertinente nas rememorações construídas por Quincas, pois promove interpretações do seu vivido oriundas da interação de aspectos subjetivos criados por si e pelos/as os/as que a rodeiam. Assim, suas memórias são construções feitas a partir do passado, com valores subjetivos e reformulações elaboradas da sua relação com o presente. O entrelaçar dos vários recortes de lembranças, tornados indissociáveis uns dos outros, traz como consequência, por exemplo, a impossibilidade de pensar a memória da professora apartada da memória da militante, da feminista e da amiga.

São memórias que se entrecruzam em um lugar. Assim, podemos pensar o ambiente onde toda a atuação e a luta por um pedaço de terra para morar e plantar se consolidou: o Engenho Geraldo. Sua fundação, segundo Sales (1990), remonta ao início do século XIX, período da expulsão dos Bultrins (comunidade indígena que habitava a região). Foi marcado historicamente por lutas e conflitos de tomada de terras, como bem revelam os traços de memórias de Quincas. Depois da reforma agrária, o Engenho Geraldo tornou-se comunidade rural aos moldes típicos da microrregião do Brejo paraibano - minifúndios nos quais predomina a agricultura familiar de subsistência, realidade comum a outras localidades rurais de Alagoa Nova-PB. Conforme esclarece Quincas, “Desde do tempo dos Bultrins já existiam conflitos em Alagoa Nova. Eles foram expulsos no passado. Moravam ali aonde o pessoal chama Sítio Aldeia Velha. Hoje, este sítio fica próximo ao Engenho Geraldo” (informação verbal<sup>21</sup>).

Percebe-se, na fala de Quincas, que muito antes dos movimentos sociais do campo da segunda metade do século XX, havia um histórico de conflitos que abalavam a região, ocasionados majoritariamente pela concentração de terras nas mãos dos ricos. Estas memórias tomam a coletividade no Engenho Geraldo, pois, em outros momentos, ela é utilizada para justificar a ideia de pertencer à terra, uma das motivações para que muitos ingressassem na luta. “A posse de nossas famílias é muito antiga. Vem desde os índios Bultrins (aldeia Velha e Olho D’água). Muitos dos nossos antepassados chegaram aqui antes dos Tavares e muitos foram descendentes destes índios” (ABAIXO-ASSINADO DESTINADO AO PRESIDENTE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE ALAGOA NOVA-PB, 1980, p. 01).

---

<sup>21</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre as origens do Engenho Geraldo. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Já na conjuntura histórica da década de 1970, a realidade de declínio do ciclo dos engenhos de cachaça e rapadura no Brejo paraibano como um todo era evidente. Viviam-se o momento de fechamento das moagens da cana-de-açúcar, tornando-se “Engenhos de Fogo Morto”<sup>22</sup>. Caso semelhante acometia o Engenho Geraldo, que, na juventude de Quincas, passava por este declínio. Tal situação alimentara na jovem o sentimento de revolta contra as operações que eram impostas aos seus. “Como é que estes homens queriam tanta terra e não deixavam nada para o povo?” (Informação verbal<sup>23</sup>).

Este período histórico na Paraíba foi marcado pela forte atuação de um grupo político ligado ao agronegócio. “O grupo da Várzea”, como ficou conhecido, teve significativa atuação junto às regiões agrícolas mais produtivas do estado. Recebeu este nome devido às várzeas do Rio Paraíba, nas proximidades da Zona da Mata paraibana, serem os locais onde estes líderes políticos tinham suas residências eleitorais.

A estreita Várzea do Rio Paraíba atravessa a antiga Zona da Mata e divide com as regiões isográficas adjacentes a agricultura de exportação, o maior rebanho bovino do Estado e a mais alta densidade populacional do campo paraibano (BENEVIDES, 1985, p. 20).

Segundo Benevides (1985), a família Ribeiro Coutinho dominou o cenário político de parte da Zona da Mata paraibana, ampliando mais tarde sua influência por outras regiões produtivas, a exemplo do Brejo paraibano. Os Ribeiro Coutinho passaram a representar um grupo maior de latifundiários descendentes das famílias oligárquicas do estado, que se revezavam no poder mesmo antes da proclamação da República.

É sobretudo na década de 1970 que, apoiados pelo Governo Militar, os “Ribeiro Coutinho” e seus condescendentes chegam às instâncias governamentais de inúmeros municípios paraibanos. Neste período, também estes grupos familiares passam a focar suas ações políticas na gradativa expulsão de moradores das terras pertencentes aos latifundiários para a implantação de grandes plantações de cana-de-açúcar e projetos agropecuários vultosos. Basta lembrar o exemplo das usinas Santa Maria, em Areia-PB, e a Usina Tanques, em Alagoa Grande-PB.

Os latifundiários do Grupo da Várzea consentiam que os camponeses vivessem em suas terras como moradores e foreiros desde a abolição da mão de obra escrava. O Estado não intervia nesse processo privado a

---

<sup>22</sup> Expressão utilizada para designar engenhos que não estão mais em funcionamento. Eterniza-se na obra de José Lins do Rêgo, intitulada *Fogo Morto*.

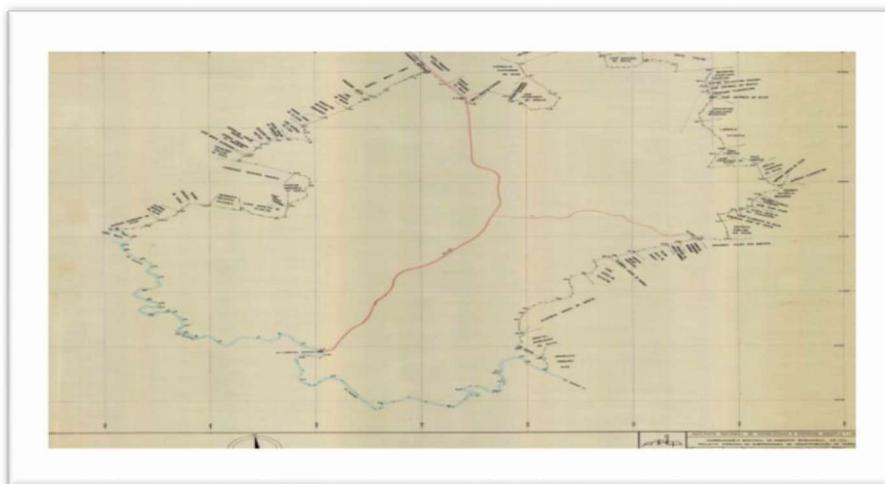
<sup>23</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a questão do direito à terra. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

não ser para legitimar a hegemonia do dono da terra. No decorrer dos anos sessenta e setenta, constatavam-se mudanças profundas nas relações de produção no interior do sistema latifundiário paraibano culminando com a expropriação definitiva do camponês e sua consequente expulsão da terra. Esse processo adquiriu feição própria na resistência esboçada pelo campesinato através da criação das Ligas Camponesas e dos Sindicatos Rurais (BENEVIDES, 1985, p. 72).

Todo este processo de disputas sociais no campo não pode ser pensado de maneira isolada. As percepções políticas no âmbito dos municípios onde houve maior atuação do Grupo da Várzea não podem ser deslocadas do caso do Engenho Geraldo, pois os “donos” desta terra exerciam poder político nas governanças locais e algumas vezes delas participavam. Também era muito forte a sua influência em âmbito estadual e nacional. Sales (1990) relata que, durante a primeira metade do século XX, Manuel Tavares Cavalcante, filho de João Tavares de Melo Cavalcante, dono do Engenho Geraldo, foi deputado estadual e federal por algumas legislaturas.

Também é pertinente lembrar que, mesmo depois dos tempos áureos da família, e aqui já falo de início da década de 1970, quando havia sido decretada a falência do modelo produtivo de engenhos de cana-de-açúcar na região, os herdeiros do Engenho Geraldo, mesmo que fisicamente distantes (não moravam na Paraíba), ainda exerciam muito poder nas instâncias locais.

**FIGURA 1:** Mapa territorial do Engenho Geraldo<sup>24</sup>.



**Fonte:** Fotografia feita pelo pesquisador.

<sup>24</sup> Planta geral do território do Engenho Geraldo. Na legenda, diz-se: *Instituto de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, projeto Engenho Geraldo, levantamento perímetro, Área: 2.180,003489 ha, perímetro: 28.800 metros. Data: 30/03/1984.* Material disponível no arquivo cartográfico do Instituto de Colonização e Reforma Agrária INCRA, João Pessoa- PB.

Neste ambiente de disputas e de concentração de poder entre oligarquias locais é que Quincas irá se moldar a um ideário de luta e resistência que lhe acompanhará por toda a vida, lançando-se como protagonista de uma história de lutas que se confunde com sua própria vida.

Aos 15 anos, ela já se solidarizava com os problemas sociais da comunidade Engenho Geraldo, onde residia desde o nascimento. A situação de concentração de terras nas mãos dos “Senhores do Engenho”<sup>25</sup> e a própria dificuldade de acesso à sua educação eram fatores que acompanhavam este momento de sua vida. Na época, ela também inicia seus estudos de colegial e paralelamente começa a ministrar aulas aos alunos do primário em sua casa para contribuir com a renda de sua família, composta pela mãe e irmãos.

A “narrativa de si”, expressada a partir de seus relatos orais, mostra que a jovem inicia a carreira no magistério devido à necessidade de manter a si e à família. Com o passar dos anos, adquire experiência profissional e conhecimentos de mundo para serem distribuídos com os educandos. Desse modo, sua própria história se torna referência para muitos/as que lhe seguiam na comunidade. Ela serve de exemplo para outros que a queriam seguir: “eu era menina e via Quincas, mais velha que eu, já uma mocinha participando do movimento, e isso me dava vontade de participar também. Aí, quando fiquei mais velha, entrei no movimento” (informação verbal<sup>26</sup>).

Sua formação profissional se consolida a partir de vivências que foram tecidas no decorrer da vida, em seus trabalhos de professora, costureira (atividades das horas vagas) e agricultora - profissão que lhe acompanhou desde a primeira infância e que exercia de forma paralela ao magistério. Quincas junta o pouco dinheiro que tinha e fez o curso normal de magistério, em Alagoa Grande-PB. Com muito esforço, consegue se estabilizar na profissão e ser efetivada anos depois na Prefeitura Municipal de Alagoa Nova-PB. A estabilidade lhe trouxe segurança para constituir família e posteriormente casar-se.

No começo, eu dava aulas em casa, mas depois arrumei uma escola da prefeitura. Aí ficou melhor pra mim, porque o dinheiro que eu ganhava, 15,00 cruzeiros, eu trabalhava de março a novembro e com ele eu pagava 10,00 pra escola (continuava estudando) e o resto eu ficava para comprar uma roupinha e uns pedacinhos de pano porque eu mesmo costurava minhas roupas. Depois, teve um projeto da prefeitura e eu fui

---

<sup>25</sup> A família Tavares de Melo Cavalcante comportava os proprietários da terra até 1984, ano da desapropriação do Engenho Geraldo pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA.

<sup>26</sup> MARIA DO CÉU. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu ao pesquisador sobre a influência de Quincas nos movimentos de liderança sindical. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

fazer o magistério em Alagoa Grande, que era um curso profissional para melhorar professores (informação verbal<sup>27</sup>).

As narrativas traçam o quanto sua vivência feminina ultrapassa as fronteiras do lar, em consonância com o que afirmam os estudos feministas à História,

as teóricas feministas propuseram não apenas que o sujeito deixasse de ser tomado como ponto de partida, mas que fosse considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas (RAGO, 1996, p. 6).

Esta mulher quebra a visão de subordinação imposta pelo machismo ocidental e mostra-se como protagonista de uma História possível. Suas ações assemelham-se ao que percebeu Foucault (2014), em *História da Sexualidade*, pois, em vários momentos de sua vida, Quincas lutou contra dogmas estabelecidos e afirmou-se diante das disputas de poder que lhe foram impostas.

De certo modo, sua atuação como professora era uma luta diária contra preconceitos e valores morais dogmáticos estabelecidos. O simples fato de não ser “uma mulher sustentada pelo marido”, segundo ela, já era visto com maus olhos por alguns. Também neste ambiente, promovia-se a construção de uma liderança que, em pouco tempo, assumiu no Engenho Geraldo o papel de principal líder no seio da comunidade.

O surgimento de vários movimentos de mulheres agricultoras no Brasil colocou em cheque a visão corrente de “vítimas” que se tinha sobre elas, na medida em que estão se impondo como “atoras”. Neste momento, porém, os movimentos feministas estão mais voltados para questões de reconhecimento, de identidade, que de redistribuição de renda, propriedades e, o que nos interessa mais, terra (PAULILO, 2004, p. 229).

Em nenhum momento, Quincas se colocou com “fragilidade”. Em várias circunstâncias, apresentou-se como uma militante dos direitos das companheiras e de suas famílias no movimento: “Eu liderava o movimento em pé de igualdade com os homens. Não havia diferença, não. É tanto que este pessoal nunca me tratou com diferença, pois

---

<sup>27</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre o seu ingresso no magistério. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

era a gente que liderava a luta mesmo. Então, não tinha esta dificuldade [...]” (informação verbal<sup>28</sup>).

Um elemento de tensão pode ser percebido em Quincas quando traz sua identificação como líder: “[...] era a gente que liderava mesmo” (informação verbal<sup>29</sup>). Embora nas entrelinhas, ela mostra que, junto com suas companheiras, esteve presente na linha de frente da luta, sabendo que tal enfrentamento lhe custou sobremaneira uma afirmação de gênero marcante.

Pensar as articulações construídas por Quincas em sua atuação política é refletir com especial realce sobre aspectos que envolvem o contexto social em que estava inserida. Suas memórias são construídas a partir de vários momentos rememorados de sua atuação política dentro dos vários movimentos de que participou<sup>30</sup>. É principalmente a partir da luta no Engenho Geraldo que esta liderança articula pontes, contextos maiores que eram urgentes naquele momento.

Ao problematizar os pensamentos e os contextos políticos existentes nas décadas de 1970 e 1980, é notório que a articulação de Quincas era parte integrante de uma conjuntura maior em que se inseriam movimentos sociais presentes nos diversos espaços da sociedade brasileira de então. Para Gohn (2010a), este período se construiu por uma grande efervescência de movimentos sociais que, em sua maioria, contestavam o poder estabelecido e institucionalizado, que praticava repressão aos grupos sociais ditos minoritários. Quando Quincas se inscreve em uma perspectiva de luta por seus “direitos de mulher”, podemos estabelecer um elo entre esse contexto e a estruturação do feminismo naquele momento histórico.

No Brasil o desenvolvimento da segunda onda do movimento feminista foi diferente e ocorreu um pouco mais tarde que nos Estados Unidos e na Europa, as mulheres emergiram na cena pública brasileira após 1975, por meio de seus diferentes papéis sociais: como mães que lutavam por seus filhos desaparecidos nos porões da ditadura militar [...] Mulheres que lutaram contra o regime e que foram exiladas retornaram aos países com a anistia, após terem convivido com grupos feministas no exterior (GOHN, 2010a, p.140).

---

<sup>28</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre como os homens do movimento encaravam o fato de ela, uma mulher, atuar como liderança. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>29</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre como ela se identifica como líder. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>30</sup> Quincas relata que se envolveu em outras lutas sociais do campo, em Alagoa Nova, Areia e Remígio. Ainda continua atuante junto à comunidade onde reside (Povoado Cepilho, Remígio- PB).

Além da articulação com os pensamentos feministas e seus desdobramentos para a formação de movimentos sociais do contexto da época, outros pensamentos também a influenciaram. É fato que, em meados dos anos 1970, movimentos de regulação fundiária e luta pela terra eram fortemente presentes no Brasil. “Se analisarmos a situação agrária no Brasil em relação aos pequenos produtores agrícolas e posseiros, verificaremos que ela é ainda mais grave após 1975, onde para cada lavrador proprietário havia um não proprietário no país” (CNBB, 1980, p. 280).

As questões que historicamente envolviam as desigualdades na distribuição de terras no Brasil eclodiram em meados da década de 1970 como movimentos de reivindicação por reforma agrária. Ademais, influenciaram igualmente a formação política desta personagem. A Paraíba, que, para Koury (1983), estava passando por uma efervescência de movimentos políticos no campo e na cidade, inseria-se num contexto maior, cuja aprovação política passava integralmente por instabilidades trazidas após 1964 que cercearam abruptamente as movimentações sociais.

Os movimentos sociais influenciaram a formação política de Quincas. Suas primeiras experiências nas lutas por direitos começaram a repercutir nos saberes colhidos e apreendidos. Dessa forma, as experiências de militância foram construindo sua imagem. Em analogia ao que afirma Foucault (1992), ela cria um corpo para ser lido e interpretado pelos que a seguem desde os primeiros anos de luta. “Eu me envolvi com os movimentos da Igreja muito novinha. Era A JAC; depois veio o MER. Isso me ensinou muito sobre a vida nos movimentos” (informação verbal<sup>31</sup>).

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foram importantes para a construção subjetiva de Quincas. Elas surgiram como consequência das novas diretrizes apontadas pela Igreja Católica após a Conferência de Medellín<sup>32</sup>. As CEBs surgiram como um mecanismo de aproximação da Igreja para com o povo através de ações comunitárias que visavam ao chamamento de novos fiéis e ao incentivo a ações voltadas à diminuição das desigualdades sociais.

No Brasil, a Igreja Católica teve posicionamento político de apoio ao golpe civil/militar de 1964. Tal vinculação ao regime autoritário perduraria nos anos posteriores, atendendo sobretudo aos anseios das classes mais abastadas do país. Entretanto, é necessário perceber que houve à época os grupos mais progressistas, aos

---

<sup>31</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a origem de sua liderança. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>32</sup> A Conferência de Medellín realizou-se na cidade de Medellín, na Colômbia, em 1963. Foi convocada pelo Papa Paulo VI para discutir o Concílio Vaticano II, movimento reformista que estabeleceu profundas mudanças na Igreja Católica. Dentre elas, figurava a gradativa aproximação desta instituição dos pobres.

quais Nunes (2009b) destaca como os principais incentivadores das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), instituições importantes no apoio aos movimentos sociais vigentes.

A partir de meados da década de 1970, com a liberalização parcial do regime e a revogação do AI-5, abriu-se a possibilidade legal para o surgimento de um movimento popular configurado na aliança entre as comunidades de base ligadas à Igreja, os grupos associativos seculares e um novo movimento sindical, do campo e das áreas urbanas. A partir do governo Figueiredo, este movimento viria desempenhar um papel importante no processo político e na oposição ao regime militar. [...] Quanto aos movimentos de base vinculados à Igreja Católica, além da parte canalizada institucionalmente pelas organizações da CNBB e das diferentes pastorais, surgiram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Elas são pequenos grupos de fiéis organizados junto a uma paróquia urbana ou rural e têm geralmente origem no trabalho de agentes pastorais, animadores de comunidades ou diáconos, padres e membros de ordens religiosas (NUNES, 2009b, p. 66).

Mesmo ainda muito jovem, as práticas de sociabilidade trazidas pelos trabalhos de base na Juventude Agrária Católica (JAC), o Movimento de Evangelização Rural (MER) e mesmo as ações comunitárias de base colocam Quincas em um lugar de destaque na comunidade. Seus discursos, sempre cheios força e militância contra os poderes que controlavam as comunidades locais, eram exemplos dos papéis destinados às mulheres daquela época. Em seu trabalho e na vida cotidiana, a todo momento, a luta por se afirmar e ser respeitada diante de um universo repressor era constante. Afinal, para ela, “não era fácil lidar com o falatório das pessoas, que achava que a gente saía pra luta era atrás de macho, era pra ser sapatão ou porque não tinha o que fazer” (informação verbal<sup>33</sup>).

A repressão por “ser mulher” era tencionada nos momentos em que ela ouvia falas depreciativas sobre sua participação nas lutas. O incômodo em ouvir tais discursos era, de certo modo, útil para que ela perseverasse nas causas que já defendia: “quando eu ouvia alguém falar mal da gente, aí era que eu fazia movimento, para mostrar que as coisas não eram assim como eles queriam” (informação verbal<sup>34</sup>). Quando Rosa (2014, 2015) defende a dupla resistência das militantes no período militar brasileiro como fator preponderante às mulheres daquele período, vê-se o quão importante foi resistir. Em certo

---

<sup>33</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre as dificuldades impostas pela sua condição de origem de sua liderança. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>34</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua perseverança na luta pelo direito à terra. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

sentido, as atitudes que Quincas buscava promover para se afirmar como liderança de um movimento estavam ligadas a uma conjuntura maior.

Rosa (2014) fala sobre a entrada de Nilce Azevedo Cardoso no movimento Ação Popular (AP) e em outras ações de esquerda política, tais como a Juventude Universitária Católica (JUC). A historiadora traz esta narrativa para exemplificar como em diversas mulheres brasileiras o sentimento de luta crescia diante das perseguições políticas e da repressão sofrida pelo autoritarismo do regime. Seriam elas agentes históricas que criavam maneiras de viver num mundo que poderia ser considerado de “Tempos Sombrios”, como bem descreveu a filósofa Hannah Arendt.

Nilce, assim como Quincas, cada uma em sua particularidade sociocultural, foi procurando maneiras de se inserir na vida pública como mecanismo de resistência. Em Nilce, por exemplo, vê-se que, ainda muito jovem, ingressa na universidade e é tomada pelo sentimento de revolta contra as injustiças que via em seu país.

A revolta frente às arbitrariedades cresceu logo que Nilce entrou na faculdade, ao conhecer os bairros pobres e as favelas da capital paulista e a participou dos Movimentos de Educação de Base. “O lema da JUC era ver, julgar e Agir. E eu me dispus! Fui transformando aos poucos”. O desejo de transformar o mundo passava também pela transformação de si, como lembrou a filósofa e militante argentina Alejandra Ciriza em sua fala no Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Nilce continua seu relato dizendo que “a luta pela liberdade, contra a ditadura foi se impondo” (ROSA, 2013, p. 30).

Em Quincas, a entrada na JAC (Juventude Agrária Católica) vai promover orientações que, para ela, estavam diretamente relacionadas à forma de consolidação do movimento no Engenho Geraldo. Os ensinamentos de como lidar com o povo e como liderá-lo foram aos poucos sendo absorvidos e contribuíram para a construção de sua escrita de si. Sobre a Juventude Agrária Católica (JAC), foi um movimento religioso da Igreja Católica que se consolidou no Brasil a partir da década de 1940, apoiando lideranças comunitárias camponesas em especial na região Nordeste.

Para Santos (2013), o MER (Movimento de Evangelização Rural), que se consolida após o declínio da JAC, em meados de 1970, serviu para além da instrução sobre como agir em suas lutas, pois lhe deu respaldo legal e articulação com entidades civis organizadas em busca dos direitos dos/as trabalhadores/as do Engenho Geraldo. Além disso, Quincas pôde incluir não apenas os jovens nas discussões dos problemas da comunidade, mas também adultos que desejassem lutar.

Estas entidades aparecem como motivadoras de sua escrita de si. O fato de esta mulher ser associada pelos/as que a acompanhavam como a principal liderança da comunidade, a pessoa que melhor os representava ou o principal elo entre o movimento de luta e as entidades apoiadoras faz com que um modelo de liderança seja criado para e por si, sendo fortemente cultivado nos 10 anos de movimento de reforma agrária do Engenho Geraldo.

Por volta dos 15 anos de idade, Quincas atuou em escolas da comunidade e esta prática de ensino contribuiu em grande parte para a construção de sua identidade e liderança. Promoveu para si a construção do respeito e da admiração dos que faziam parte da comunidade. Estas articulações atuam como um dos pilares de promoção do respeito que ela adquire no movimento de reforma agrária que se verificou na comunidade Engenho Geraldo.

Em relação aos meus estudos, as primeiras letras quem me ensinou foi minha mãe. Mas, assim que cresci um pouco, ela me matriculou na escola, que, naquela época, não era acessível, Em Alagoa Nova, perto da gente, só havia a escola do Sítio Câmara, mas não tinha nem professor direito. Só Dona Inez que arrumou uma turma e começou a dar aulas. Foi aí que comecei a ter gosto pela leitura e fui crescendo e encontrando o pessoal dos movimentos, fazendo as primeiras amizades. Quando vi, já tinha 15 anos e já estava dando aulas também (informação verbal<sup>35</sup>).

Tem início a fase de sua vida em que as primeiras amizades seriam costuradas. Estas amizades desempenharão um papel de base para a consolidação da força política que passa a ser inerente à subjetividade de Quincas. “Conheci Lourdinha ainda muito nova. A gente se torna amiga e esta amizade vai durar até hoje. Ela me dava muita força no começo, me apoiava quando eu ia participar dos encontros da Igreja” (informação verbal<sup>36</sup>).

Talvez esta seja a relação que norteará as memórias e a identidade de Quincas. A amizade é a força que move sua entrada nos movimentos de base e, por sua vez, sustenta a permanência neles. “Eu sempre gostei de estar junto com meu povo. Minhas

---

<sup>35</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua escolarização e ingresso no magistério. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>36</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua amizade com Lourdinha. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

companheiras de lutas me davam sempre força. Era bom estar com elas” (informação verbal<sup>37</sup>).

A proximidade com o povo também é forte em Nilce Azevedo, cujas experiências com as práticas educativas de base nas periferias e favelas de São Paulo conduzem a relação que se construía em ambos os casos como uma construção de cuidado pelo mundo. Tanto em Quincas como em Nilce, o ato de estar no cerne das comunidades, no meio do povo, representava para ambas o cadinho de energia para permanecer em suas lutas.

Vejo em Quincas uma quebra dos paradigmas estabelecida quanto “ao espaço da mulher na sociedade”, ao buscar romper as barreiras que a impossibilitavam de ser uma líder comunitária e de ter uma forte atuação social por “ser mulher”. Ela traça para si um perfil de resistência ao assumir uma ideia contrária ao que a história da filosofia ocidental deixou como “verdade”.

A relevância política da amizade foi ressaltada em diferentes momentos da tradição filosófica ocidental. Contudo a amizade considerada ideal era a amizade entre homens. Tanto que a ideia de incapacidade da mulher para a amizade percorre os textos de Platão, Cícero, Mangner, Michelet, Aristóteles, Kant, Hegel e muitos outros. A fragilidade conferida as mulheres por estes autores afasta-os da nobreza que eles empunham existir na verdadeira amizade (IONTA apud ROSA, 2014, p. 78).

Em consonância com Rosa (2014) e outros autores, tais como Ortega (2000), Ionta (2007) e Rago (2013), que trazem a categoria amizade como passível de problematização histórica, vejo na relação de Quincas com suas companheiras uma possibilidade de debate. Talvez tal relação não se insira no modelo urbano que se assemelha à polis grega, mas com certeza apresenta uma possibilidade histórica riquíssima de construção epistêmica, na perspectiva da investigação historiográfica da mulher camponesa e regida por uma sociedade ocidental machista.

Esta ideia é defendida por Nolasco (2003) em seus estudos sobre a construção da masculinidade, nos quais o autor aponta o machismo como uma construção cultural que entre os “homens” foi utilizada como aparato repressor para as mulheres. No entanto, como Quincas, vê-se que ela consegue burlar estes aparatos repressores impostos às

---

<sup>37</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a importância da amizade para a sua permanência na condição de liderança. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

mulheres e adentra numa visão mais plural de mundo, em que os espaços públicos e a partilha dos problemas eram usados como forma de libertação das amarras.

Um comparativo pode ser feito entre a vivência de Quincas e suas companheiras e a militância de Amelinha e Criméia. Ambas tiveram suas memórias narradas pela historiadora Margareth Rago, em sua obra *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Nesta obra, as mulheres que lutaram na ditadura militar são apresentadas como narradoras de uma escrita de si apresentada para além de documentos oficiais e registros escritos (cartas, livros, artigos etc.). Elas se registraram para a história a partir da leitura que desejaram que as pessoas construíssem sobre suas atuações. Dentre elas, as duas citadas anteriormente tiveram um protagonismo relevante no que se refere ao cuidado com o outro e ao ato de se lançar entre espaços do mundo.

Rago (2013) apresenta Amelinha evidenciando em sua narrativa que ela foi uma das fundadoras da UMSP (União das Mulheres de São Paulo), entidade fundada na década de 1970 e que teve papel de destaque nas lutas do feminismo naquele momento. Ela também foi militante do PC do B (Partido Comunista do Brasil), partido que por várias vezes tentou inserir perspectivas políticas do feminismo em seus debates. Como não conseguiu bons resultados diante das pressões internas, Amelinha deixa a UMSP e segue a militância junto aos movimentos de mulheres.

Aos poucos, na medida em que se afasta das referências marxistas e partidárias ortodoxas, este foco se desloca para a luta pelos direitos civis das mulheres e contra a violência exercida sobre seus corpos. Progressivamente Amelinha e suas companheiras passam a investir na questão da violência contra as mulheres (RAGO, 2013, p. 198).

Outra personagem da História apresentada por Rago (2013) é Criméia. Militante da Guerrilha do Araguaia, ela dedica sua vida a promover na memória social coletiva o não esquecimento daquele movimento, do qual também foi participante. Contra esses efeitos desagregadores, contra essa violação dos direitos da História, “Criméia sai em busca do passado recente do país, que é também o seu próprio passado, ameaçado de supressão pela ação dos militantes e pelos impactos nocivos das políticas neoliberais da globalização” (RAGO, 2013, p. 210).

No Engenho Geraldo, as mulheres foram, em sua maioria, as responsáveis pela mobilização social da comunidade. Prova disto está no protagonismo de Quincas frente à luta: “[...] nós, mulheres, levávamos a luta nos braços. A gente tinha coragem para isso,

era só preciso um incentivo” (informação verbal<sup>38</sup>). A união delas, bem como dos demais militantes, em reuniões em que se partilhavam os problemas foram pouco a pouco dispendo-as em um patamar comparativo às militantes de outras regiões do país.

## 1.2 A casa de Dona Lourdes Grande, os ensinamentos da JAC e a formação religiosa

Quincas assume, no decorrer de sua vida, a militância em prol da defesa dos direitos dos/as trabalhadores/as rurais da comunidade Engenho Geraldo. Ela se sensibiliza com a falta de oportunidades destes sujeitos que viviam ao redor, pessoas que, de certo modo, estavam na eminência de serem despejadas da terra<sup>39</sup> que pertencera a seus antepassados. Segundo seus relatos, eram muitos os que cresceram vendo seus pais e avós cultivando a terra e trabalhando nos eitos<sup>40</sup> de cana-de-açúcar para os Tavares de Melo Cavalcante.

Para promover a luta dos moradores do Engenho Geraldo, Quincas se constrói como líder comunitária juntamente com suas companheiras<sup>41</sup> de movimento, ganhando, assim, para sua história de militante marcas que a impossibilitam de ser percebida como agente isolada na consolidação da luta no Engenho Geraldo. Mas, ao mesmo tempo, Quincas se destaca como protagonista que clama para si boa parte da responsabilidade de atuação na causa.

Dentro de mim, eu já tinha desde nova a questão da luta, embora que alguns sempre falaram que isto era besteira, pois ninguém precisa dela. Eu sempre achei, e até hoje acho, que a terra é, para o pobre que não tem emprego, uma fonte de trabalho e de melhor alimentação. Toda vida pensei assim. E como eu morava lá no Engenho Geraldo e tinha uma posse, o meu interesse era que todo mundo tivesse sua terra para trabalhar. Eu também acho que a terra é poder. Você pode ter pouca terra e andar por onde andar, mas quando você voltar, vai estar no que é seu, pois ninguém vai tirar você dali. Isso é um poder que você tem, e também o incentivo do movimento que a gente participava, que era a luta pela defesa dos pobres (informação verbal<sup>42</sup>).

<sup>38</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua ideia de militância. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>39</sup> O medo dos/as moradores/as perder a terra através de despejo foi um dos principais motivos do início do movimento social.

<sup>40</sup> Lotes de terras que deveriam ser capinados, plantados e roçados pelo posseiro no plantio da cana-de-açúcar.

<sup>41</sup> Suas companheiras de luta eram: Josefa Ermina Cobé (Nêm Cobé), Beatriz Pedro da Costa, Maria da Luz Cobé e Maria de Lourdes de Souza, grandes amigas e também lideranças comunitárias.

<sup>42</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua concepção de luta pela terra. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Quando Quincas fala que “[...] a terra é, para o pobre que não tem emprego, uma fonte de alimentação [...]”, ela está evocando um sentimento de pertença à causa, que era coletiva e que se instaurava naquele ambiente de disputas. Este sentimento era para ela gerador da segurança na estabilidade de um lar e da plantação de alimentos que poderiam sustentar os seus.

Assim, as práticas amistosas com os membros da comunidade revelavam-se de maneira mais forte quanto se colocam questões relacionadas ao direito à terra. Todos os que com ela conviveram percebiam que esta causa não era apenas de Quincas, mas também da coletividade no Engenho Geraldo. Quando, em sua fala, ela afirma “acho que a terra é poder”, em sentido lato, aponta que o elemento “terra”, ou pelo menos o direito dos mais pobres de ter acesso a ela, era um dos motivadores para a união que buscava alcançar na comunidade.

A relação com os companheiros e companheiras que começam a se edificar já nos primeiros ensinamentos da escola é mote para toda a sua vida de militante.

Nos meus estudos na casa de Dona Lourdes Grande, foi onde comecei a se identificar com a luta e também foi lá que conheci alguns dos companheiros que depois iria me ajudar nos movimentos. Conheci Nequinho, Lourdes, os filhos de seu José Ventura e até Lourdinha ficou mais minha amiga depois da escola (informação verbal<sup>43</sup>).

O sentimento de amizade, parte integrante da sua força de mobilização, é pensado por teóricos tais como Ortega (2002) e Ionta (2007), que o descrevem como uma categoria de chamamento político dos sujeitos que o desenvolvem. A amizade se apresenta como um cuidado com o mundo e uma proteção do outro expresso nas relações de convivência. Quando Quincas fala que, ainda criança, conhece companheiros que lhes acompanharam por toda a vida, ela revela que as reações construídas ao longo de sua história foram importantes para sua inserção no mundo. “Estes amigos, que eram meus desde de criança, também serão companheiros nas decisões da nossa luta” (informação verbal<sup>44</sup>).

A vida de Quincas é marcada pelas relações de convívio e práticas amistosas, atitude que começa a ser delineada por ela ainda muito jovem. Segundo Perrot (2002), o espaço público passa a ser galgado por mulheres que não mais abrem espaço em suas vidas apenas para o papel de submissão no lar, mas, sim, a uma busca por sociabilidades

---

<sup>43</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a relação entre amizade e militância. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>44</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a relação entre amizade e militância. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

que incorrem em papéis políticos. Scott (1995) pensa de maneira semelhante ao conceber os estudos de gênero pertinentes à percepção da mulher na vivência social.

Quincas diz que sua luta é iniciada com os ensinamentos cristãos católicos da JAC<sup>45</sup> (Juventude Agrária Católica) e pelos discursos proferidos por sua primeira professora, a senhora Lourdes Grande. Para ela, foi na casa desta senhora que começou a sensibilização acerca dos valores cristãos e de luta por direitos à terra.

Com 10 anos de idade, apareceu um movimento na comunidade do Engenho Geraldo, mas a gente ia mesmo era para o Sítio Camará e Queira-Deus. Eram as reuniões da casa de Dona Lourdes Grande. Ela reunia o povo para falar sobre sindicato, sobre a JAC e para conscientizar. A JAC era a Juventude Agrária Católica. Minha mãe não queria a gente de fora, pois dizia que era um movimento bom da Igreja e levava a gente. Aí, estas reuniões eram no grupo do Camará ou na casa de Dona Lourdes mesmo (informação verbal<sup>46</sup>).

A vida em comunidade começou a ser delineada ainda na infância. Os primeiros valores passados por Lourdes Grande iriam acompanhá-la por toda a sua trajetória. Para ela, aqueles primeiros ensinamentos em momentos de estudos bíblicos e da realidade social na qual estava inserida foram relevantes para que os valores de luta e de afirmação de direitos fossem interconectados à sua subjetividade.

Eu comecei indo para o movimento ainda pequena. Dona Lourdes Grande era a professora. Ela dava aulas para as crianças, mas também reunia os jovens e adolescentes, e meninos que tivessem 12 anos pra cima para formar grupos de catecismo, e ia se reunindo com a gente e passando os ensinamentos da JAC. Era assim, este grupo ia sendo formado e a gente ia ganhando gosto pela luta. Só vim perceber isto quando fiquei mais velha e vi o quanto eram importantes aqueles ensinamentos (informação verbal<sup>47</sup>).

Mesmo que na infância Quincas não tenha desenvolvido a consciência de que os valores políticos que lhe estavam sendo ensinados, estes eram sobretudo de “esquerda”. Ela cresce tomando estes ideais como “verdades” que a acompanharão como bandeiras

---

<sup>45</sup> JAC (Juventude Agrária Católica), Para Rodriguez (2013) este movimento surge no Brasil como a Ação Católica Geral, passando a atuar a partir na década de 1930, entra em declínio no final da década de 1969 por divergências internas, sendo substituída pelo Movimento de Evangelização Rural (MER).

<sup>46</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre o seu ingresso na JAC. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>47</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre o seu ingresso na JAC. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

de luta. Desse modo, é importante perceber que seu protagonismo político foi sendo construído a partir de valores de luta por direitos dos/as trabalhadores/as do campo.

A escrita de si edificada por Quincas traz um contexto de valores marxistas intrínsecos em sua fala, fato bastante comum às lideranças que se projetam no protagonismo social camponês neste momento histórico. Em seus relatos, palavras como luta, companheiros/as, latifundiários e Lei n. 4.504<sup>48</sup> são corriqueiras, sendo perceptível que os valores e sentimentos voltados para o social foram alimentados em sua construção subjetiva na primeira infância.

Quando assume a liderança do movimento do Engenho Geraldo, ela busca sua base subjetiva nos valores construídos desde a juventude. O Movimento de Evangelização Rural (MER) lhe trouxe pensamentos e ideias que serão significados para a produção de uma sensibilização da comunidade. Ela se vale de forma exitosa dos ensinamentos passados por este grupo de evangelização como forma de aperfeiçoar sua afirmação como liderança do movimento.

A JAC virou MER, Movimento de Evangelização Rural. Este movimento já lutava com sindicato, lutas de terras. O pessoal que morava nas terras e o patrão queria botar para fora, aí eles já lutavam para não sair. Como no caso da gente do Geraldo mesmo. E assim, o pessoal que trabalhava de meeiro, que tinha uma conta muito alta da terra, aí eles ajudavam, eles ajudam dentro da lei do estatuto da terra, que era o 4.504 (informação verbal<sup>49</sup>).

O apoio e a orientação educacional sobre as leis que poderiam ajudar os/as trabalhadores/as oferecidos por estas entidades (JAC e MER) foram cruciais para a atuação de Quincas e de suas companheiras. Como consequência, mais tarde o movimento ganhou força e articulação política. O interessante é perceber que, segundo seus recortes de memória, tais movimentos de ação católica a acompanharam durante toda a sua militância. “Até hoje, recebo jornal e revistas sobre a pastoral da terra” (informação verbal<sup>50</sup>).

---

<sup>48</sup> Lei federal aprovada em 30 de novembro de 1964, que estabelece e regula os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da Reforma Agrária e Promoção da Política Agrícola. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/14504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14504.htm)>. Acesso em: 07 out. 2014.

<sup>49</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a atuação da JAC e, posteriormente do MER. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>50</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre o papel da JAC e do MER para a sua militância. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Gohn (1997) defende que os movimentos sociais tiveram grande força na década de 1970, devido ao apoio das alas progressistas da Igreja Católica. “Os movimentos populares que se tornaram conhecidos internacionalmente foram os que estavam sob o manto protetor da igreja católica em sua ala mais progressista, da teologia da libertação” (GOHN, 1997, p. 229).

Na Paraíba, a influência da Teologia da Libertação foi marcante nos movimentos sociais que se organizavam neste período. Dom José Maria Pires<sup>51</sup>, como um dos representantes desta teologia em âmbito nacional, influenciou fortemente o estabelecimento de políticas em defesa das populações do campo no estado, além de atuar como um dos responsáveis pela consolidação de inúmeros movimentos sociais surgidos naquela década, a exemplo do Grande Alagamar<sup>52</sup> e do próprio Engenho Geraldo.

Na Paraíba, a Igreja, a partir da posse do Arcebispo Dom José Maria Pires, em 1975, passa a ser a grande incentivadora para o ressurgimento dos movimentos sociais, principalmente, o movimento sindical e camponês, que irão se fortalecer, relativamente ao período anterior, a partir da década de 1980. Também voltou à cena, nesta conjuntura de “abertura” o movimento estudantil e surgiu um incipiente movimento feminista de classe média (NUNES, 2009b, p. 82).<sup>53</sup>

Seus relatos apontam influências marcantes para a militância. Figuras como Dom José Maria Pires e Dom Hélder Câmara, além de Padre Cristiano, da Congregação Redentorista<sup>54</sup>, foram personagens marcantes para a sua vida. Mais uma vez, Quincas desponta como alguém que veio se contrapor ao discurso estabelecido da “mulher reclusa ao lar e à família”. Segundo Rosa (2013), as análises históricas com mulheres devem justamente se contrapor a uma visão de invisibilidade desses sujeitos nas relações sociais e na própria História.

---

<sup>51</sup> Arcebispo emérito da Paraíba, Dom José Maria Pires. Ficou à frente da arquidiocese paraibana durante 40 anos.

<sup>52</sup> Conjunto de Comunidades rurais situadas entre os municípios de Itabaiana e Salgado de São Félix, que, com o declínio dos grandes latifúndios produtores de cana-de-açúcar na década de 1970, começaram a reivindicar um processo de reforma agrária para a devida distribuição das terras aos posseiros.

<sup>53</sup> Sobre Dom José Maria Pires vale salientar que este foi arcebispo da Paraíba entre os anos de 1965 a 1995. Disponível em <

<http://www.arquidiocesepb.org.br/index.php?arqui=pages/paginasMenuEstatica&id=14> Acesso em 18 de Abril de 2016

<sup>54</sup> A Congregação cristã católica “Santíssimo Redentor”, fundada por Santo Afonso Maria de Liguori, em 1737, tem como um dos seus lemas a ajuda aos pobres e desvalidos. Chegam à Paraíba em 1975, onde fundam em Campina Grande a Escola Técnica Redentorista (ETER). Durante as décadas de 1970 e 1980, desenvolvem trabalho social junto às comunidades rurais do planalto da Borborema. É nesse contexto que Quincas conhece o Padre Cristiano, um dos membros da entidade religiosa de então. Disponível em: <<http://www.redentorista.org.br/index.php/eter/institucional/historia.html>>. Acesso em: 09 out. 2014.

Invisibilidade que faz parte da História das mulheres, ou dos lugares reservados a ela historicamente. Sabemos que, em sociedades patriarcais como a nossa, o lugar das mulheres ao longo dos séculos oficialmente, tem sido o espaço privado – espaço doméstico da casa, da cozinha, do quarto etc. Espaço guardado pela invisibilidade e o silêncio (ROSA, 2013, p. 45).

Quincas apresenta-se como alguém que dialoga em ambientes públicos de espaços tachados como masculinos, eis uma marca sua. O fato de ser respeitada pelos padres e ouvida pelo povo, como ela mesma afirma, mostra sua peculiaridade e perfil de liderança. Ao mesmo tempo, percebemos sua forte ligação com a fé e os valores de luta.

Os padres nos apoiavam da seguinte forma: se tivesse uma bagaceira<sup>55</sup> que os patrões fizessem, o Dom Manuel Pereira, que era o bispo da região, vinha para fazer reunião com o povo e fazia uma missa. Por exemplo, ele veio pra Queira-Deus quando o dono deu um balaço e matou os patos dos posseiros que estava no açude. Nesta missa, era onde o movimento entrava. Já Dom José Maria Pires, que era o arcebispo de João Pessoa, era nas lutas do lado de Coqueirinho, Alhandra e no litoral. Dizem que lá a luta era pesada. O povo ia preso e tudo. Aqui no Geraldo, tinha Padre Cristiano, que era para celebrar as missas, ajudar com o financeiro no movimento. Ele é holandês e está vivo. Mora no Redentorista, em Campina Grande (informação verbal<sup>56</sup>).

A influência que constrói com os agentes externos ao movimento é, talvez, a peculiaridade que melhor assinala a inserção de Quincas como uma das líderes do movimento. Quando ela cita o episódio da morte de algumas aves (patos) no Açude do Queira-Deus, comunidade não pertencente ao território do Engenho Geraldo, evidencia como a articulação de sua liderança entre as diversas partes era marcante. Em primeira instância, mobilizando os trabalhadores, que se sentiam atingidos pelos seus padrões (no caso, aos donos dos patos mortos). Em segundo plano, convocando agentes externos (religiosos simpáticos aos trabalhadores rurais) para reforçar e dar apoio ao movimento, e em terceiro plano organizando a partilha dos problemas com as pessoas presentes na reunião, a fim de chegar a uma estratégia para solucionar o problema.

---

<sup>55</sup> Bagaceira é o nome popular dado ao local de armazenamento do bagaço (restos das moagens da cana-de-açúcar). Na região Nordeste, esta expressão ganhará novos sentidos metafóricos, típicos do seu regionalismo, a exemplo de confusão, conflito, balbúrdia, divergências entre grupos de indivíduos.

<sup>56</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a participação de movimentos da Igreja Católica nos conflitos de terra. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Este modelo de ação irá acompanhá-la nos vários momentos e nas inúmeras lutas que encabeçou. O referido modelo, por assumir uma marca para as ações de Quincas, também pode ser visto como um dos marcadores de sua escrita de si.

Tal escrita de si, como apresenta Souza (2008), estava representada através das formas de guardar e transmitir conhecimentos e, em grande medida, pelas maneiras como se projeta para aqueles/as com quem convive. Desvia-se, portanto, de uma imagem meramente registrada no papel – comum nos ditos detentores da História, para adentrar-se em uma escrita de oralidade reforçada a cada momento de sua vida e trajetória de luta. Escrita que deseja projetar-se para os/as ouvintes de sua militância.

Tomar a escrita de si como um caminho para o conhecimento, numa perspectiva hermenêutica, não se reduz a uma tarefa técnica ou mecânica. O pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas. Neste sentido, o conceito de “si mesmo” é, como todo conceito, uma proposta organizadora de determinado princípio de racionalidade (SOUZA, 2008, p. 46).

Em relação à escrita de si que menciono nestes escritos, penso que ela é desenhada também sob a imagem de Quincas, que, na junção com seus enlaces subjetivos e de identidade, engendrou um texto sobre ela. Sua imagem, por si só, já remete a um retrato de lutas e de anseios sociais e suas falas imediatamente induzem ao que ela deseja que se represente sobre si. A baixa estatura, a pele negra (que faz questão de afirmar), a saia comprida, que sempre gosta de usar, e o lenço na cabeça, escondendo os cabelos, ajudam a compor esta leitura, feita imediatamente em ocasião do contato.

Pereira (2000) enfatiza como Lampião moldava sua imagem conforme o modo como ele queria que as pessoas o percebessem. A imagem que o famoso personagem histórico constrói de si, quando relacionada aos que o seguiam ou o temiam, é apresentada pela autora como fruto de uma construção proposital, cujo objetivo era alimentar o poder que construía naquele momento histórico.

Ao considerar esta perspectiva de construção do ser, é possível evidenciar pontos de convergência com relação às afirmações de Rosa (2013), para quem as categorias homem e mulher são distinções políticas e não biológicas, que criam, em certa medida, ditaduras nas quais os machismos tornam-se prisões que barram os sujeitos em suas vivências. Ao passo que a passividade diante do poder da sexualidade na estrutura normativa das sociedades é bastante presente e que, apesar destas opressões, os sujeitos

criam resistências sub-reptícias<sup>57</sup>, temos, na narrativa de Quincas, uma forma de construção subjetiva que buscou a todo momento se afirmar diante da sociedade das décadas de 1970 e 1980.

Nas memórias, encontram-se momentos perpassados por um sentimento de indignação por conta do preconceito que ela sofria por ser mulher dentro de um ambiente que privilegiava a figura do homem como detentor da razão ao dizer:

Eu sofri muita discriminação por ser pobre, preta, pequenininha e mulher. Teve gente que dizia que eu ia só atrás de homem, mas isso era daqueles que não eram a favor do movimento, pois os que eram me apoiava. Eram bem amigos, me respeitava e respeitavam a luta (informação verbal<sup>58</sup>).

Por outro lado, vemos que sua resistência ao poder estabelecido extrapolava o cenário das opressões. Batalhas constantes eram travadas não só com os “senhores” que detinham a terra, mas também com a própria sociedade, que em vários momentos não via a liderança feminina como algo positivo.

Sobre a maneira de Quincas se afirmar, Cardoso (2012) aponta que os movimentos negros no Brasil, em especial a partir da década de 1970, utilizaram-se do termo “raça” como marcador de lutas na promoção de uma autoafirmação destes grupos sociais. Nesse sentido, grupos de feministas negras também se apropriaram do termo para mobilizar ainda mais a defesa de seus direitos. Para a autora, uma coisa era o “feminismo branco” das “mulheres ricas” dos grandes centros urbanos. Outra realidade completamente distinta residia nas lutas das milhões de mulheres negras e pobres existentes no Brasil.

A autoafirmação das mulheres negras, individual e de grupo, pode ser vista como um “ponto de identificação”, como ressalta Hall, sendo a autoafirmação realizada através da significação de um conjunto variado de recursos simbólicos, culturais e políticos que atua na produção e posituação de identidades e pode também ser acionado a favor de posicionamentos políticos, de ideias de pertencimento e de sobrevivência em sociedades racializadas (CARDOSO, 2012, p. 60).

---

<sup>57</sup> Conceito criado por Michel Foucault, ao defender que os micro-poderes são práticas que regem os sujeitos em suas relações de vida. Sub-reptícias seriam as formas de burlar o que é imposto por um macro-poder.

<sup>58</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a discriminação de gênero dentro do movimento. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

A discriminação por “ser mulher”, “negra” e ter “baixa estatura”, conforme mencionada em sua fala, é rebatida de forma politizada, pois Quincas parte para o confronto de ideias e faz de sua vida um palco de lutas, que também contribui para sua afirmação. Estes marcadores de exclusão são fortemente evidenciados quanto à relação dialógica com os preconceitos sofridos. Evidencia-se, aqui, o preconceito social, por ser “pobre”, o racial, por ser “preta”, e de gênero, por ser “mulher”.

É importante destacar que os marcadores sociais sobre as mulheres negras são resultantes de processos de dominação e opressão, mas também são construtores de identidades e, com esta afirmação, não estou reduzindo os marcadores sociais a meras categorias descritivas das identidades dos indivíduos nem perdendo de vista que a definição dos espaços sociais é provocada pelas estruturas sociais. Os marcadores sociais são, inegavelmente, dispositivos que promovem a desigualdade entre os grupos sociais, mas, também, podem ser acionados pelas mulheres em situações de agenciamento e empoeiramento para o questionamento das estruturas de opressão (CARDOSO, 2012, p. 57).

Ao pensar a situação de opressão vivida em sua juventude, ela projeta marcas subjetivas de resistência como elementos edificantes de sua escrita. Aqui recordo que, nos retalhos de memória de Quincas, em vários momentos, o orgulho de sua identidade é ressaltado com euforia. “O que sei é que, através da minha avó, me sinto orgulhosa de ser negra. Maria era o nome dela, que já me ensinava a não ter muita amizade com os Tavares (risos)” (informação verbal<sup>59</sup>). Segundo Cardoso (2012), as lutas das mulheres negras por direitos se delineiam a partir de movimentos que tinham como eixo norteador a defesa das identidades e a luta contra a opressão sofrida por estas agentes sociais. Vale lembrar que, no contexto da década de 1970, vários pensamentos estavam surgindo naquele momento. Inclusive, no Brasil, o feminismo negro começa a atuar em parceria com o Movimento Negro Unificado e com outros grupos da época.

Embora não tenha participado de movimentos feministas negros, sua vivência dentro dos movimentos sociais do campo fê-la conhecedora de direitos. Por tê-la disposto na condição de figura peculiar para seu meio ao assumir papel de liderança da comunidade, é importante refletir sobre tais marcadores de exclusão quando a narrativa sobre Quincas inclui questões relacionadas à sua identidade negra.

A Raça, o Gênero e a Classe Social são conceitos que, em certo sentido, entrelaçam-se, a ponto de, no caso de Quincas, serem constantes em sua vida. A alegria

---

<sup>59</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre orgulho racial. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

diante dos acontecimentos e o não arrependimento diante do que fez em sua trajetória de luta - por sinal, recorda com louvor dos momentos em que era aclamada como a líder do MER no Engenho Geraldo - são traços do prazer de ser uma militante e negra. Em sua fala, Quincas acha cômico dizer que muitos a julgavam como apenas “uma pobre negrinha, coitada, representante da Igreja dentro da comunidade” (informação verbal<sup>60</sup>). Quando a isto, ela afirma que, na verdade, era uma boa maneira de enganar os poderosos inimigos da comunidade.

A imagem projetada para os que detinham o poder na região era também uma forma de sobrevivência. Ela sabia que se despontasse para eles como a grande líder do movimento, poderia sofrer ameaças e não conseguir alcançar seus objetivos. Então, algumas vezes, era estratégico que a concebessem como uma “coitadinha”. Outras formas de resistência também eram utilizadas por Quincas e suas companheiras na resistência: “[...] o povo do Geraldo era todo orientado para não entregar nós às ‘cabeças’. Nos encontros, a gente sempre ficava no meio do povo, nem na frente, nem atrás, era sempre no meio” (informação verbal<sup>61</sup>).

Ainda sobre este entusiasmo em protagonizar lutas, vê-se que a alegria da militância vista em Quincas faz lembrar dos ensinamentos de Deleuze e Gattari, em o *Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, prefaciado por Foucault (1993). Neste estudo, a prática da militância é traçada por um sentimento antifascista dos indivíduos que buscam neutralizar os macro-poderes nos seus discursos. Quando busca não se aproximar do poder e construir uma nova forma de pensar o mundo que não esteja amarrada a escoras morais dos poderes, Quincas procura prazer em sua militância, que lhe traz alegria: “não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária” (FOUCAUT, 1993, p. 98).

Eu era muito satisfeita com a nossa função, pois era a gente que liderava, éramos as líderes mesmo! A gente tinha pé de igualdade com os homens, não havia diferença. É tanto que este pessoal nunca tratou com diferença, pois era a gente que liderava a luta mesmo. Isto me dava muita alegria e satisfação de participar do movimento (informação verbal<sup>62</sup>).

---

<sup>60</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre orgulho racial versus discriminação. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>61</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>62</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Quincas é feliz com sua militância, e não viu em sua atuação uma forma de ascender a cargos de poder. Seu agir era muito mais entrelaçado por sentimentos de ajuda e solidariedade aos seus. Segundo suas falas, isto lhe trazia alegria e lhe motivava a continuar empunhando suas bandeiras de luta.

### **1.3 “A gente passou 10 anos fazendo o povo compreender”: o respeito e a liderança conquistados na comunidade**

A luta por direitos dos/as trabalhadores/as se confunde com sua própria história de vida. Para Quincas, a luta no Engenho Geraldo é uma dentre tantas que ela participou durante sua vida. Hoje, ela participa do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e vive em um assentamento no Distrito Cepilho, do município de Remígio-PB<sup>63</sup>. Mas, em outros momentos, participou de movimentos em outras comunidades, como o Queiradeus e Camará<sup>64</sup>, em Alagoa Nova-PB, movimentos anteriores ao promovido no Engenho Geraldo. Assim, suas narrativas são marcadas por várias experiências admiráveis para a sua escrita de si, que hoje a tornam única quando se entende sua personalidade forte e sabedoria marcante, conhecimento de mundo e respeito social. “No movimento, eu e as meninas, a gente encarava mesmo as dificuldades. As pessoas vinham pedir ajudar a gente no discurso, então a gente ia conversar com o povo e também os próprios companheiros para chegar a uma decisão” (informação verbal<sup>65</sup>).

A decisão sempre tomada em grupo e o fato de ela sempre procurar levar os problemas à coletividade são elementos desta sabedoria que, na construção de si, faz-se evidente. Para Quincas, eles estavam “[...] numa equipe que trabalhava como uma pessoa, um grupo de gente para tudo que viesse, esse povo tinha coragem. A gente tinha coragem de enfrentar a polícia, enfrentar patrão, como tinha disponibilidade de andar a pé nas nossas lutas” (informação verbal<sup>66</sup>).

<sup>63</sup> O Assentamento Queimadas, localizado no município de Remígio-PB, relatado por Quincas, possui uma área de 1810 ha, distribuída da seguinte maneira: 100 lotes de 10 ha foram destinados para cada família assentada; reserva florestal com 400 ha e uma área coletiva com 410 ha. Disponível em: <[http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais\\_enga\\_2012/eixos/1344\\_1.pdf](http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1344_1.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2014.

<sup>64</sup> Comunidades que, nas décadas de 1960 e 1970, sem documentação que demonstrasse data precisa, tiveram apoio da JAC e do MER para a consolidação da regularização fundiária junto aos camponeses. Ambas ficam em Alagoa Nova-PB e se localizam vizinhas ao Engenho Geraldo.

<sup>65</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>66</sup> Idem.

Foi assim que sua história se fez presente na construção da memória coletiva da comunidade Engenho Geraldo. Várias pessoas se lembram de sua atuação como líder do movimento. Aqui, concordo com os ensinamentos de Halbwachs (2006), ao analisar a memória dos sujeitos históricos como algo construído a partir de vivências partilhadas por um grupo. Mesmo que individualmente, cada indivíduo constrói uma visão particular do que foi vivido em conjunto. Logo, falas como “ela era minha comadre, Comadre Quincas (informação verbal<sup>67</sup>); “Quincas, professora do Camará, do Braz” (informação verbal<sup>68</sup>); “Quincas era JAC e do MER” (informação verbal<sup>69</sup>), são narrativas comuns às pessoas quando rememoram as ações dela e sua atuação política nos movimentos.

Tais lembranças, em sua individualidade, vão se agrupando e formando uma memória coletiva. São recorrentes quando se fala do movimento do Engenho Geraldo, bem como a respeito da atuação de Quincas como líder do referido movimento.

Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-la a um grupo [...] No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. As relacionadas a um número muito pequeno e às vezes a um único de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória (já que, pelo menos em parte, ocorreram em seus limites), passam para o segundo plano (HALBWACHS, 2006, p .51).

Neste sentido, as memórias construídas pela comunidade sobre as atuações de Quincas ao longo de 10 anos de luta são sobretudo marcas de uma história contada na oralidade por aqueles que a conheceram, seja como companheira de movimento, seja como amiga, comadre ou professora. São todas inscrições que ela deixou na subjetividade de cada indivíduo com quem conviveu no Engenho Geraldo.

Nas narrativas de Quincas, identifica-se o início do movimento no Engenho Geraldo em 1975, ano da morte de Pedro Tavares de Melo Cavalcante e momento em que a JAC começa a se transformar em MER. Estes acontecimentos motivam os/as trabalhadores/as a pensar que o lugar que ocupavam não era deles de fato. “Depois da

---

<sup>67</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre suas relações com Quincas. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>68</sup> MARIA DO CÉU. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu ao pesquisador sobre suas relações com Quincas. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>69</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre suas relações com Quincas. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

morte de Dr. Pedro, o povo começou a ter medo de ser despejado das terras do Engenho Geraldo. Muitos já vinham se martirizando com isso quando ele ainda estava doente, mas a morte dele trouxe o medo” (informação verbal<sup>70</sup>). Assim, o medo de perder a terra onde muitos moravam há décadas se tornava cada vez mais evidente.

**FIGURA 2:** Convite da missa de primeiro aniversário de morte de Pedro Tavares de Melo Cavalcante<sup>71</sup>.



**Fonte:** Digitalização feita pelo pesquisador a partir do documento original, pertencente à senhora Salete Cirino de Lima.

Com o marco simbólico da morte do último herdeiro direto da família Tavares de Melo Cavalcante, era preciso agora encontrar uma forma para “entrar” no Geraldo e começar a motivar uma sensibilização da comunidade, o que não seria fácil. Era preciso mobilizar todos/as para lutar por seus direitos e a tarefa passava por uma articulação política muito forte. Desse modo, a forma encontrada por Quincas e os seus apoiadores foi promover reuniões disfarçadamente mascaradas por práticas religiosas, como novenas, encontros de formação com as famílias e missas. Estas atitudes se caracterizavam como a melhor maneira, segundo ela, de começar a mostrar à comunidade que era possível lutar por direitos.

A gente criou uma maneira junto com a Igreja para reunir o povo para rezar. Rezávamos campanha da fraternidade, as novenas de maio, o natal em família. Só que nestas rezas (risos), a gente aproveitava para ler a lei do estatuto da terra, para explicar para o povo depois. Fizemos

<sup>70</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre o impacto da morte de Pedro Tavares de Melo Cavalcante sobre o povo residente no Engenho Geraldo. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>71</sup> Convite para a missa de 1º aniversário de morte de Pedro Tavares de Melo Cavalcante. Documento pertencente ao acervo pessoal da senhora Salete Cirino de Lima, moradora do Engenho Geraldo. Este documento liga-se às falas de Quincas quando menciona as temporalidades do movimento.

o roteiro da produção. Teve outro roteiro também, que era o roteiro do método, que o método do movimento que ensinava assim, que as pessoas que estavam orientando o povo nem podiam ir na frente e nem podiam ir atrás, tinha que ir no meio do povo (informação verbal<sup>72</sup>).

A “potência da reza” como discurso político era a “arma” que melhor utilizavam as lideranças do Engenho Geraldo para sensibilizar a comunidade. Os discursos proferidos nos momentos de partilha eram quase sempre carregados de uma forte intencionalidade política e sustentados por muitos dos sentimentos cultivados em conjunto. Chamar as pessoas de Companheiro/a a cada dia tornou-se a palavra de forte apelo identitário no movimento relacional das pessoas ligadas à luta. Quincas explica que chamar alguém de companheiro era a forma que eles tinham de tornar o movimento mais coeso e as suas ações mais ligadas à fé.

A relação amistosa que foi aos poucos sendo construída tinha no discurso religioso utilizado pelas lideranças um forte aparato. Ao elaborarem os roteiros<sup>73</sup> para as novenas e reuniões que seriam proferidas na comunidade, as lideranças tomavam sempre o cuidado para que tais roteiros seguissem a partilha dos problemas existentes na comunidade. As novenas, missas e estudos bíblicos eram os momentos nos quais se praticava a partilha.

Sobre os roteiros, eles funcionavam mais ou menos assim: aquela missa, novena ou encontro da Igreja era o jeito que a gente fazia para trabalhar os roteiros do método e da produção no movimento. A gente sempre fazia uns cartazes e depois da missa ou antes a gente fazia “a devolução dos problemas”, que era da seguinte forma: a gente chamava alguém que aí ia devolver tudo para o povo, que ia perguntar quais eram os problemas e tomar decisão em conjunto. Naquele momento, nós decidíamos o que iríamos fazer no movimento. Estas devoluções dos problemas eram colhidas nos setores da comunidade. Depois, nós, lideranças, fazíamos reunião escondida para decidir quais seriam os próximos passos na luta (informação verbal<sup>74</sup>).

A forma como eram “devolvidos os problemas” nestes encontros podia ser entendida como um simples discurso de pessoas que estavam preocupadas com os sofrimentos e as perseguições que passavam. Mas, para além destas questões, as falas eram a forma mais simbólica que Quincas e suas companheiras encontraram de partilhar

---

<sup>72</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a mobilização política da comunidade do Engenho Geraldo. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>73</sup> Quincas aponta os roteiros do método e da produção como sendo bases construídas a partir do MER - Movimento de Evangelização Rural - para guiar como elas deveriam trabalhar junto aos camponeses.

<sup>74</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

suas vivências e, ao mesmo tempo, ouvir as de todos que com elas caminhavam, bem como suas reivindicações. Nestes movimentos e falas, também eram exaltadas as formas mais explícitas e públicas das amizades entre eles/elas. Quando Quincas afirma que, “dentro dos movimentos, a gente sempre se tratava de ‘companheiro’, pois era realmente assim que a gente se sentia” (informação verbal<sup>75</sup>), mostra que a potência do vocativo nas falas proferidas do movimento era a base para o desenrolar das lutas.

Neste momento, é pertinente perceber que as relações existentes entre a atuação de Quincas e os modelos pedagógicos adotados pelas CEBs e pelo MER são fortemente ligados: “a gente usava o roteiro do método. Era um roteiro que já estabelecia o passo a passo da devolução dos problemas da comunidade” (informação verbal<sup>76</sup>). O modelo adotado nas comunidades de base, o qual se aproximava da realidade social dos habitantes de dada comunidade, foi fortemente utilizado no Engenho Geraldo. Para ela, este era o melhor modelo de convencimento das pessoas a ingressar na luta.

A sensibilização dos moradores da comunidade Engenho Geraldo durou cerca de 10 anos até a efetiva obtenção da posse da terra, em meados de 1984. Neste entremeio, as atitudes de Quincas tornar-se-iam marcas do movimento e inclusive resistências daqueles que participaram juntamente com ela. O fato de não querer ser identificada aos olhos da lei e das autoridades locais era uma forma de se proteger contra uma possível repressão policial e militar. “Naquela época, tinha a ditadura militar e a gente tinha o medo de ser pego. Se não fizesse isso, ia pra cadeia. Em certas ocasiões, a gente só se reunia à noite, e quando a gente ia por um caminho, nunca voltava por ele” (informação verbal<sup>77</sup>). Percebe-se que a sombra de uma perseguição política pairava sobre a comunidade. Se, por um lado, tinha-se estruturado um regime ditatorial que atuava de forma direta para combater aos que ousassem contrariá-lo, por outro, estruturava-se um movimento dos “senhores da terra”, sobrinhos e herdeiros de Pedro Tavares, por uma gradual tomada das terras posseiros.

O medo era sempre presente entre os moradores da comunidade. Nas falas de Quincas, ela revela que, em várias ocasiões, o movimento foi perseguido. “Homens à paisana” iam constantemente investigar o movimento. Inclusive, algumas vezes a interrogaram na escola onde trabalhava. “Claramente estavam ali para descobrir algo do movimento e ia nos prender” (informação verbal<sup>78</sup>).

---

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> Idem.

<sup>77</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>78</sup> Idem.

Sobre as pessoas que lhe acompanhavam no movimento do Engenho Geraldo, ela evidencia a articulação entre os/as trabalhadores/as, deixando entrever em suas falas que a tarefa de ser uma liderança era tortuosa. Segundo seus relatos, foi um processo gradativo, com a entrada de novas pessoas no movimento, que esporadicamente era abalado pela saída de alguns que discordavam ou eram cooptados pelos donos da terra. O fato é que, durante os 10 anos de luta, a articulação para a consolidação do grupo que comandava o movimento (Quincas, Lourdes Paulino, Maria do Céu e Nêm Cobé, além de Nequinho Antônio Marcos e outros jovens) era constante. O grupo denominado por ela como os “cabeças” articulavam as reuniões e os encontros com a comunidade.

No Engenho Geraldo, Quincas era a articuladora das ações. Ao lado de sua amiga Lourdes Paulino<sup>79</sup>, buscava o apoio necessário para o fortalecimento do movimento. Quando Perrot (2002) elucida que as palavras das mulheres conservam muita liberdade de expressão e nelas reside a polidez com o trato das coisas, penso que este raciocínio pode ser utilizado para problematizar a capacidade de articulação de Quincas, que dava voz aos demais membros da comunidade sempre que os representava. A oratória é uma marca sua, pois com ela articulava de forma empolgante os moradores da comunidade para a luta.

Várias vezes, eu, dona Nêm Cobé e suas filhas (Maria, Zefinha, Carminha), Lourdes Paulino, os meninos do Queira-Deus, Antônio Marcos, Jorge de Zelo, Luiz de Velho Mariano, Moça, Graça, que também participavam. Nós nos dividíamos indo alguns para a região do Saco e outros para o Imbé; outro grupo pra o lado de Zé do Posto<sup>80</sup>, outros para o lado do Sítio Braz. Aí, no final, quando rezava nestas partes tudinho aí na Semana Santa, no domingo de Páscoa a gente fazia uma caminhada bem grande, juntava todo mundo, chamava o padre ou o bispo para ir acompanhando, vinha celebrar. A gente aproveitava nesta grande missa para devolver a luta, a organização, os massacres, devolver tudo que nos prejudicava para fortalecer o movimento. Esta missa era para isso, era para devolução dos problemas que a gente estava sofrendo, além das reivindicações que a gente fazia, para que fossem levadas aos poderes. Tudo isso que era exposto na missa era fruto do que a gente combinava com o povo nas reuniões que a gente fazia nas casas (informação verbal<sup>81</sup>).

<sup>79</sup> Segundo informações de Quincas, Lourdes Paulino atualmente reside no estado de Alagoas e ainda atua em movimentos de trabalhadores/as do campo.

<sup>80</sup> As reuniões eram divididas em grupos menores, que ficavam com a responsabilidade de orientar o povo mais próximo de si. Então, o Imbé, o Saco, Zé do Posto e o Braz eram regiões ou micro localidades dentro do Engenho Geraldo onde eram articuladas reuniões seguindo a demanda proposta pelas lideranças. Em sua maioria, as pessoas envolvidas no movimento moravam no Engenho Geraldo. A exceção era Dona Nêm Cobé, moradora da Comunidade Rural Sítio Camará, hoje pertencente ao município de Matinhas-PB.

<sup>81</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

A articulação entre “os cabeças”, para Quincas, era parte fundamental na luta promovida no Engenho Geraldo. Na ocasião, eram feitas reuniões em um primeiro momento com os líderes, geralmente à noite e em locais diferentes; por vezes na casa de um deles ou na raspagem da mandioca para fazer farinha. Eram várias as estratégias para disfarçar as reuniões de articulação, cujo objetivo era traçar estratégias e dividir tarefas. Depois que o grupo estava devidamente dividido, articulava-se em regiões dentro da própria comunidade, “Saco”, “Imbé”, “Braz” e outros, uma vez que era muita gente e o território era íngreme e de difícil acesso para que um só grupo fizesse todo o trabalho de “evangelização”.

As anotações do movimento eram feitas majoritariamente por Quincas, seguindo a linearidade dos acontecimentos, de forma a esquematizar as ações que iriam ser tomadas. Aqui, cabe a articulação com o pensamento de Catroga (2001), ao apresentar a memória como elemento formado por fatores subjetivos que coexistem com os aspectos das vivências do presente.

A memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às consequentes alterações ocorridas no campo das representações do pretérito (CATROGA, 2001, p. 16).

São lembranças marcadas por saberes adquiridos no decorrer da vida, rememorações formadas por vivências e experiências subjetivas e ancoradas no passado, marcas que moldam a escrita de si de Quincas. Hoje, sendo uma agricultora atuante nos movimentos do campo, sua vida ainda se cruza com suas atuações no passado. Registros visuais da época (fotografias do movimento) são úteis para traçar um paralelo entre o presente e o passado desta personagem, por ela narrado com sensibilidade e nostalgia.

Nos dividíamos em grupos. Uma parte ia fazer celebração no Saco e outra para na região do Imbé. Outro grupo para o lado de Zé do Posto, outra que ia pra o lado de Toró e outra ficava ali no Braz<sup>82</sup>. No final, quando rezava nestas partes todas, juntávamos na Semana Santa, no domingo de Páscoa todas as comunidades e fazíamos uma grande celebração. A gente fazia uma caminhada bem grande, juntava todo mundo, chamava o padre ou o bispo para ir acompanhando, e eles vinham celebrar. Nesta missa, a gente aproveitava para fazer a “devolução os problemas” da luta, a organização, os massacres, devolver tudo que nos prejudicava para fortalecer o movimento. Esta missa era para isso, além das reivindicações que a gente fazia para que

---

<sup>82</sup> Saco, Imbé, Zé do Posto, Toró e Braz eram localidades do Engenho Geraldo.

fossem levadas aos poderes. Tudo isso que era exposto na missa era fruto do que a gente combinava com o povo nas reuniões que a gente fazia nas casas (informação verbal<sup>83</sup>).

Os eventos mais abrangentes aconteciam na comunidade como forma de sintetizar as ações que pouco a pouco eram articuladas pelas lideranças. A grande missa da Semana Santa era uma síntese considerável dos trabalhos de base elaborados no movimento. Quincas trata destes momentos como eventos de suma importância para a atuação dela e de suas companheiras. Simultaneamente, ao recordá-los, ela se enche de alegria, pois eram momentos muito festivos.

**FIGURA 3:** Missa no território do Engenho Geraldo.



**Fonte:** Fotografia do arquivo pessoal de Quincas, datada do final da década de 1970.

A imagem retrata uma das missas promovidas no Engenho Geraldo, em que os problemas eram levantados pelos/as trabalhares/as. A ocasião é mencionada em seus relatos e é pertinente para se traçar uma narratividade sobre como se davam tais encontros. Muitos dos que as acompanhavam estão aqui representados, possibilitando uma construção imagética do caráter subjetivo dos moradores e também notabilizando que realmente eram muitos os que se faziam presentes nos 10 anos da luta.

Entre os movimentos de base, fazia-se também presente o auxílio nos movimentos sociais do campo da Juventude Universitária Católica (JUC). Esta entidade fazia a ponte

<sup>83</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

entre estudantes universitários e ações junto a movimentos sociais do campo naquele período. Destarte, ao se analisar a imagem acima, vê-se a presença de jovens que faziam parte deste grupo em uma das reuniões do Engenho Geraldo.

Conforme indica a seta na imagem acima, o estudante marcado pelo número I é, segundo relatos dos locais, Faustino Moura, hoje professor adjunto do departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, mas que na década de 1970 participava de movimentos estudantis e trabalhos de base.

A imagem acima também revela o quanto o movimento conquistava novas pessoas para a luta. Em uma análise dos presentes, é possível identificar a massiva participação feminina naquele momento. Isto reforça a afirmação de Quincas a respeito de como era a forma de participação dos moradores da comunidade. “Eu conversava e tentava convencer logo as mulheres, porque depois que elas viessem seria mais fácil convencer os maridos a entrarem na luta” (informação verbal<sup>84</sup>).

A capacidade de articulação e a rede de contatos com agentes sociais exteriores ao movimento sempre eram base para os trabalhos. Ao ganhar o apoio das mulheres e depois de seus companheiros, Quincas e os “cabeças” do movimento vão seguindo na luta pela sensibilização do povo. O próximo passo deu-se, segundo ela, em 1978, quando vieram os novos apoios da Comissão de Justiça e Paz da Igreja Católica e da advogada Tereza Braga<sup>85</sup>. O movimento agora ganhará articulação institucional, aumentando a sua força e articulação. Nesta nova fase, seu papel será decisivo na edificação de pensamentos de associativismo, que começam a ser alimentados. Além disso, ela servirá como elo entre o movimento e estas entidades de apoio.

A Comissão Justiça e Paz<sup>86</sup> entra no movimento mais ou menos pelos anos de 1978, mas o movimento do Geraldo a gente começou em 1975. A gente passou 10 anos fazendo o povo entender que era um direito da gente ter nossa terra, porque como o povo ia aderir à luta se não sabia que estava num parâmetro legal, que era a lei 4.504? Então, toda esta nossa luta era um processo para fazer o povo compreender e a gente

---

<sup>84</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>85</sup> A advogada Tereza Braga foi ativa representante da Comissão Justiça e Paz da Diocese de Campina Grande nas décadas de 1970 e 1980.

<sup>86</sup> A Comissão Justiça e Paz é um órgão ligado à Igreja Católica, fundado em 1968 no Rio de Janeiro, com objetivo de proteger os direitos humanos dos cidadãos brasileiros. Teve ativa participação na luta contra o regime civil/militar, denunciando práticas de tortura e perseguições promovidas pelo Estado Brasileiro. CF: CAVALHAL, Juliana Pinto. **A serviço da vida: a influência da igreja católica na formação do movimento nacional de defesa dos direitos humanos (1982-1986)**. 2007. 259f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG. p. 60-61.

teve uma adesão muito grande do começo até o final (informação verbal<sup>87</sup>).

Seu protagonismo acompanhará estes vários momentos, não demonstrando uma postura isolada de negação aos diferentes. Muito pelo contrário, buscará durante estes 10 anos o seu fazer para conquistar os que ainda não tinham percebido a importância de garantir o seu direito à terra. Desta feita, Quincas foi peça chave para que esta união fosse construída na mentalidade coletiva da comunidade.

#### **1.4 “Lourdinha, comadre Beatriz e Dona Nêm Cobé”: a força da amizade é a força da luta**

Nas falas de Quincas, a emoção toma-lhe o corpo quando pronuncia o nome de suas amigas no movimento. Madalena, Lourdes Paulino, Beatriz Pedro e Nêm Cobé são as mais mencionadas. Ela as relembra com a nostalgia de quem, em vários momentos, partilhou experiências de vida e cultivou cumplicidades.

A força de Quincas diante dos que fizeram parte do movimento fê-la descobrir uma forte ligação afetiva com suas companheiras, que transcende os meros interesses da luta e adentra em entrelaçamentos afetivos de compadrio - ela por exemplo, é madrinha de uma das filhas de Beatriz Pedro. Amizades de infância – no caso de Lourdes Paulino e Madalena, que são amigas de Quincas desde os quatro anos de idade e a própria relação de admiração da companheira mais velha, que se destaca como uma forte líder e parceira de lutas - Nêm Cobé. “Sempre admirei a coragem, a força e a guerra de Dona Nêm, sempre tive muito orgulho de ser sua companheira de lutas” (informação verbal<sup>88</sup>).

Para além das amizades com suas companheiras mais próximas, o vínculo com outras mulheres e homens fez-se presente em sua história de vida. Tais enlaces foram responsáveis, em grande parte, pela imagem de si construída durante sua vida. Porém, a questão relevante sobre estes encontros e interesses é pensar que relações de amizade foram construída entre mulheres do Engenho Geraldo? Em diálogo com Ionta (2007), ao pensar que o mundo ocidental criou discursos normativos que preconizam a impossibilidade feminina de desenvolver amizades, visão heteronormativa que perigosamente se instituiu nas relações humanas ao longo dos tempos, para a autora, estes

---

<sup>87</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>88</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua admiração por Nêm Cobé. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

discursos restringiram gradativamente as mulheres ao ambiente doméstico, sendo elas apenas “pertences” do universo masculino.

A pretensa impossibilidade das relações amistosas femininas, quando questionada, possibilita a construção de novos paradigmas normativos e os espaços designados a elas tornam-se plurais e múltiplos. Ionta (2007), Ortega (2002) e Rosa (2013) apontam a amizade como saída para esta restrição.

Um elo pode ser estabelecido entre as amizades das mulheres companheiras no Engenho Geraldo e outros sujeitos históricos em tempos distintos quando pensamos em consonância com os pensamentos de H. Arendt (2013). Ao analisar a vida de Lessing<sup>89</sup>, percebe seu amor pelo mundo nos tempos sombrios que antecedem as duas grandes guerras mundiais, refletindo sobre a felicidade expressa por ele através da amizade, elemento norteador de uma luta que fortalece homens e mulheres nos tempos mais lúgubres de suas existências.

A busca por uma origem do sentimento de amizade nos moldes gregos serve para questionar, apresentando-a como uma verbalização do sentimento para o público e renegando o segredo e o introspectivo como formas de resistir às dificuldades.

O exemplo da amizade, que levantarei por me parecer, por uma série de razões, particularmente pertinente à questão da humanidade, reconduz-nos a Lessing. Como bem se sabe, os antigos consideravam os amigos indispensáveis à vida humana e na verdade uma vida sem amigos não era realmente digna de ser vivida. Ao sustentar esse ponto de vista, poucas considerações davam à ideia de precisarmos da ajuda de amigos nos momentos de infortúnios; pelo contrário, antes achavam que não pode haver felicidade ou boa sorte para a pessoa, a não ser que tenha um amigo para partilhar sua alegria (ARENDDT, 2013, p. 33).

A verbalização da amizade das lideranças torna-se pressuposto para o enfrentamento de dificuldades, quando veementemente elas afirmam que buscavam no companheirismo a força para continuar lutando. “Comadre Beatriz me ajudava muito, sempre me dava conselhos de como eu devia agir na luta (informação verbal<sup>90</sup>)”. Se há, na inspiração grega, uma possibilidade de percepção do mundo para explicar as amizades construídas entre as mulheres do Engenho Geraldo, aqui, de maneira semelhante, vê-se a importância de dizer quem são as “amigas/companheiras do movimento” e o quanto elas

---

<sup>89</sup> Filósofo europeu cujo nome foi dado ao prêmio concedido a intelectuais na Cidade de Hamburgo, na Alemanha. Arendt (2013) escreve texto intitulado *Sobre a Humanidade em tempos sombrios: reflexões sobre Lessing* em homenagem ao prêmio que então recebera.

<sup>90</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua amizade com Beatriz Pedro. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

foram cruciais para a obtenção de conquistas, como uma fala intensa e constante nos traços de memória de Quincas.

A amizade por suas companheiras corresponde a aspectos semelhantes ao que Rosa (2013) define não como instituição ou bloco monolítico de convivência entre indivíduos, mas, sim, como enlacs possíveis de uma pluralidade de vivências. Quincas e suas companheiras quebram paradigmas pois vão na contramão da histórica “exclusividade” da amizade masculina. Elas negam essas possibilidades e assumem aproximação com o pensamento nietzschiano, em que se constroem formas heterodoxas de se perceber tais relações.

O interessante é perceber que, por outro lado, há visões de mundo sobre o mesmo tema que trazem perspectivas mais diversas sobre a amizade. Ionta (2007), ao debater sobre os preceitos filosóficos nietzschianos, traz à tona um novo olhar, mediante o qual se pensa a amizade como elemento múltiplo que se sustenta na heterogeneidade dos sujeitos e se situa nos entre-espacos. Para ela, a amizade se manifesta como uma categoria política que envolve emoções, que nasce nas relações humanas e, por vezes, foge dos binarismos criados sobre o homem/mulher.

A empreitada Nietzscheana cria outra concepção de amizade, lançando a luz para a assimetria, reciprocidade, a diferença, o estranhamento, a distância, enfim ele afirma a heterogeneidade, a alteridade que não deve ser suprimida na busca da concórdia [...] esse vínculo com um mecanismo de formação e transformação, em que o conflito e a heterogeneidade desempenham um papel importante, não para reforçar nossa identidade mas para transformá-la. Dessa forma, a amizade torna-se, na verdade, uma ascese, ou seja, uma atividade de autotransformação e aperfeiçoamento, tornando perfeitamente plausível as relações entre homens e mulheres e o estabelecimento de relações na diferença (IONTA, 2007, p. 30-31).

Ao pensar que as relações de amizade se edificam nos indivíduos, vejo que Quincas passa a moldar-se em grande parte pela influência das que a cercaram. Suas amizades construíram e foram construídas a partir de um sentimento de luta comum a todas e estas relações a fizeram se edificar a cada momento de vida.

A atribuição dos valores aprendidos com suas amigas está fortemente presente nas narrativas de Quincas e levam a um pensamento que situa a luta política como fator preponderante nas relações de gênero.

Eu contei muito com a sabedoria do povo da comunidade. Sempre ouvi muito seu João Cobé, Dona Nem Cobé, Lourdes Paulino, que depois

casou e foi embora; Antônio Marcos, Jorge de Zelo, isso o primeiro. Aí depois veio Maria Cobé, Nequinho, Beatriz, Ildimar Antônio Alexandre e Maria de Genésio. Eram estas pessoas que quando ia me reunir para tomar decisões e fazer estratégias contava minhas angústias, mas também dizia os planos que eu pretendia pôr em prática no movimento (informação verbal<sup>91</sup>).

Quando ela passa a moldar suas amizades como algo explícito que viabilizava a mobilização dentro do movimento, à proporção que organizava o povo na esteira das outras lideranças para conseguir cada vez mais seguidores, fazia um exercício plural de cultivo e exposição da amizade.

Estamos habituados a ver a amizade apenas como um fenômeno da intimidade, onde amigos abrem mutualmente seus corações sem serem perturbados pelo mundo e suas exigências. [...] Mas, para os gregos a essência da amizade consistia no discurso. Sustentavam que apenas o intercâmbio constante de conversas unia os cidadãos numa polis. No discurso, tornam-se manifestas a importância política da amizade e a qualidade humana própria a ela (ARENDETT, 2013 p. 33).

O discurso dos/das que a cercavam ajudaram-na a edificar um modelo de pensamento que foi importante para a construção de sua subjetividade, subsumido através da força que suas amigas lhe deram desde os primeiros momentos da infância e que foi revigorada por novas amizades construídas dentro da comunidade e na militância política dos/as trabalhadores/as do campo. Todos esses fatores foram importantes para a construção de seus discursos.

O ouvir e o aconselhar acompanhavam estas relações de maneira não monolítica. Algo semelhante às amizades construídas por Mario de Andrade e suas companheiras<sup>92</sup> também era edificado por Quincas: o prazer da conversa, da brincadeira, do sorriso, do abraço, da oração em conjunto era uma maneira de expressar e reforçar tais relações que transcendiam a esfera privada.

Sempre fui muito amiga de Madalena e Lourdes Paulino. Para ter uma ideia, sou amiga de Lourdes Paulino desde do tempo que vim morar vizinha a ela; eu não tinha nem quatro anos de idade. Sempre passamos dificuldades juntas, para estudar na escola de seu Clodoaldo Muniz até nos tornarmos professoras. [...] A gente fazia festas, forró, festa de

---

<sup>91</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>92</sup> Para Ionta (2007) Mario de Andrade construiu relações amistosas com Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga e Henriqueta Lisboa através de cartas trocadas entre si. Historias estas narradas na obra *As cores da Amizade*.

mães, festa do mês de maio, dia dos pais, das crianças, sem falar as rezas. Porque naquele tempo as festas e rezas não eram como hoje em dia. A gente rezava e o povo depois a gente ia brincar. Brincadeiras do anel, da prenda, isso os jovens, moças e rapazes. A brincadeira da prenda era assim: você tirava um negócio ali e o outro ia adivinhar. Se ele não conseguisse adivinhar, ele iria pagar a prenda. Aí tinha a das frutas, que tinha as frutas. Se a pessoa não acertasse, ficava com a prenda. Às vezes, levava umas tapas (risos) e com as crianças eram as brincadeiras de roda, mamãe caco de cuia, fui na espoja, a viuvinha (informação verbal<sup>93</sup>).

As memórias das primeiras vivências entre Quincas e suas companheiras remontam à primeira infância. As formas de brincar, os tipos de brincadeira, as primeiras experiências escolares, as primeiras paqueras na comunidade, estas são lembranças que revelam sua alegria de viver e a importância que estas amizades tiveram na construção de sua subjetividade. Ao mesmo tempo, mostram-se reveladoras, pois de certo modo contribuíram para as transformações que acompanharam a formação de Quincas em sua vida. Talvez, muitos de seus pensamentos e de sua prática de liderança foram erigidos a partir de experiências amistosas desenvolvidas durante sua trajetória.

Em suas ações, quebrar os preconceitos estabelecidos como dogma à mulher foi uma constante. Quando afirma que foi chamada de mulher falada, sapatão<sup>94</sup>, agitadora, mulher sem moral (informação verbal<sup>95</sup>), ela reforçava o forte caráter político de sua luta e como constantemente sofria represálias. Ademais, estas falas também a inseriam em um contexto de reivindicações próprias da sua afirmação feminina.

Maria Lourdes de Souza, intimamente chamada por Lourdinha, para além da conveniência de nomes, sempre foi a melhor amiga de Quincas. Desde os quatro anos de idade juntas, “uma conhece a outra como ninguém” (informação verbal<sup>96</sup>). Durante o movimento, eram responsáveis pela elaboração de documentos e as principais articuladoras da comunidade, ambas professoras, tinham o respeito dos que as acompanhavam e dedicação dos que compartilhavam as tarefas de liderança dentro do movimento.

Lourdinha ajudava Quincas nos afazeres, redigia alguns textos, participava das reuniões em companhia da amiga. Ambas tinham em comum o desejo de obter a posse

---

<sup>93</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre as brincadeiras e festejos de sua infância e juventude. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>94</sup> Termo pejorativo em alusão à homossexualidade feminina.

<sup>95</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>96</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua amizade com Lourdinha. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

das terras do Engenho Geraldo e, para tanto, impunham todas as suas forças em prol desta causa.

Os textos utilizados nas reuniões dos movimentos eram importantes para que as pessoas se sentissem motivadas a “partilhar os problemas”. Neles, havia experiências que, segundo Quincas, eram elaboradas em outras comunidades e em outros movimentos de reforma agrária no Brasil. Também existiam as produções de relatos de experiências vivenciadas dentro do Engenho Geraldo, além de documentos que eram elaborados para a articulação política do próprio movimento.

Quincas e Lourdinha eram responsáveis por estas escritas<sup>97</sup>. “Arquivavam”, ou melhor, escondiam em local seguro o que era produzido e partilhado nas reuniões. Estes textos depois foram destruídos, mas dois ficaram em posse que Quincas. Eles ajudaram a traçar uma linha de pensamento sobre as ações do movimento, mostrando em parte como eram elaboradas as táticas de defesa dos moradores da comunidade.

As mulheres que se reuniam com a gente, todas elas trabalhavam no roçado, todas, porque Dona Nêm era uma trabalhadora, e suas filhas, comadre Beatriz, Maria Nilza já era professora, todas trabalhavam plantando feijão, tirando capim para gado. Tinha Vilanir, de Antônio Alexandre; tinha Ildimar, que também era professora, mas quem era professora uma parte era nas escolas e a outra era nos roçados (informação verbal<sup>98</sup>).

Havia forte articulação entre as lideranças descritas acima. Elas buscavam nos registros de suas atuações o apoio dos que participavam da luta. Boa parte do que era produzido teve de ser destruído no início do movimento, pois eram provas que poderiam incriminar as lideranças. As assinaturas só eram utilizadas quando se exigia algo mais formal ou quando não se oferecia risco aos moradores. Quincas afirma que dificilmente elas assinavam algo. “A gente sempre deixava a assinatura para o povão, que era para não correremos riscos” (informação verbal<sup>99</sup>). Outro aspecto digno de nota era que, mesmo depois do término da luta do Engenho Geraldo, Quincas continua recebendo relatos de outros lugares, conforme descrito a seguir.

---

<sup>97</sup> São dois textos descritos e pertencentes a Quincas. O primeiro trata-se de um abaixo-assinado produzindo entre os membros do movimento para reivindicar o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Nova, no movimento contrário ao movimento (1980). O segundo é uma experiência de trabalhadores rurais do Rio Grande do Sul (1992).

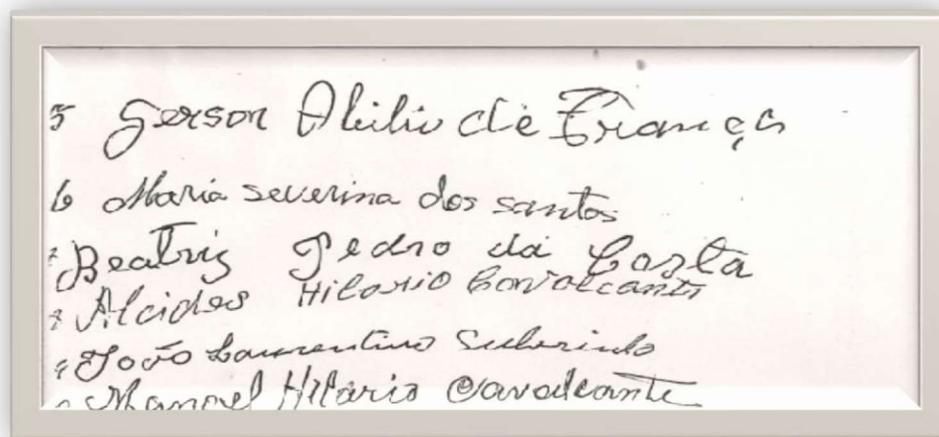
<sup>98</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre as mulheres que compunham o movimento. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>99</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Sobre as experiências de assentamentos no Rio Grande do Sul [...] Foi apresentado<sup>100</sup> ainda experiências exitosas de assentamentos no Rio Grande do Sul, no qual o vice-presidente da FETAG-RS, Alberto Ercílio Broch fez exposições acerca da situação fundiária do Estado durante o corrente ano de 1992[ ...]<sup>101</sup> (FETAG-RS, 1992, p. 01).

Sobre as assinaturas e produção dos documentos, as lideranças sempre tomavam o cuidado de se resguardar para não serem descobertas. Eram raras as ocasiões em que se encontravam registros capazes de lhes comprometer. Abaixo, vê-se a assinatura de Beatriz Pedro, responsável pelas movimentações públicas do movimento. Sua assinatura aparece em meio à das demais pessoas que não assumiam liderança no movimento.

**FIGURA 4:** Assinaturas dos moradores do Engenho Geraldo<sup>102</sup>.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Quincas.

A articulação promovida por Quincas e as demais, além das resistências que tinham de enfrentar por “serem mulheres”, encontram respaldo no pensamento de Scott (1995), ao afirmar que o gênero se torna uma forma de fazer menção às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. Tais origens se encaixam em uma redefinição social que pensa o ser homem ou mulher como algo culturalmente construído.

Na análise da imagem acima, percebe-se a assinatura de Beatriz Pedro, uma das líderes sobre cuja história tecerei considerações mais adiante. No recorte, temos parte de

<sup>100</sup> Optei por manter a grafia original do documento. Do mesmo modo procederei em todas as demais citações de documentos pertencentes aos registros do movimento.

<sup>101</sup> Relatório sobre a experiência de assentamentos no estado do Rio Grande do Sul (1992). Arquivo pessoal de Quincas.

<sup>102</sup> Imagem com assinaturas do abaixo-assinado destinado ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa nova-PB, senhor Romão Costa, em 1980. A assinatura número sete pertence a Beatriz Pedro da Costa, uma das líderes do movimento.

uma fotocópia do abaixo-assinado organizado pelo movimento e endereçado ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Nova-PB. É interessante perceber que, neste documento, ela se propõe a assinar entre os primeiros, gesto que poderia ser julgado como atitude de simples coincidência, se não fosse o protagonismo desta líder que, algumas vezes contrariando os pensamentos das demais, não se importava em ser vista como tal. “Dona Beatriz era muito afoita. Ela não se escondia; criava músicas para o povo cantar nos protestos” (informação verbal<sup>103</sup>). Este marco de tensão pode ser visto como elemento de coesão para o entendimento de que a luta destas mulheres também foi uma disputa de afirmação de gênero.

Apesar de estas mulheres serem lideradas por Quincas, que ganha a responsabilidade de trazer todos/as para o movimento, elas não devem ser pensadas como as únicas que se mobilizaram dentro da comunidade. Outras mulheres e homens também ingressam na causa, ajudando de uma maneira ou de outra a fortalecer a luta. No entanto, destaco que uma tática eficaz utilizada pelas lideranças era justamente começar a sensibilização da comunidade iniciando um trabalho de conquista da amizade das esposas, para que elas aos poucos fossem convencendo seus companheiros, filhos e parentes a entrar na luta. Seixas (2011) aborda justamente estas formas de resistência, as quais situam o debate sobre as relações de poder no âmbito deste contexto.

Importante ressaltar que ao realizar este deslocamento, Foucault também não coaduna mais com as perspectivas tradicionais do poder, muitas vezes descrito como um instrumento político utilizado exclusivamente por meio da violência ou repressão. Trata-se então de uma concepção de poder como produtividade, como positividade. [...] Outro essencial deslocamento se expressa partindo da análise através das relações de poder e não mais o poder, isto é, desenvolve-se um questionamento de caráter genealógico em não mais se interrogar o que é o poder, mas como este é exercido (SEIXAS, 2011, p. 72).

Pensar as relações de poder descritas por Foucault é algo importante quando se observa como estas mulheres articulavam o movimento. Táticas eram criadas para opor resistência às opressões sofridas dentro do ambiente de disputa do Engenho Geraldo. Eram várias as formas através das quais o povo burlava o poder instituído dos “donos da terra”, fazendo com que eles não fossem os únicos a usar formas estratégicas de poder de repressão contra os moradores.

---

<sup>103</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a trajetória de Beatriz Pedro como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

No começo, as reuniões eram à noite e quando eram de dia, a gente trazia o presidente do sindicato e fazia na delegacia sindical, porque era o órgão legal. Só depois de 1984, e que a ditadura foi enfraquecendo, é que ficou mais fácil pra gente se reunir. Nós conseguimos liderar o povo de uma maneira que você podia chegar e perguntar quem era eu ou onde era minha casa e ninguém lhe ensinava. Nenhum dos moradores ensinava. Todo mundo dizia que não sabia. Era mesmo que o bandido do Rio de Janeiro, que o pessoal pergunta onde é a casa e ninguém informa. Era daquele jeito, menino e tudo num dizia (informação verbal<sup>104</sup>).

Os encontros não poderiam ser a priori explícitos. Era necessário construir estratégias para articular as lideranças e a comunidade como um todo, evitando o conflito direto com os poderes estabelecidos em caso de denúncias de perseguição. Nesse sentido, a Delegacia Sindical<sup>105</sup> foi apontada por Quincas como um mecanismo de defesa dos/as trabalhadores/as. Para ela, por este órgão ser legal aos olhos da lei, era o principal elo entre o movimento e as instituições públicas locais. A Delegacia Sindical retirava de Quincas o foco de líder do movimento, pois nela a representatividade de alguma denúncia era levada em caráter coletivo.

No que se refere às articulações políticas construídas por Quincas, ela também se defendia quando orientava o povo a ajudá-la para que ela não viesse a ser perseguida ou presa, visto que aquele ambiente político tinha como pano de fundo repressões do poder estabelecido e a repressão eminente do regime civil-militar, contemporâneo do movimento. Então, ao afirmar que “[...] você podia chegar e perguntar quem era eu ou onde era minha casa, e ninguém lhe ensinava. Nenhum dos moradores ensinava [...]” (informação verbal<sup>106</sup>), Quincas estava reforçando as estratégias de defesa para si.

Sobre estas articulações, que em um plano mais profundo estavam sustentadas nas amizades por ela construídas, concordo com Foucault (2014), pois a vejo como uma agente histórica que fez-se perceber de maneira peculiar, utilizando-se em grande parte do atributo da amizade para se proteger contra as repressões sexistas e ditatoriais de seu tempo. As amizades construídas por ela com mulheres e homens foram de vital importância para sua construção subjetiva.

Para além de todo o medo da repressão política existente no Engenho Geraldo, é preciso ver o que Koury (1983) assevera a respeito da percepção política dos movimentos

---

<sup>104</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>105</sup> Órgão ligado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais que protocolava denúncias trabalhistas e demandas dos agricultores no município.

<sup>106</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

sociais na Paraíba, em especial àqueles relacionados ao campo. Para o autor, estes grupos representaram, entre as décadas de 1960 e 1970, riscos à “ordem pública nacional”, pois seus pensamentos esquerdistas seriam sustentados por ideologias políticas comunistas, contrárias ao que o Brasil desejava para a época. Nunes (2015) também segue a mesma linha de pensamento, apresentando que tais percepções faziam parte de toda uma conjuntura relacionada a grupos sindicais e associações de classe contrárias ao regime.

A repressão ao golpe abateu-se, porém, de forma mais drástica no meio rural paraibano. Aí, a repressão não só advinha das forças policiais do Estado e do Exército desceu sobre a massa de trabalhadores rurais e pequenos proprietários, mas, principalmente, as milícias armadas, capangagem, ou seja, lá o nome que se denominar dos grandes latifundiários (KOURY, 1983, p. 08).

Grande parte dos procedimentos feitos por estes grupos para se defender destas pressões e percepções estava nas táticas criadas para burlar os poderes estabelecidos. As estratégias governamentais lançadas para reprimir movimentos sociais durante o regime civil-militar, tais como o uso da força policial, prisões e mortes, não eram suficientes para calar os sujeitos históricos. Quando as mulheres do Engenho Geraldo utilizam o discurso da amizade e do companheirismo para ganhar força diante dos poderes locais, elas estão lançando formas diversas de resistência.

**FIGURA 5:** Quincas e Lourdes Paulino em celebração comunitária<sup>107</sup>.



**Fonte:** Acervo pessoal de Quincas.

<sup>107</sup> No primeiro plano da fotografia, percebemos Quincas do lado esquerdo, um pouco mais baixa, com olhar fixo no horizonte, e Lourdinha, no lado direito, de óculos, lendo um dos documentos descritos como norteadores dos debates das reuniões da comunidade Engenho Geraldo. A imagem foi registrada nos anos finais da década 1970.

Os requisitos para uma amizade que se sustenta sob o olhar de um “amor pelo mundo” são constantes no entendimento memorativo que ela constrói. O fato de estar junto dos seus e de poder expressar os sentimentos de forma pública torna-a mais forte frente aos desafios advindos da opressão do sistema político da época. O medo era quase superado no momento que a força da amizade era verbalizada por Quincas. Rosa (2013) tece constatação semelhante, ao sustentar que o exercício do diálogo com o outro é a base da exteriorização da amizade. Tal exteriorização não pode mais ser vista segundo uma visão clássica/patriarcal da impossibilidade de expressão feminina destas práticas.

Nas sucessivas conexões que estabelecia com o mundo, não deixava de enfatizar que não se acaba nunca de remodelar-se a si próprio. Exercido de remodelação mediado pela escrita e pelo diálogo não apenas consigo, mas com os outros, já que sua aparente autossuficiência soava-se a se como a graça de um palhaço. Em lugar da autossuficiência, as conexões as redes de relações com outras mulheres e com o mundo, os afetos que incitam a filosofia, o pensamento e as ações. O “amor ao mundo” que se manifesta através da amizade, entrelaçando privado-público, política-intimidade e produzindo novas formas de sociabilidades – para além do modelo familiar e íntimo de amizade, tão difundido no ocidente desde o início do século XIX em detrimento da amizade que, no mundo antigo, era um dos requisitos fundamentais para o bem-estar na cidade (ROSA, 2013, p. 185).

A amizade que se expressa em público, mas que também pertence ao privado, engendra um senso de politização, resultante de uma relação amistosa advinda do sentimento de pertencer ao mesmo grupo. São elementos norteadores da relação que se estabelece entre estas mulheres. Suas vidas e práticas foram balizadas pelo sentimento que, por si só, já se edificam como luta por afirmação feminina nas instâncias de repressão social. Contudo, para além disso, consolidam-se como uma visão preconceituosa da impossibilidade desse tipo de relação entre mulheres.

Quando Quincas propôs-se a efetivar sua atuação na luta, ela rompe com o caráter familiar e íntimo de amizade, pois sua ação pública e de afirmação nos entre-espacos de sociabilidades no mundo não seguiram o modelo patriarcal em que a mulher é reclusa ao silêncio do lar e dos afazeres domésticos.

As pessoas vinham para ajudar a gente na discussão, iam ajudar nas conversas com o povo e também os próprios companheiros, pois éramos uma equipe que trabalhava. Não era uma pessoa. O grupo tinha coragem, a gente tinha coragem de enfrentar a polícia, enfrentar patrão, como tinha disponibilidade de andar a pé. Deixávamos os serviços de casa, porque hoje em dia o pessoal diz” não vou para não deixar meu

trabalho”, mas, naquela época, não era assim. Eu e minhas amigas, a gente ia mesmo, a gente fazia isto com nosso próprio esforço. Nunca ganhamos dinheiro de igreja, de sindicato, de nada. A gente se ajudava. Tem um documento para entregar, uma campanha para ajudar um vizinho. O povo mesmo dava um tanto de dinheiro e isso era feito para a gente se ajudar (informação verbal<sup>108</sup>).

As relações construídas por Quincas são efetivamente pautadas por uma sociabilidade que busca a todo momento traçar formas de se tornarem mais fortes. As amizades, a resistência aos preconceitos, a luta por direitos dos camponeses são bases de seu amor pelas coisas do mundo que ela constrói durante sua vida. Ademais, são desafios constantes para sua militância que lhe trouxeram muitos frutos e vitórias.

### **1.5 “Vou começar por minha descendência de escravos”: infância e trajetória de vida de uma líder negra**

Pensamentos sobre sua infância estão sempre presentes nas narrativas de vida expressadas por Quincas. Rememorar retalhos de tempos de outrora são atividades constantes em suas falas. Tais pensamentos, trazidos à tona de modo alegre e extrovertido, perpassam as histórias e causos contados por sua avó, Maria Messias, relatos que serão utilizados para afirmar a identidade negra e os valores da infância de Quincas.

Maria Messias passa para Quincas suas experiências de vida e o legado de seus antepassados em um exercício acerca do qual pode-se fazer um comparativo com as ideias de Bosi (2009), ao revelar que a memória dos velhos é parte fundante da construção subjetiva dos seus descendentes. A forma como as histórias da família eram contadas aguçou em grande medida a sensibilidade da menina, que cresceu alimentando sentimentos diversos com relação à sua negritude e ao passado familiar.

As lembranças de seus antepassados negros e a própria relação entre sua família e os Tavares<sup>109</sup> alimenta na menina um sentimento de revolta. Sua bisavó, que tinha o mesmo nome de sua avó, fora escrava doméstica de João Tavares de Melo Cavalcante. Segundo relata, a bisavó manteve relações conjugais com algum de seus “donos”, sendo motivo de revolta de vários familiares que conviveram neste período, composto pelas décadas finais do século XIX. A insatisfação acompanha os pensamentos de Quincas,

---

<sup>108</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>109</sup> Sua família teve uma histórica relação com os Tavares de Melo Cavalcante, sendo por gerações escravizada pelos últimos. Criou-se inclusive a alcunha “os negros dos Pedro” para denominar a relação de pertença aos donos.

que, assim como vários de sua família, nunca aceitou de bom grado as histórias de sua bisavó.

Para ela, é revoltante saber que alguém de sua família “[...] se envolveu com gente tão ruim e perversa” (informação verbal<sup>110</sup>). Tal fato induz um pensamento reflexivo acerca da identidade de mulher negra construída por Quincas. De acordo com Hall (2006), as identificações dos sujeitos se alinham com as necessidades sociais que o rodeiam, bem como às demandas que lhes são convenientes. Se Quincas é uma militante pelos direitos dos/as trabalhadores/as rurais, ela sabe que esta luta concerne a outras lutas da contemporaneidade; sabe que se tornam dados pertinentes as identificações com quaisquer aspectos que sejam convenientes para a construção da escrita de si.

Chegar a pontos de convergência que se articulem com os diversos aspectos da subjetividade de Quincas que lhe colocaram como mulher, negra, camponesa e pobre são, em grande medida, relevantes, pois conectam as nuances de “Gênero, Raça e Classe”. Criam-se, assim, enlances nestas três categorias, as quais nos permitem percebê-las a partir de uma visão interseccional das práticas de resistência promovidas por ela durante sua vida. Lembro-me do que disse Cardoso (2012) sobre as formas de entrecruzamento destas lutas por afirmação indenitária:

Enfatizo, ainda, a relevância de pensar a subordinação a partir de uma visão interseccional, pois tal compreensão torna patente que a opressão é experimentada a partir de um lugar que é dado pela forma como gênero, raça, classe e sexualidade se entrecruzam, em diferentes pontos, permitindo, com isso, a rejeição das explicações sustentadas na adição de opressões, uma visão que cria grupos mais discriminados do que outros. Esta concepção foi fundamental para o movimento de mulheres negras brasileiras que entendia as múltiplas opressões como operando isoladamente (CARDOSO, 2012, p. 58).

Ao afirmar-se como negra, mulher e trabalhadora pobre – “sou pobre, preta e pequenininha” (informação verbal<sup>111</sup>), suas subjetividades são moldadas de tal maneira que fortalecem a imagem que ela desejou erigir. Ademais, as resistências que criou para as opressões sofridas são intimamente ligadas à forma como construiu a interpretação do mundo que a rodeia.

---

<sup>110</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre o envolvimento de sua bisavó com um membro da família Tavares de Melo Cavalcante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>111</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Apesar de não aprovar a relação de sua bisavó com os Tavares, outras nuances são edificadas para a construção de sua subjetividade de mulher negra. Lembra-se com fervor de seus antepassados e de suas origens.

Eu vou começar pela minha descendência. Ela é de escravos, pois minha bisavó, Maria Messias, foi um presente de casamento de Dona Yayá Tavares<sup>112</sup>. Ela era uma guria ainda e o pai dela deu ou vendeu-a para os Tavares. Ela foi criada lá na sede do Engenho Geraldo. Essa minha vó falava que quando os donos vieram para o Geraldo, eles só tinham 10 hectares de terra, que era o João Tavares. Daí, minha avó cresceu sendo a mucama da casa grande e teve filhos e estes filhos foram com um primo de Dr. Pedro, os filhos dela era filho dele (informação verbal<sup>113</sup>).

A relação familiar construída com os Tavares é, segundo Quincas, um dos motivos de sua revolta. Mas, por outro lado, o fato de ser *negra, mulher e pequenininha* é motivo de orgulho para sua vida. Sua formação, no entanto, passa pela construção e por uma visão positiva do seu passado, fortemente mobilizado enquanto aspecto fortalecedor se sua luta.

Em consonância com o pensamento de Cardoso (2012), vejo que a autoafirmação da identidade negra em Quincas foi fator preponderante na consolidação de sua subjetividade. O sofrimento de criança pobre, a opressão sofrida durante parte de sua vida, a luta pela terra no Engenho Geraldo e o preconceito que sofreu por “ser mulher” engajada em movimento social fê-la criar simbolismos que a ajudou a ver a vida com alegria e a recordar suas origens com exaltação. Seria este o “ponto de identificação” que a ajudou a escrever sua história.

Na busca de ampliação da plataforma de ação feminista, as mulheres negras teceram inúmeras críticas quanto à invisibilidade de sua ação política. A contestação mais direta refere-se à maneira secundarizada do tratamento de sua opressão e organização, as quais estiveram e estão submetidas pelo sistema. Isto é, seja através do discurso, seja da produção teórica, as mulheres negras aparecem como “sujeitos implícitos” (RIBEIRO, 2006, p. 806).

Ainda, nestas lembranças, notabilizam-se os conflitos e o sangue derramado por seus antepassados. A grilagem de terras e as práticas coronelistas de perseguição aos

---

<sup>112</sup> Apelido dado a Maria das Neves de Melo Cavalcante, matriarca da família Tavares de Melo Cavalcante.

<sup>113</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre o envolvimento de sua bisavó com um membro da família Tavares de Melo Cavalcante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

camponeses que historicamente acompanharam a família Tavares de Melo Cavalcante incidem diretamente no sofrimento dos/das negros/as que foram escravizados/as for tal grupo e, por conseguinte, a família de Quincas, que participou em grande escala destes conflitos, sendo obrigada a lutar para defender interesses dos seus donos.

Minha avó falava que os Tavares tinham duas propriedades na região. Uma nos angicos, que era no sertão e esta daqui do Geraldo, que foi aumentando quando eles foram tomando terras dos outros, das pessoas pobres. Tinha o João Neiva e o coronel Eufrásio Câmara, que estes dois tinham uma disputa por terras. Aí João levava um bocado de trabalhador, entre eles os pretos da minha família, e Eufrásio levava outro, para disputar as propriedades dos agricultores que não era deles. Ali, eles roçavam tudo quando chegavam, derrubaram as casas e o que eles faziam era usar a força para vencer estas disputas e ali ficavam tomando as terras dos mais pobres (informação verbal<sup>114</sup>).

Os conflitos pelas terras no Engenho Geraldo existiam mesmo antes da luta pela reforma agrária da década de 1970. Dentre as suas motivações, como diz Sales (1990), estavam o fato de que estas terras, até início do século XIX, seriam pertencentes aos índios Bultrins, da nação Cariri, que possuíam aldeamento na localidade. Fato curioso é que a região do Engenho Geraldo, onde se localizava este aldeamento, permaneceu até os dias de hoje com o nome de “Sítio Aldeia Velha”, em alusão aos seus primeiros habitantes. Após a expulsão destes povos, as terras permaneceram um bom tempo como terras devolutas, uma vez que, neste primeiro momento, elas consistiam em uma sesmaria deixada em posse dos indígenas.

Percebe-se, no entanto, que, com a migração dos Tavares de Melo Cavalcante para a região em finais do século XIX, as disputas por terras se intensificaram, sobretudo entre os que ali habitavam e os “novos” donos da terra, que queriam tomá-la à custa de sangue. Os antepassados de Quincas, que provavelmente eram cativos da família, eram utilizados como mão de obra para a lida e a conquista do território.

Em Alagoa Nova (1914), a situação, no entanto, era tensa. Havia litígio de limites entre a propriedade “olho d’água dos Bultrins” pertencente ao Geraldo e os situantes da área. Sentindo-se agravados, os Tavares exercitaram um desforço a mão armada com a colaboração de grupo encaminhado do Mundo Novo. Exacerbaram-se aos ânimos, [...] informa o Sebastião Atayde Fernandes que “em face dos últimos acontecimentos desenrolados no meio dessa Vila, quebrando o sossego

---

<sup>114</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre as posses de terra da família Tavares de Melo Cavalcante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

de sua população rural e enchendo de pânico pela destruição a mão armada de moradias e lavouras de pequenos agricultores residentes a pouca distância da sede municipal”<sup>115</sup> (SALES, 1990 p. 113-114).

Os conflitos que se instalavam na década de 1970 no Brejo paraibano não eram algo exclusivo ao contexto histórico de declínio dos engenhos de cana. Mesmo antes, eles já existiam em grande número. Nessa perspectiva, as lembranças dos habitantes da região foram se entrelaçando a lembranças de lutas que outrora já foram travadas por seus antepassados contra os “donos da terra”. Essas lutas ocorreram no Engenho Geraldo e em outras localidades da região do Brejo paraibano.

Em Alagoa Grande, a luta de Margarida Maria Alves contra os latifundiários da região não acabaria bem. Em 12 de agosto 1983, ela foi brutalmente assassinada após uma série de ameaças que vinha sofrendo até então. Ferreira (2010) traz a biografia desta personagem histórica para entender todo o seu protagonismo frente à luta em prol dos direitos dos/as trabalhadores/as do campo.

O assassinato de Margaria promovido por capangas ligados ao grupo do político e usineiro Agnaldo Veloso Borges, foi de grande repressão nos meios dos movimentos sociais. Sobre este político sabe-se que ele dominava um grupo de cerca de 60 políticos que, em instâncias federal, estadual e municipal, também faziam parte do “Grupo da Várzea”, o mesmo que, anos antes, encomendou a morte de João Pedro Teixeira<sup>116</sup>. Este grupo trabalhou em defesa de Agnaldo, para que ele fosse inocentado após a morte de Margarida.

Ferreira (2010) aponta o 12 de agosto como o dia nacional da luta contra a violência no campo e pela reforma agrária. Aponta também esta data como a de mobilização da Marcha Bienal das Margaridas, que até hoje é organizada por movimentos sociais.

O fato é que a morte de Margarida se tornou símbolo de resistência para outras mulheres trabalhadoras. Embora ela não tenha feito parte diretamente da mobilização do Engenho Geraldo, sua atuação se torna marco de referência para as líderes desta comunidade.

Quincas mostra-se detentora de uma memória individual que se adequa à coletividade dos moradores da comunidade, que há décadas travam lutas para garantir seu espaço de sobrevivência. Por ser negra, tais memórias são carregadas de outro elemento

---

<sup>115</sup> Cf: SALES, José Borges de. **Alagoa Nova: Notícias para sua História**. Fortaleza: Esteves Triprogresso, 1990. p. 113-117.

<sup>116</sup> Líder das ligas camponesas na Paraíba na década de 1960.

motivador para a luta: a questão étnica. As tentativas de destruição da cultura de seus antepassados são, para ela, uma cicatriz que não foi completamente curada, convertida em uma das afirmações de sua identidade.

Ao recordar seus antepassados, que lutaram para defender os interesses dos “Tavares de Melo Cavalcante”, mesmo que o fizessem de maneira obrigatória, ela constrói em sua fala o discurso de uma coletividade que se opôs à opressão imposta pelos “senhores da terra”, que ali chegaram e expulsaram muitos dos trabalhadores/as que nela habitavam.

Segundo Halbwachs (2006), deve-se pensar a Memória Coletiva como uma construção social que ultrapassa gerações e se delinea de modo a criar identidades e relações de pertencimento. Se Quincas narra com tanta veemência os acontecimentos que envolveram sua família e a comunidade em épocas anteriores à dela, isto se dá, a meu ver, por conta de um saber coletivo que foi construído em torno da reivindicação de direitos.

Minha avó, Maria Messias, também era conhecida por Maria de Sebastião Pedro. Ela dizia que quando este João Neiva (Cunhado de João Tavares) voltava das disputas, era com dois, três trabalhadores mortos dentro de uma rede, das brigas para tomar terras. Já a família de meu avô, Sebastião Pedro, que era marido de Maria Messias, filha de escravos, estes eram como se fossem os capangas de João Tavares. Aquela raça todinha chamada dos “negros dos Pedro”. Eles eram levados para derrubar casas, fruteiras e roçados do povo a mando dos Tavares. Meu avô disse que tinha tanta pena porque tinham aqueles velhinhos, crianças, gente cego, eles choravam tanto com a situação de derrubarem suas casas e colocarem os negócios para fora. Eles ainda diziam: “quando for amanhã, a gente vai vir aqui e não quer ver mais ninguém”. Aí, eles tinham que procurar o rumo, senão ia ser todo mundo morto. Eles poderia matar eles (informação verbal<sup>117</sup>).

Estas histórias foram passadas para Quincas por sua avó materna ainda na primeira infância, lembranças que a acompanharam por toda a vida. Constituem formas de resistência do seu povo negro e as relações de poder que se constituíram ao longo desta disputa fizeram-na edificar uma visão positiva das histórias que lhe eram contadas. De certo modo, isto se torna um orgulho para a família de Quincas, pois ela busca nestes relatos a construção de uma memória histórica de sua comunidade. Albuquerque Junior (2007), ao refletir que a memória se torna histórica ao ser partilhada pelo grupo que a

---

<sup>117</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre as ações violentas da família Tavares de Melo Cavalcante para com a população do Engenho Geraldo. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

constrói, atribui um papel preponderante às falas dos mais velhos, que se constituem como guardiões do saber familiar.

Há dimensões de aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenitude: o rever do que se perdeu de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir de andar e de agir (BOSI, 2009, p.74).

As memórias de Maria Messias acompanham sua neta na trajetória de militância.

Nasci ouvindo estas histórias de minha velhinha. Quando nasci, ela tinha 60 anos. Fui crescendo e ela contando estas histórias. Acho que foi assim que fui ganhando o espírito de luta. Eu ouvia muito e nunca esquecia do que ela me dizia. Quando eu fui crescendo, fui alimentando uma raiva dentro de mim daquele povo, sabe? Não gostava deles. Tinha raiva mesmo e eu queria uma maneira desde nova de como retomar àquela terra que pertenceu a meu povo no passado e eu não sabia ainda como (informação verbal<sup>118</sup>).

Buscar a cada momento por forças para lutar: esta é a motivação que norteia a vida de Quincas. Aos 63 anos atualmente, encontra-se fortemente engajada em movimentos sociais do campo. É sindicalista e amiga de muitos dos/as trabalhadores/as da região. Sua vida torna-se um labirinto de informações para a narrativa histórica.

A sensibilidade e o conhecimento de mundo expressos por Quincas hoje se fazem presentes na relação dos que convivem com ela. Seu riso fácil, suas palavras positivas e enfáticas, é assim que ela se escreve. Sobre sua atuação nas lutas, assegura não se arrepende de nada. Faria tudo de novo, se fosse preciso. A luta nunca pode parar pelos direitos dos homens e mulheres do campo.

Acredita em sua ação como forma de libertar os/as trabalhadores/as da opressão de um sistema injusto de poderes. Digo isto pensando em sua maneira emocionada de expressar como percebe a importância de suas lutas e contribuições para a comunidade.

Na minha visão, penso que os trabalhadores conseguiram a terra e conseguiram melhorar de vida porque, em outros tempos, as casas eram

---

<sup>118</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a influência que a avó exerceu para o seu ingresso na militância. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

de taipa, caindo com maior dificuldade de construí-las. E a melhor coisa que o homem pode ter é um pedaço de terra para plantar (informação verbal<sup>119</sup>).

Em relação ao futuro, Quincas expressa com graça a expectativa do que espera para as futuras gerações. O desejo por uma educação para os mais jovens, capaz de torná-los cidadãos ativos, é algo comumente perceptível em suas falas. Aqui, percebem-se pontos de convergência no que se refere ao conhecimento de educação escolar, adquirido em sua vida profissional, entrelaçando-se às experiências de lutas em prol da obtenção de direitos dos/as trabalhadores/as. Seu desejo por cidadania é algo que emociona qualquer pessoa dotada de percepção mais sensível para ouvir suas memórias. A fala de Quincas transmite segurança e conhecimento de causa. Ela, mesmo aposentada, propõe-se à realização de trabalhos voluntários na vizinhança e ministra aulas de catecismo a grupos sociais da Igreja.

O jovem de hoje está com a cabeça virada para o capitalismo e para a mídia. Ele quer ter as coisas: celular, computador, motocicleta... e como os pais não têm para dar, acabam caindo muitas vezes na criminalidade. Também tem uma boa parte da juventude que não valoriza os estudos. Tem muita gente que não está nem aí para a escola. Hoje tem tudo: escola boa, professor estudado, merenda escolar, transporte e boa parte deles não está nem aí para estudar. Tudo de graça e a juventude desestimulada, tanto para trabalho quanto para estudo. Por isso que ainda me preocupo e sempre procuro aconselhar. Mas nem todos querem me ouvir (informação verbal<sup>120</sup>).

Quincas olha com preocupação para aqueles que não querem se dedicar aos estudos, ao afirmar que esta é a “forma de se libertar das amarras do poder que quer reprimir o pobre” (informação verbal<sup>121</sup>). Acha que “aqueles que não se dedicam, que não procuram melhoras na educação e nem respeitam seus mestres têm um futuro perigoso” (informação verbal<sup>122</sup>), pois o mundo capitalista, que tanto segrega e separa ricos e pobres, facilmente corrói aqueles que não estudam. Estes pensamentos são tecidos enquanto reflete sobre o destino das futuras gerações, que, segundo ela, ainda são motivo de inquietações.

---

<sup>119</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>120</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre seu trabalho voluntário atual. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup> Idem.

## CAPÍTULO II

### **“MINHA INFLUÊNCIA COM O POVO ERA MEU COMPROMISSO DE LUTA”: DA FORÇA DA AMIZADE AO ENGAJAMENTO POLÍTICO DE NÊM E MARIA DO CÉU COBÉ**

Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável.

Michel Foucault

Sou muito feliz com esta luta e com o povo ao meu lado, sou tão feliz que pretendo morrer lutando, pois, onde o povo estiver sofrendo, aí é que eu estou, e onde o povo estiver unido, aí é que eu estou.

Josefa Ermina Cobé

A força da amizade construída por duas mulheres que, juntas, edificaram relações de luta, cuidado mútuo e pertença à terra é marca preponderante para uma escrita histórica. Mulheres que construíram para si o respeito coletivo, sobretudo a partir da relação no movimento social do Engenho Geraldo. Para além de companheiras de luta, Josefa Ermina Cobé e Maria do Céu Cobé de Lima são mãe e filha, que compartilharam o ideal do bem comum coletivo, bem como o respeito mútuo às práticas da coletividade.

Josefa Ermina Cobé (Nêm Cobé), hoje com 94 anos de idade, é católica e usou muito de sua religiosidade e do seu conhecimento político dentro dos movimentos sociais, como mecanismos de atuação junto aos trabalhadores do Engenho Geraldo.

Maria do Céu Cobé de Lima nasceu no Sítio Camará, na zona rural de Alagoa Nova-PB, filha de Josefa Ermina Cobé (Nêm Cobé) e de João Cobé. Agricultora, conta atualmente 54 anos de idade, havendo seguido os passos de sua mãe nas lutas pelos direitos dos trabalhadores do campo na região.

Suas articulações foram importantes para o que propunham na comunidade Engenho Geraldo, uma vez que eram postas com base no respeito e na compreensão da capacidade dos moradores que as apoiavam e seguiam as suas determinações. Em relação a elas, destaco pontos importantes que lhes foram comuns, seja quanto à atuação dentro do movimento, seja quanto à admiração que muitos dos moradores da comunidade lhes

dedicavam, seja quanto à cordialidade de que deram testemunho como uma constante nas práticas sociais que construíram em sua militância.

Na comunidade são muito respeitadas pelos vizinhos e amigos, admiração que foi conquistada ao longo das lutas pelos direitos dos/as trabalhadores/as do campo. Neste sentido, o sentimento conjunto de partilha de suas histórias de vida são marcas destacáveis a narrativa que me ponho a tecer neste segundo capítulo.

## **2.1 Nêm Cobé: Da infância à formação política nos movimentos**

A alegria de viver a luta por uma causa é qualidade que acompanha Josefa Ermina Cobé (Nêm Cobé) por toda a sua vida. A simplicidade e o jeito autêntico de encarar os desafios diários foram marcas que a acompanharam em vários momentos de sua trajetória. Sempre sorridente e confiante, Ermina alcança prestígio e respeito entre os membros da comunidade Engenho Geraldo.

Assumir papel de liderança entre os que participaram do movimento no Engenho Geraldo, inclusive entre aquelas que, juntamente com ela, foram lideranças, foi marca de Nêm Cobé. É consenso entre os que a acompanharam que sua subjetividade é preenchida por sentimentos de alegria e de amizade a acompanham até hoje. Ela foi, neste sentido, o sustentáculo de uma força que todos/as necessitavam para consolidar seus objetivos durante os anos de luta na comunidade. Sua experiência e sua relação com o mundo serviram de inspiração e de confiança para muitos que se envolveram na causa.

Se Quincas escreve-se para o mundo como a liderança da articulação política com os apoiadores do movimento, devido ao seu maior grau de instrução e à sua jovialidade, Nêm Cobé, por sua vez, será a mulher das experiências de vida, dos conselhos e dos relatos de experiências, que serão proferidos nos encontros na comunidade. A força da sua palavra é o que lhe dá identidade e a leva a uma escrita de si, que a acompanhará em suas falas até os dias de hoje, mesmo que a força física e o vigor não sejam mais os mesmos.

Começa sua interação política ainda menina quando, ensinada por seu pai, prepara-se para as primeiras letras. Afirma nunca haver frequentado a escola, fato que trouxe para as suas lembranças uma carga de valores atrelados a uma formação familiar rígida e patriarcal, típica das famílias camponesas tradicionais da Paraíba à época.

O trabalho familiar e os afazeres domésticos são presenças constantes nas narrativas que faz de sua infância. As brincadeiras que se articulavam às atividades diárias; a tomada das lições pelo pai, paralelamente ao preparo para se tornar uma “moça

de família”; as dificuldades inerentes às necessidades educativas de nove irmãos e ao sustento da extensa família em suas necessidades básicas, foram nuances do cotidiano de Nêm Cobé que a ajudaram na formação de sua identidade.

Os valores do âmbito familiar e a vida em comunidade irão aos poucos moldar a imagem que Nêm Cobé cria de si. De acordo com Paulilo (2004), a vida em grupos, em perspectiva comunitária, é pautada na vivência de aspectos relacionados à partilha, à integração e ao afeto. A comunidade seria, neste sentido, o ambiente onde os valores coletivos se edificam e contribuem para a formação dos sujeitos históricos. Assim, muito do que Nêm Cobé apresenta como valores são sequências de subjetividade que foram construídas na primeira infância.

A noção de comunidade como definindo um lugar de igualdade, integração, tradição e afeto, muito mais do que de hierarquias, conflitos, mudanças e escolhas racionais, firmou-se na Sociologia através dos estudos de comunidades inspirados na corrente funcionalista. A ênfase dessa vertente em pequenos grupamentos fez do campesinato um de seus principais objetos de estudo e, assim, ele passou a ser identificado com os valores que compunham a ideia de vida em comunidade e, portanto, como pouco afeito ao comportamento racional (PAULILO, 2004, p. 230).

A formação comunitária é aspecto comum às histórias de vida de camponeses/as em várias épocas. Nesta forma de vivência figuram peculiaridades, tais como o convívio com a terra, a percepção de valores tradicionais ligados à natureza e à resolução de conflitos de forma conjunta. As mulheres, nesta perspectiva cultural, ainda segundo Paulilo (2004), afirmam-se como detentoras de pensamentos e de identidades, ganhando voz e respeito dentro dos movimentos sociais e da própria História.

Na vida de Nêm Cobé, as práticas e as relações com a comunidade foram importantes para que ela pudesse moldar uma escrita de si que perpassasse a construção subjetiva da líder detentora de um verbo eloquente e de uma enorme capacidade discursiva. “O povo gostava do jeito que eu falava nos encontros, porque eu animava mesmo” (informação verbal<sup>123</sup>). Rago (2013) pensa o conceito de escrita de si, a partir da prática de maturação e exposição das memórias, faz uma análise sobre o conhecimento autobiográfico, que se executa na atuação das narrativas vivenciais construídas pelo sujeito. Assim, Nêm Cobé constrói para si uma escrita que se projeta em imagens lidas

---

<sup>123</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

pelos companheiros/as que com ela convivem, constrói também narrativas que a todo o momento ajudam-na a moldar a visão que deseja para si:

Assim sendo, exploro os relatos autobiográficos produzidos por ativistas, considerando as narrativas nas quais reconstruem o próprio passado, avaliam as experiências vividas e dão sentido ao presente. Parto da concepção de que a linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais por meios dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assinaladas e de que o real-social é construído discursivamente (RAGO, 2013, p. 30).

Sobre a infância de Nêm Cobé, alguns recortes de memória devem ser analisados, para que se possa entender melhor como se deu a sua formação política. O primeiro aspecto é que ela veio morar em Alagoa Nova quando ainda era muito criança. A sua família era originária município de Soledade-PB, para onde seus pais haviam se transferido após o casamento. Devido a ligações com parentes paternos e, ainda, ao direito daquele a herança de terras situadas no Brejo, a família passou a viver no sítio Camará, no atual município de Matinhas-PB, à época distrito de Alagoa Nova.

Nós viemos morar em Alagoa Nova, porque meu pai era daqui e trabalhava aqui também. Mesmo a gente morando lá em Soledade, ele resolveu vir para cá. Minha mãe veio para ver se dava certo para nossa família. Depois disto, nós viemos pra cá, morar aqui no Brejo. Aí, terminou a minha mãe vendendo as terras de lá e comprando aqui uma terra. [...] a gente veio morar então no município de Matinhas, mas, na época, Matinhas não era município, era pertencente a Alagoa Nova (informação verbal<sup>124</sup>).

Fato importante de suas lembranças, a vinda da família para Alagoa Nova ajudou a marcar uma mudança na vida de Nêm. Lá, ela irá traçar sua vida a partir de novos valores. Chega à cidade aos oito anos de idade e, aos poucos, começa a criar relações de amizade com a comunidade e com os parentes próximos. Ao mesmo tempo, aprofunda a relação com o pai, seu grande mentor intelectual, que lhe repassa, gradativamente, o pouco conhecimento das letras que obtivera. A sua primeira infância será fortemente marcada pela presença constante do pai, que a ajuda a construir uma subjetividade forte, pautada na defesa de seus direitos e dos que com ela conviveram.

---

<sup>124</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre como fixou residência em Alagoa Nova. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Nêm Cobé lembra dos vários momentos da sua infância na nova comunidade, como sendo importantes para sua formação, pois era em meio às brincadeiras e às práticas religiosas incipientes que ela, pouco a pouco, vai edificando conhecimentos e um sentimento de luta que a acompanharão mais tarde em seus ideais e reivindicações:

Minha mãe não se interessava muito porque ela não aprendeu a ler. Ela não aprendeu nada, ela não sabia fazer nem o que é o “A”. Mas, meu pai aprendeu, ele foi para a escola pequeno. Quando aprendeu a ler, passou pra mim e para quem quisesse. Matilde, a minha irmã, ainda foi pra escola estudar, assim como outros três irmãos foram com uma professora prima da gente, lá em Campinote, em Lagoa de Roça. Mas todos os outros irmãos aprenderam a ler mesmo foi com meu pai, que era o nosso grande incentivador. Ele deixava, às vezes, eu ir para casa de algumas amigas para estudar junta e tudo o mais (informação verbal<sup>125</sup>).

Os ensinamentos do pai, as brincadeiras e os afazeres domésticos tomavam conta do seu tempo e constituíram, segundo ela, as suas primeiras lembranças de infância, que a enchem de alegria ao serem relatadas. Tal fato encontra eco na ideia de que “na modernidade, o núcleo social em que, paradigmaticamente se concretizou a assunção da herança como norma, ou melhor, como dívida, foi a família (a memória do eu é sempre em primeira instância, uma memória da família)” (CATROGA, 2001, p. 27). A identidade de Nêm Cobé se constrói, inicialmente, a partir dos laços de memória que a ligam à sua família.

O incentivo ao estudo, embora dentro das grandes restrições econômicas que dificultavam a sua continuidade, para Nêm Cobé, foi de vital importância, pois ajudou-a a cartografar uma personalidade de engajamento político em prol dos direitos dos/as trabalhadores/as do campo. Aqui, encontra-se uma primeira semelhança com Quincas, pois, em ambas, as dificuldades para obter a instrução foram preponderantes no desenvolvimento de um sentimento de pertencimento à causa de luta dos que precisavam de um pedaço de terra para sobreviver.

A busca de melhores condições de vida para os seus surge na infância e perdura pela vida afora, ganhando força a partir de novos encontros que os fados lhe proporcionaram. Seus primeiros prazeres com a leitura advieram de um presente dado por uma amiga da família, um livro que relatava a História do dia 8 de março<sup>126</sup>. As histórias

<sup>125</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre como aprendeu a ler. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>126</sup> Dezenas de mulheres operárias foram queimadas em uma fábrica têxtil nos Estados Unidos em meados do século XIX. No século XX, com as lutas dos movimentos feministas, a data ficou conhecida como o

de mulheres que lutavam pelos direitos das trabalhadoras foram lhe dando inspiração para entrar nas lutas em defesa dos camponeses:

Eu lia muito a Bíblia, e a primeira história diferente que li foi sobre a luta. Li sobre as mulheres, aquelas mulheres que morreram queimadas numa fábrica porque lutavam pelos seus direitos! Então pronto, foi a primeira história que eu vi e fiquei emocionada com a força da luta dos trabalhadores (informação verbal<sup>127</sup>).

Nêm Cobé cria para sua vida um desenho de atuação dentro dos movimentos de luta pelos direitos dos/as trabalhadores/as. Nasce daí uma “escrita de si” produzida a partir de seus relatos de memória. A forma como ela se projeta para o mundo é, por si só, uma maneira de ser vista como diferenciada dos/as demais. Escreve-se em relatos orais e nas memórias que traz de sua juventude; escreve-se quando relata que participou de vários movimentos que não só os do Engenho Geraldo; escreve-se nas falas cheias saudosismo dos 10 anos de luta do seu principal movimento.

A escrita de si que ela promove não é aquela dos letrados, lavradas em produções livrescas; não é a das correspondências trocadas entre intelectuais, e muito menos a de artigos jornalísticos impressos em periódicos de circulação. Falo de uma escrita plasmada na/pela oralidade, sobre ela e os que privaram e privam de sua convivência; falo dos conhecimentos revelados nas suas memórias e que nos enchem de prazer em uma escuta rápida de suas falas.

A escrita de si é entendida como um cuidado de si, é também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu em um contexto relacional, tendo em vista reconstruir uma ética do eu. Portanto, mostra até a “escrita de si” dos antigos opõe-se à confissão, modo discursivo-coercitivo de relação com a verdade que se define desde o cristianismo e que se acentua na modernidade (RAGO, 2013, p.50).

A forma como Nêm Cobé encara o mundo, além da atenção que tem para consigo e para com os seus companheiros/as de luta, remete a uma “ética do cuidado”, buscada no sentido de promover uma sólida relação de companheirismo com os outros. Desde a infância, num processo que perdura em cada experiência vivenciada, ela cria

---

Dia Internacional de Luta pelos Direitos das Mulheres. Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/datas-comemorativas/dia-da-mulher.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

<sup>127</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

paulatinamente um modelo de ser que a acompanha e que a ajuda a construir várias relações dentro de sua comunidade.

A imagem que constrói de si é uma junção de momentos que viveu de maneira aparentemente dispersa, além daqueles de profundo engajamento político, relatos autobiográficos que criam, de certo modo, uma linearidade na composição de uma imagem da sua vida. Como Foucault (2014), ao afirmar que “não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável”, percebe-se em Nêm Cobé a alegria em sua história de vida e de lutas, que transcende a escala do individual e contagia aos que dela se aproximam:

[ao considerar a] escolha e junção de aspectos e momentos dispersos da vida, a autobiografia organiza o quebra-cabeças da história individual e procura oferecer um relato coeso e harmônico na projeção da imagem que o sujeito busca construir sobre si mesmo (GONÇALVES, 2007, p. 113).

Na comunidade, a cada dia, Nêm Cobé ganha mais respeito, apesar de não ter nascido naquelas terras<sup>128</sup>. Sob a sua influência, efetuaram-se muitos enlaces na comunidade. Desde a juventude, habitua-se a compartilhar amizades e experiências de grupo com os moradores:

No Engenho Geraldo, tinha festa dos santos, que a gente participava muito. E depois que eu aprendi a ler com meu pai, não parei de ensinar ao pessoal que não sabia ler. Nossa amizade aumentou ainda mais. Eu tirava uma hora no meio dia para ir lá ensinar a eles. Tenho tantas criaturas que já morreu e outras tantas que estão vivas que me agradecem, pois aprenderam a ler comigo, porque eu chamava eles para estudar e eles iam lá para casa e eu, moça nova, ensinava o alfabeto a eles (informação verbal<sup>129</sup>).

A relação de proximidade com a comunidade era cultivada a cada dia, enquanto o seu perfil de liderança moldava-se, pouco a pouco. Em cada contato vivenciado, Nêm Cobé fortalecia a imagem de liderança que perdurou como “naturalizada” entre os seus, sobretudo pela empatia com que temperava a própria indignação, ao ver o sofrimento de muitos dos que com ela compartilharam vivências e memórias desde a infância.

---

<sup>128</sup> A família de Nêm Cobé possui até hoje um pequeno lote de terras no sítio Camará, no município de Matinhas-PB, localidade próxima ao Engenho Geraldo.

<sup>129</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Tanto em Nêm como em Quincas, a proximidade com a comunidade era construída pela importância social que nela possuíam. O fato de serem professoras chamava para si um elemento a mais de coesão para sua liderança: “Eu cheguei a dar umas aulas na comunidade, ensinando o povo a ler” (informação verbal<sup>130</sup>). Muito embora Nêm Cobé tenha dado poucas aulas, ministradas a apenas algumas turmas, ao contrário de Quincas, para quem o exercício do magistério estendeu-se por 30 anos, o fato é que o “ser professora” desperta, nas pessoas iletradas, um acréscimo de respeito que se soma ao que já é comumente dispensado a uma liderança comunitária. Estar presente diariamente nas lides da sala de aula com os membros da comunidade tornava-as, naturalmente, vozes de respeito perante a coletividade. Neste sentido, encontra-se nas duas líderes o empreendimento do esforço educativo como forma de atuação.

A escrita que Nêm Cobé traça de si ganha força pela oralidade dos discursos proferidos nas reuniões, aulas e reforços escolares que dava aos jovens da comunidade. Suas falas foram o meio por ela encontrado para se escrever no mundo. Esta visão, a meu ver, é complementar do pensamento de Foucault (1992), quando afirma que a escrita epistolar (cartas) seria um treino de si, que se faz constante nos vários momentos da vida. Através das experiências partilhadas com os outros, ela daria força às formas de saber que se constroem no entorno da personalidade de Nêm Cobé.

De qualquer modo, seja qual for o ciclo de exercício em que tome lugar, a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a askesis: a saber, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de acção. Como elemento do treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função etopoiética: é um operador da transformação da verdade em ethos (FOUCAULT, 1992, p. 02).

O contexto de formação de Nêm Cobé é coincidente com toda uma conjuntura política que a Paraíba e o Brasil estavam vivenciando, em razão dos períodos de instabilidade política verificados nas décadas de 1950 e 1960. Aqui também se inscreve a época de repressão ocasionada pelas ditaduras civil e militar, etapas relevantes para a formação política da militante paraibana, mesmo que esta não tenha tido acesso a uma escolarização mais abrangente.

---

<sup>130</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

A partir da década de 1970, uma série de movimentos de contestação ao poder vigente (de caráter ditatorial, direitista e repressor) começam a surgir e/ou ganhar visibilidade nas várias regiões do Brasil. Tais movimentos, como não poderia ser diferente, começaram a exercer influência no cenário da militância política da Paraíba. Basta lembrar que nos arquivos do DOPS-PB<sup>131</sup> (Departamento de Ordem Política e Social da Paraíba) encontram-se documentos que contém informações alusivas a pessoas que, naquele período, lutaram pela defesa dos direitos políticos, tão perseguidos naquela época.

Mesmo antes do golpe militar de 1964, como afirma Nunes (2009a), o clima de disputas entre setores oligárquicos na Paraíba e camponeses já se instalava, recrudescendo no decorrer da década de 1960. Tais fatores fazem com que vários movimentos organizados passem a surgir, com o objetivo de defender os direitos destes trabalhadores. Se, num primeiro momento, temos a presença das Ligas Camponesas, após o Golpe temos a presença de entidades que atuavam junto aos camponeses, como a JAC (Juventude Agrária Católica).

O momento histórico de repressão política instaura um ambiente propício ao surgimento de vários movimentos opositores, com o intuito de estabelecer articulação política de esquerda. Nêm Cobé, neste contexto, será fortemente influenciada pela JAC, o já mencionado grupo da Igreja Católica, que igualmente arregimentará significativa parcela dos camponeses do estado da Paraíba, e que, no caso do Engenho Geraldo, atuará intensamente junto à luta comunitária. Neste sentido, se já tínhamos nessa protagonista uma forte influência da fé católica e dos sentimentos de revolta contra os maus-tratos cometidos contra os/as trabalhadores/as, agora, com a influência do pensamento da igreja engajada à esquerda política, Nêm Cobé escreverá novos capítulos na sua trajetória de lutas.

## **2.2 Amizade e compromisso político na luta**

A felicidade ao enfrentar os obstáculos da vida é marca subjetiva de Nêm Cobé. O cuidado com o mundo, expresso nas práticas junto à comunidade, as amizades que constrói durante sua vida e os ensinamentos que transmite às novas gerações são marcas que norteiam o seu compromisso com as causas pelas quais lutou. Além do Engenho Geraldo, Nêm Cobé atuou em movimentos de reforma agrária nas comunidades do

---

<sup>131</sup> Arquivos disponíveis no Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da UFPB.

Queira-Deus e Camará, ambas em Alagoa Nova-PB. Relata ter sido várias vezes convidada pelo Movimento de Evangelização Rural (MER) para mobilizar movimentos em outros municípios paraibanos.

Eu era líder e participava mesmo do movimento. Mas, na organização, quem ficava responsável era Lourdes Paulino, Quincas, Marizete e Lourdinha de Matias<sup>132</sup>. A gente tinha apoio do grupo do povo do Engenho e da Igreja, no movimento chamado JAC (Juventude Agrária Católica), que depois mudou para movimento popular - MER (Movimento de Evangelização Rural). Quem trouxe esse povo foi Lourdes Paulino e Quincas que já rezavam<sup>133</sup> comigo nas casas. Elas eram responsáveis por fazer os relatórios, já que era melhor nisso e eu ficava mesmo era com a reunião com o povo e eu era a rezadeira das novenas e dos encontros que o movimento organizava (informação verbal<sup>134</sup>).

A amizade, em vários momentos, constituiu-se em relação de cumplicidade, dentro dos vários encontros que organizavam com a comunidade no Engenho Geraldo. Desperta, sobretudo, de determinadas maneiras; a primeira delas seria a amizade pelas companheiras que, junto com ela, lideram o movimento (Quincas, Beatriz Pedro, Lourdes Paulino), partilhando pensamentos sobre o pertencer à causa e buscando expressar as reivindicações que pretendiam como objetivos para suas vidas.

A segunda maneira traduz-se na cumplicidade que teve para com a família, no respeito aos filhos e na relação que constrói com o esposo, João Cobé, companheiro de lutas e parceiro na criação dos filhos, ele que sempre a defendeu e caminhou ao seu lado, apoiando-a nas decisões que tomara na qualidade de uma das líderes do movimento. Em vários momentos, Nêm Cobé retoma relatos das vivências que compartilhou com João Cobé, narrando com clareza, apesar da avançada idade, os lances da relação que construíram em família e dentro do movimento. Esta forma de interação familiar não a coloca em momento algum sob a égide do discurso da “dona de casa dedicada e exemplar”: “eu era muito respeitada pela minha família. Eles entendiam o meu papel junto como o povo na luta” (informação verbal<sup>135</sup>).

<sup>132</sup> Segundo relatos das entrevistadas, existiram outras lideranças no movimento do Engenho Geraldo. Todavia, devido a impossibilidades logísticas, ou mesmo pela menor participação destas lideranças nas articulações, optei por não as entrevistar para este momento.

<sup>133</sup> Nos escritos que se seguem, o termo *rezar* será designado para expressar os momentos de oração das pessoas da comunidade. Considero necessário o adendo para que não seja confundido como o ato da “reza” das Benzedeiras, outra importante manifestação religiosa do interior do Nordeste.

<sup>134</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>135</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

João Cobé, hoje falecido, casa-se com Josefa Ermina Cobé em 25 de outubro de 1946, tornando-se, então, seu companheiro de vida e de lutas por mais de 50 anos. Na ocasião das comemorações das “Bodas de Ouro” do casal, em 1996, uma celebração nos moldes das reuniões e encontros acontecidos nas duas décadas anteriores, foi realizada, para comemorar junto com a comunidade a atuação política do casal: “No meu aniversário de casamento com João, quis comemorar junto com nosso povo. Mandamos rezar uma missa na nossa casa, convidamos todo mundo e Maria mandou gravar tudo (informação verbal<sup>136</sup>).

Ao desenhar uma imagem para sua trajetória, ela busca demonstrar o respeito que os/as companheiros/as construíram sobre si. A líder que melhor puxava os cânticos e a palavra nas novenas da comunidade se apresentava como porta-voz das angústias e das insatisfações do seu povo, eram estas as características descritas por ela para falar de sua atuação dentro do movimento: “Minha voz chamava atenção mesmo e eu tinha facilidade de convencer minha gente com a palavra de Deus. Isso era um dom do Espírito Santo” (informação verbal<sup>137</sup>).

Ao destacar a “potência da reza” como elemento fundante da articulação política, penso que sua imagem representa a expressão pública da amizade comum às lideranças do movimento. O Engenho Geraldo foi palco de falas conduzidas com a liberdade de quem, no contexto social no qual se inseriu, possuía um respeito único pelos outros. Para Nêm Cobé, “[...] a amizade é vista como uma prática de liberdade que propicia a autoestima a auto elaboração ética” (IONTA, 2007, p. 136).

A gente trabalhava junto, na época, para termos êxito, embora que no começo teve algumas derrotas. Mas a união era sempre forte entre as companheiras. Não participava ativamente da luta com a gente quem num alimentasse uma consideração muito grande pelos companheiros e pela luta (informação verbal<sup>138</sup>).

A maneira como projeta para o mundo suas amizades empresta um cunho transgressor às suas atitudes. Nêm foge ao padrão normativo que impõe à mulher a proibição do uso do espaço público como lugar de expressão: “Eu achava muito importante trazer as mulheres para o movimento. As que não participavam de nada

---

<sup>136</sup> Idem.

<sup>137</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>138</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

terminaram participando de tudo depois de um tempo” (informação verbal<sup>139</sup>). Nas rezas, nos encontros interpessoais e nas relações diárias com os seus, a expressão do companheirismo era preponderante no incentivo à participação das mulheres da comunidade.

Foi vítima, algumas vezes, de rejeições ocasionadas por incentivar a participação feminina na luta: “[...] muita gente dizia que eu era agitadora das ‘mulheres de bem’, coisa boa, eu acho, hoje o povo tem elas até no poder (risos), já tem primeira mulher que governa a gente, tem até a governa Dilma (risos)” (informação verbal<sup>140</sup>). Talvez ela não tivesse, à época, consciência da dimensão política dos seus atos, no que tange à representatividade hoje alcançada nas instâncias públicas pelas mulheres, mas o ato de não aceitar o “reservado à mulher” expõe a maneira que melhor se projetou no mundo.

Sobre como utilizava seu discurso para o convencimento das mulheres da comunidade, Nêm afirma:

Eu sempre fui muito rezadeira, e o pessoal daqui foram me chamando para rezar ainda mais. Aqui no Engenho Geraldo, e eu comecei a rezar o terço e ler o evangelho com o povo nas casas. Com isso, bem rapidamente todo mundo ficou me conhecendo e me chamando ainda mais. As pessoas daqui sempre me consideravam muito (informação verbal<sup>141</sup>).

Em um exercício de rememoração, no qual se percebe que, para a Filosofia ocidental, a amizade foi barrada às mulheres, sendo apresentada como uma prática exclusivamente masculina, é pertinente para fazer-se um comparativo das maneiras de encarar o mundo criadas por ela, diante das formas ditas “tradicionais” de amizade. Rosa (2013) traz a temática das relações de amizade com práticas que começam e ser impostas como categorias de poder restritas aos homens desde a Antiguidade Clássica, quando a *Philia-Amicitia*<sup>142</sup> era uma exposição pública das relações entre eles:

A relevância política da amizade foi ressaltada em diferentes momentos da tradição filosófica ocidental. Contudo, a amizade considerada ideal era a amizade entre homens. Tanto que a ideia de incapacidade da mulher para a amizade percorre os textos de Platão, Aristóteles, Cícero, Montaigne, Michelet, Kant, Hegel e muitos outros. A fraternidade conferida às mulheres por estes autores afasta-se da nobreza que supunham existir na verdadeira amizade (ROSA, 2013, p. 78).

---

<sup>139</sup> Idem.

<sup>140</sup> Idem.

<sup>141</sup> Idem.

<sup>142</sup> Conceito referente às relações de amizades na Antiguidade Clássica.

Nos diversos períodos históricos ocidentais, segundo Ortega (2002), a mulher foi duramente penalizada por tais restrições políticas. A não expressão dos sentimentos e a dureza das restrições impostas ao contato com as outras são obstáculos a serem transpostos até hoje por muitas. Pensar desta maneira ajuda a problematizar em que grau os paralelos das amizades entre os homens e das amizades entre as mulheres podem ser interpretados como atitudes políticas.

[...] O baixo estatuto da mulher a sua reclusão à esfera privada e doméstica (Oikos) teve como consequência o privilégio do culto da amizade e do amor masculino. [...] a hostilidade entre os sexos e o estatuto diferenciado entre homens e mulheres criaram uma barreira que impediu a criação de amizade entre eles (ORTEGA, 2002, p. 25-27).

O modo como Nêm Cobé constrói uma cartografia de si foge ao que Ortega (2002) afirma em sua *genealogia da amizade*, pela maneira como ela se vê dentro do movimento. O apreço que cultiva pelas amigas e pela comunidade faz com que ela trace uma estratégia política de expressão de sua amizade como atitude pública, o que contraria a prescrição de um espaço de reclusão e de individualização, imposto às mulheres na modernidade com relação às relações amistosas:

Eu comecei na luta por causa da reclamação e do sofrimento do povo. Eles conversavam comigo e diziam que viviam nas terras dos outros, não tinha direito de plantar um pé de banana, um pé de laranja, não tinha direito de fazer uma casa, só faziam quando o proprietário mandasse. Eu não podia deixar meus companheiros neste sofrimento (informação verbal<sup>143</sup>).

Dentre suas motivações, estavam a sensibilização diante do sofrimento daqueles que ainda viviam sem um pedaço de terra que pudessem chamar de seu, bem como o afeto que cultivara em relação aos moradores do Engenho Geraldo. Nas conversas, nas rodas de brincadeiras e nas novenas que ela rezava, construíam-se ambientes nos quais as expressões públicas de amizade eram partilhadas: “Minha influência com o povo era meu compromisso de lutar pelo povo. Meu compromisso era esse, o de servir, até porque eu sei que a história do nosso sofrimento foi levada para todos os lugares e todas as pessoas” (informação verbal<sup>144</sup>).

<sup>143</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>144</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Os encontros e reuniões eram sempre articulados pelas lideranças do Engenho Geraldo, de modo a fortalecer cada vez mais as relações de convívio entre os moradores da comunidade: “nas reuniões era onde a gente brincava e ria, mas também era o lugar de discutir e partilhar os problemas” (informação verbal<sup>145</sup>). Estes eram ambientes de intensa partilha política e de expressão das angústias dos moradores. O “movimento” se articulava de tal maneira que estes encontros eram pensados como elementos de fortalecimento do sentimento de pertença à causa defendida pelos/as trabalhadores/as.

Nêm Cobé narra que uma das principais formas de articulação do movimento no Engenho Geraldo estava nas reuniões destinadas a traçar os rumos da luta. Estas aconteciam quase sempre à noite e tinham a desculpa ou o disfarce de celebrações e novenas, que eram rezadas nas casas dos moradores da comunidade.

**FIGURA 6:** Quincas e Nêm Cobé em reunião comunitária<sup>146</sup>.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Quincas.

Nêm usava os ambientes das reuniões para expressar seu posicionamento a respeito da luta, bem como para proferir discursos que motivavam as pessoas presentes a se mobilizarem. A imagem acima documenta a sua presença nestes ambientes; “as rezas”, como ela as chama, eram também reuniões que serviam para a articulação das ações a

<sup>145</sup> Idem.

<sup>146</sup> A imagem mostra uma das reuniões organizadas no Engenho Geraldo, por volta de 1970. Nesta, pode-se ver Nêm Cobé indicada pelo número I. Logo à sua frente, está Quincas, indicada pelo número II.

serem tomadas – nestes momentos, a liderança “orientava o povo” quanto às formas de agir e ao modo de se portar perante os poderosos da região:

Quando eu ia rezar, o pessoal fazia muita queixa do que sofria aqui, (Engenho Geraldo). Eles moravam, mas não podiam ter um pé de banana, de laranja, não podiam fazer uma casa de telhas e alvenaria. Naquele tempo, eles só deixavam fazer casa de palha nas terras do engenho. Isso foi me revoltando aos poucos e fazendo eu entrar com força no movimento (informação verbal<sup>147</sup>).

Muitas vezes, atitudes tomadas pelos administradores da propriedade contra os interesses dos moradores geravam grande revolta, como a proibição da retirada de alguma madeira, ou do plantio de uma árvore frutífera que poderia vir a beneficiar a família do posseiro. Estes testemunhos iam, aos poucos, sendo partilhados nos encontros. Nêm chamava esta partilha de “devolução dos problemas”: no ato da fala, os participantes dos encontros devolviam ao grupo as angústias guardadas para si, que eram partilhadas com outras inquietações semelhantes apresentadas no momento.

Sobre as rezas, Nêm Cobé as descreve com uma riqueza de detalhes que chama a atenção pelo caráter ritualístico do debate político nelas promovido. Para ela, deveria existir todo um procedimento organizador da “devolução dos problemas”, para que os objetivos fossem alcançados:

Nas novenas, a gente primeiro rezava o Pai-Nosso. Depois, começávamos na leitura do evangelho, que era usado como tema para a “devolução dos problemas”. A gente terminava rezando um terço e elaborando algum cartaz para expor nos movimentos fora da comunidade (informação verbal<sup>148</sup>).

Estas rezas operacionalizavam, na verdade, a prática da Teologia da Libertação<sup>149</sup> na comunidade. Pereira (2012) afirma que esta teologia obedecia a um aparato teórico/filosófico que lhe dava sustentação e que, além deste aparato, existia uma atuação prática de catequese das comunidades de trabalhadores.

<sup>147</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>148</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>149</sup> Conjunto de pensamentos e práticas filosóficas criado por setores progressistas da Igreja Católica. Dentre os seus fundadores, podemos destacar os Arcebispos da Paraíba e Olinda/Recife, Dom José Maria Pires e Dom Hélder Câmara, além do Frei franciscano Leonardo Boff.

A Teologia da Libertação pode também ser compreendida como um conjunto de textos por teólogos latino-americanos que levam em consideração a realidade social da América Latina antes de se realizar qualquer afirmação teológica. Ela deve ser compreendida como o resultado de uma trajetória eclesial voltada para as camadas mais populares e excluídas da sociedade, buscando ou indicando os rumos para a mudança social. Esse movimento religioso, na verdade, carrega consigo mais do que a exposição doutrinária ou moral de uma perspectiva ou grupo religioso (PEREIRA, 2012, p. 108).

Com o ato de “devolução dos problemas”, Nêm Cobé articulava a própria atuação, primeiro para uma escuta do que era dito pelos participantes do encontro - quase sempre eram muitos os que queriam expressar alguma insatisfação em relação à realidade vivida. Depois, para uma problematização comparativa entre as realidades vividas pelos trabalhadores e a leitura feita no momento anterior.

A revolta era partilhada nas reuniões (rezas) como forma de expressar um desejo de luta e de reivindicação. Tal elemento alimentava ainda mais a força que se construía em elemento motivador das partilhas com outros grupos. Os cartazes que eram montados tinham esta função, mostrar o que era produzido pelos moradores do Engenho Geraldo para outros movimentos semelhantes que aconteciam em outras comunidades ou outros municípios. São inúmeras as vezes em que Nêm Cobé sai da comunidade para representar e partilhar experiências em outras localidades: “Eu era chamada para ajudar em outros movimentos. Fui muito para Alagoa Grande, Alagamar<sup>150</sup>, Remígio” (informação verbal<sup>151</sup>). Nas visitas e reuniões a outras comunidades, ela partilhava suas experiências apresentando os cartazes produzidos no Engenho Geraldo. Sua excelente oratória os transformava em ferramentas imprescindíveis no apoio aos companheiros de outras lutas.

Para Ionta (2007), a fuga de um modelo machista historicamente estabelecido, propondo a negação da atitude da mulher como líder apenas de seu lar, pode ser vista nestas atitudes, em que Nêm Cobé, na contramão dos discursos de repressão, assume para si as responsabilidades de quem porta a palavra:

Enquanto o que se torna evidente na leitura da bibliografia sobre a questão da amizade entre gênero é que quando o tema é a vida, a amizade deixa de ser uma metafísica discursiva, deixa-se de se tratar de amizade no singular de *teleia-philia* masculina, de amizades idealizadas, para se tratar de amizades possíveis no plural (IONTA, 2007, p. 37).

<sup>150</sup> Comunidade situada em Salgado de São Feliz-PB, que passou por processo de reforma agrária em características e época semelhantes às do Engenho Geraldo.

<sup>151</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Sua importância ímpar dentro das articulações no Engenho Geraldo, como líder que puxava a “devolução dos problemas”, foi imprescindível na elaboração de um discurso político de reivindicação de direitos. Quando Quincas narra a importância de Nêem Cobé para o movimento, contribui, num certo sentido, para a elaboração da imagem que fora construída por Nêem dentro do movimento: “Quando Dona Nêem Cobé juntava o povo nas rezas, era impressionante como ela convencia-os a participar da luta e a resistir. Acho que era coisa de Deus mesmo o que ela fazia” (informação verbal<sup>152</sup>).

Amizades que se edificaram em bases múltiplas serviram, antes de tudo, para mostrar alegria presente em Nêem, quando se propunha a ajudar os seus. Basta observar que a partir dos posicionamentos firmes e decisivos quanto à forma de encarar suas relações com o mundo, foi possível construir caminhos alternativos aos sofrimentos de sua época.

Sua atitude em relação ao mundo não era positiva nem negativa, mas radicalmente crítica, quando ao âmbito público de sua época, totalmente revolucionária. Mas também uma atitude que permaneceria em dívida para com o mundo, sem nunca abandonar o solido terreno do mundo, e jamais chegar ao extremo utopismo sentimental (ARENDETT, 2008, p. 12).

A maneira que se apresentava perante a comunidade e a atuação nas reuniões que organizava eram cada dia mais decisivas no desenvolver do movimento. Em suas memórias, Nêem Cobé traz os encontros realizados como lembranças de uma época em que sua fala era respeitada e partilhada pelos que a acompanhavam. A causa da reforma agrária era, a cada dia, mais expressa e aceita pelos moradores. Ao citar a Lei 4.504, de 30 de julho de 1964<sup>153</sup>, ela mostra-se alegre em partilhar o direito garantido que precisava ser transmitido aos demais: “Eu nunca me achei importante. O povo era quem achava, mas eu nunca, não. Eu achava que era um dever meu, sempre achei que era um dever da gente como cristão e como gente se preocupar com os problemas dos outros que precisa” (informação verbal<sup>154</sup>).

A liderança fez com que o respeito e a admiração fossem, a cada dia, sendo moldados nos 10 anos de luta e mesmo depois do seu término. Basta lembrar que na

<sup>152</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a influência de Nêem Cobé sobre o povo como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>153</sup> Decreto lei n. 4.504, de 30 de junho de 1964, que dispõe sobre o Estatuto da Terra e outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l4504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4504.htm)>. Acessado em: 28 abr. 2015.

<sup>154</sup> NÊEM COBÉ. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêem Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

ocasião das comemorações dos cinquenta anos de casamento,<sup>155</sup> homenagens foram dedicadas a Nêm Cobé. A sua atuação inspirou a subjetividade e o carinho de muitos que participaram da luta.

Vou lhe contar uma história que veio do nosso passado/ uma mulher lutadora, de Deus, é pastora/ E vejo com bom resultado./ Há 50 anos atrás/ ela arrumou um rapaz / que com ele hoje é casada/ esta mulher tão pacata/ Que já arrancou estaca/ E de cercados expulsou vacas/ Protegendo nossos roçados./ Na luta do Queira-Deus<sup>156</sup>/ Ela esteve ao nosso lado/ depois veio o Cascavel<sup>157</sup> aí a luta cresceu/ Ela subiu pro Geraldo/ nas terras de coronel/ ela fez o seu papel e Quincas estava ao seu lado./ E quando era à noite que ela ia reunir o povo/ Naquelas grotas escuras/ De mel e de rapadura/ Elas sofreram um bocado. / E para resumir a história /Deus abençoe a senhora/E todos os seus aliados. / Salve a terra das palmeiras/E cortinas o passado desta vida sai em terra consagrada (informação verbal<sup>158</sup>).

Nos versos recitados por Severino Marques, agricultor e morador do Engenho Geraldo que estava presente à missa comemorativa, são relatadas as atuações de Nêm junto a outros movimentos. Pode-se perceber o quanto suas ações foram importantes naquele momento histórico. Interessa igualmente observar como alguém que não foi entrevistado por mim, durante a pesquisa, descreveria a atuação de Nêm. Estes versos são bastante significativos, pois são a interpretação de alguém que fez uma leitura da atuação política da líder comunitária Nêm Cobé, num contexto de não envolvimento entre entrevistador e entrevistado.

Quando ele narra “[...] esta mulher tão pacata / Que já arrancou estaca/ E de cercados expulsou vacas/ Protegendo nossos roçados [...]”, está descrevendo a imagem construída por Nêm para os que a acompanharam nas lutas. Observa-se o efeito da escrita de si, que não se constituiu em narrativas epistolares, mas que em Nêm Cobé, assim como nas demais líderes do movimento, foi construída coletivamente pela oralidade daqueles que as acompanhavam.

---

<sup>155</sup> No dia 20 de outubro de 1996, os filhos do casal Nêm e João Cobé (Maria de Lourdes Cobé, Antônio Cobé Neto, Maria do Céu Cobé, Josefa Ermina Cobé Diniz, Maria do Carmo Cobé de Lucena, Luiz Ermino Cobé, Maria Verônica Cobé e João de Deus Cobé) realizaram uma festa e uma missa comemorativas às bodas de ouro e à atuação dos pais no movimento do Engenho Geraldo. Na ocasião, foi produzido um vídeo que me serve de fonte de pesquisa. Neste vídeo, veem-se discursos de pessoas que participaram do movimento, de religiosos que ajudaram nas lutas do Engenho Geraldo e da própria Nêm Cobé, relatando a felicidade de ter atuado tão fortemente na luta. Hoje, o vídeo pertence ao acervo pessoal de Maria do Céu Cobé.

<sup>156</sup> Localidade rural do município de Alagoa Nova-PB.

<sup>157</sup> Idem.

<sup>158</sup> Fala de Severino Marques, presente à missa de Bodas de Ouro de Nêm e João Cobé (1996).

O fato de estar sempre ao lado dos moradores e o apoio que oferecia no ambiente de reuniões também é lembrado pelo camponês, que exemplifica como era constante a sua presença junto aos que dela precisavam. Nas entrelinhas, percebe-se que Nêem fortalecia, a todo momento, o elo da amizade entre si e os que participavam do movimento.

Além da partilha dos problemas, ela também ajudava na elaboração de estratégias para atingirem os seus objetivos. Ao expressar-se, o camponês estava, a priori, fazendo uma “devolução dos problemas”, ao mesmo tempo em que exaltava a história de vida e de liderança construída sobre e para ela.

A admiração expressa de forma poética nos versos denota o sentimento de companheirismo do autor, revelado no apreço com que constrói no poema a figura e as práticas de Nêem Cobé, comportamento que não era exclusivo dele, mas comum a muitos dos que estavam envolvidos no movimento.

A participação de Nêem nos vários movimentos não consistia numa decisão solitária. Muitos eram os que buscavam nas articulações dos grupos de trabalhadores maneiras de expressar as suas revoltas e lutar pelos direitos cerceados. Apesar do movimento do Engenho Geraldo ter entrado para a memória coletiva da região como o grande exemplo de luta dos trabalhadores do campo, outras manifestações houveram naquela época que contribuíram para o fortalecimento das bandeiras de luta defendidas por Nêem Cobé e suas companheiras.

Em Alagoa Nova, por exemplo, podem-se destacar casos de movimentos de moradores em outras comunidades rurais. É o caso do Sítio Queira-Deus e do Sítio Cascavel, que, anteriormente ao Engenho Geraldo, passaram por processos de regulação fundiária. Nestas localidades, tornou-se evidente a participação da JAC e do MER como agentes incentivadores das articulações dos moradores. Nêem Cobé participou destes movimentos, sendo a porta-voz das reivindicações levantadas pelos moradores até a obtenção da divisão das terras.

Nos casos de Cascavel e Queira-Deus, as articulações da liderança e de seus apoiadores foram elaboradas de maneira tal que possibilitaram a compra das terras e posterior partilha do lote entre os posseiros. Os recursos para a compra das terras, segundo Nêem Cobé, eram obtidos por membros da Igreja Católica que ajudavam os movimentos religiosos do campo naquele momento.

Para o Engenho Geraldo, tentativa semelhante foi articulada de modo a agilizar desapropriação das terras, mas diante da resistência dos herdeiros da propriedade, a medida não surtiu efeito a princípio.

Propomos de modo ordeiro, responsável e pacífico a solução na forma de compra, por preço justo. A proposta foi de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) o hectare. Nosso projeto é a aquisição de terra, em forma de condomínios, conforme Estatuto da Terra em seu artigo 18 (dezoito). Para isso, foram feitos levantamentos e estudos que constataram que a nossa comunidade de arrendatários possui reservas na ordem de Cr\$ 2.500.000,00 (dois milhões e quinhentos mil cruzeiros), para participação inicial do financiamento (ABAIXO-ASSINADO DESTINADO AO PRESIDENTE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE ALAGOA NOVA, 1980, p. 01).

Os recursos, obtidos por doações da JAC e do MER, eram utilizados para fortalecer a barganha na negociação em vários locais onde aconteciam conflitos agrários naquele momento. As lideranças da comunidade sabiam que este potencial poderia ser utilizado para fortalecer o movimento e assim o fizeram.

Outro ponto de destaque quando se narram as relações de amizades construídas por Nêm está na família, que também se inscreve como apoio para as ações por ela promovidas, através da elaboração das “rezas” na comunidade. João Cobé, seu companheiro de mais de cinquenta anos, para além do esposo, era o parceiro de lutas e o amigo de todas as horas, membro presente em todas as ações desenvolvidas na comunidade: “Meu marido sempre deu apoio, mas não gostava de viajar. Como eu ia, ele sempre ficava para tomar conta das coisas, e ele sempre me acompanhava. Quando as reuniões era longe, ele me acompanhava com um burrinho e até me botava na garupa” (informação verbal<sup>159</sup>).

Seus filhos Maria do Céu e João vão adentrando, aos poucos, o movimento e apoiando as decisões tomadas. Vejo, desta forma, que a família emprestava o suporte necessário para que Nêm Cobé pudesse enfrentar eventuais barreiras postas à sua atuação e que tal suporte não se sustentava em um modelo de repressão e aprisionamento de sua subjetividade. A relação que ela constrói com seus familiares é sobretudo pautada na liberdade de se posicionar frente à opressão: “Mãe é um exemplo de lutas. Ela nos colocou para ser pessoas conscientes de nossos direitos. Nunca proibiu a gente (filhos) de ser livre para lutar (informação verbal<sup>160</sup>).

A resistência que Nêm promove e a forma como se lança no mundo faz-me lembrar das teorias do patriarcado, quando Saffioli (2004) defende que este conceito se enquadra como Histórico, no sentido que ainda se faz presente em inúmeras instâncias sociais. Para a autora: “[...] as relações hierárquicas entre homens e mulheres, assim como

<sup>159</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>160</sup> MARIA DO CÉU Bobé, em discurso na missa das Bodas de Ouro de Nêm e João Cobé (1996).

a solidariedade entre eles existente, capacitam a categoria construída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres” (SAFFIOLI, 2004, p. 104).

Neste sentido, a relação que se constrói pelas lideranças com os seus liderados é também uma resistência ao patriarcalismo que existia naquele contexto histórico, pois estar diante de opressões que se instalavam a cada instante, na vida cotidiana, era resistir a este modelo que impregnava a sociedade. Vendo desta forma, o apoio que a família dava a Nêm estava na contramão do que o modelo social patriarcal exigia, ou seja, que ela fosse apenas uma dona de casa dedicada aos afazeres domésticos, ao marido e aos filhos. É nesta acepção que Saffioli defende que a categoria epistêmica *mulheres* é passível de análise quando se trata do seu empoderamento frente ao Patriarcado, cuja compreensão ainda se torna necessária para os debates históricos:

Além de empoderar a categoria mulheres, e não apenas mulheres, o conhecimento de sua história permite a apreensão do caráter histórico do patriarcado. E é imprescindível o reforço permanente da dimensão histórica da dominação masculina para que se compreenda e se dimensione adequadamente o patriarcado (SAFFIOLI, 2004, p. 104).

A força que Nêm Cobé ganha no movimento persiste pelos 10 anos de lutas promovidas. Muito de seu engajamento teve como proposta promover, igualmente, uma ação afirmativa sobre as mulheres que participavam do movimento. Muitos de seus relatos apontam para um direcionamento da sensibilização dos moradores, iniciado através das mulheres, que posteriormente levariam as falas para seus esposos e filhos. Parte significativa desta função de sensibilização implementada por Nêm Cobé consistia em demonstrar que era possível conquistar o tão sonhado lote de terra.

Através da nossa luta, os homens também participavam, mas, na maioria das vezes, quem entrava primeiro era as mulheres aqui no Geraldo. Participavam das novenas, depois ouviam as reuniões que aconteciam dentro das novenas e chegavam em casa, contavam aos maridos. Olhe! Veja bem como eram muitas. Tinha eu, Elza Vilar, Lourdes Paulino; aí vem Socorro Barbosa, Quincas, Beatriz, Toninha. Contávamos ainda com a ajuda de Teresa Braga (advogada), Hosana Japiassu, Neuzinha, Aguiamar Ferreira, era mulher que só, viu?<sup>161</sup> (informação verbal<sup>162</sup>).

<sup>161</sup> Outras mulheres se mobilizaram para ajudar o movimento no Engenho Geraldo, fossem elas moradoras, tais como Lourdes Paulino, Socorro Barbosa, Toinha, ou externas, como Hosana Japiassu e Tereza Braga. Para efeito desta pesquisa, busquei a voz das quatro que lideravam o movimento.

<sup>162</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Rosa (2013) traz estudo relacionado à memória de mulheres que resistiram aos horrores promovidos durante a ditadura. As protagonistas dos fatos históricos apresentados em seu livro “Mulheres, ditaduras e memórias” são exemplos de militantes femininas que empreenderam ações de resistência no Brasil do período pós-golpe de 1964. Constituíam pequeno número diante do universo de reivindicações que passam a surgir no período. De certa forma, guardadas as devidas peculiaridades culturais, vejo as líderes do Engenho Geraldo nesta mesma perspectiva, pois, mesmo indiretamente, a sua atuação política estava contribuindo para a efetivação de direitos cerceados ao universo feminino.

Pode-se pensar em exemplos como o da advogada Ophélia Amorim, defensora dos direitos dos trabalhadores/as envolvidos/as nas lutas pela terra nas Ligas Camponesas da Paraíba. Rosa (2015) mostra que Ophélia teve seu protagonismo marcado pela resistência à repressão da época ditatorial de maneira tripla, por “ser mulher”, aí cabendo as disputas de gênero que teve de enfrentar; por ser militante em prol direitos das ligas camponesas, trazendo para si o rótulo de “terrorista” aos olhos do Estado, e por ser advogada, com o trabalho fora de casa, desviando o “padrão de normalidade” imposto pelo regime patriarcal.

Eis a dupla transgressão ou talvez até tripla (mulher, advogada, revolucionária...) de Ophélia Amorim: ousa adentrar ao mundo público e, mais ainda, defender a revolução e os camponeses – “ideias perigosas” vide legenda das imagens. Se insurge contra sua própria classe, quando deveria ficar apenas com a “moda” e deixar a “revolução”! (ROSA, 2015, p. 05)

Em várias mulheres paraibanas, podem ser encontrados tais aspectos de resistência. Elizabeth Teixeira, com sua liderança em Sapé-PB, assumida após a morte de João Pedro Teixeira; Maria da Penha do Nascimento e Margarida Maria Alves, em suas lutas por um novo sindicalismo rural na cidade de Alagoa Grande, além das próprias líderes do Engenho Geraldo, que, de forma semelhante, também enfrentaram estas resistências.

Os conflitos inerentes a uma afirmação feminina também eram constantes dentro do movimento, considerando que semelhante atuação das mulheres se dava de maneira a serem elas, em sua maioria, quem iniciavam a participação familiar no movimento. Isto foi para Nêm uma prova de que sua atuação de líder foi imprescindível para a elaboração de uma pauta de reivindicações coletivas que também perpassava as relações entre os sexos.

Para se pensar o quão fortes eram estes conflitos, basta lembrar que a participação das mulheres nas reuniões e encontros significava, em primeira instância, uma forte rejeição dos que eram contra o movimento e dos que afirmavam que aqueles espaços não eram adequados à presença feminina. Muito embora não fossem constantes, tais afirmações vinham relacionadas ao discurso de não domínio dos maridos sobre suas esposas. Muitos eram os que afirmavam que seu esposo seria “corno”<sup>163</sup>, por deixá-la tão livre para participar das lutas:

O povo dizia direto que João estava fazendo papel de corno, porque estava me soltando pra eu ir para todo lugar e ele em casa, feito um besta<sup>164</sup>. O vizinho dizia que a mulher dele mesmo não fazia isso não, Só que no fim ela teve inveja juntamente com ele, terminaram participando da luta (Risos). Agora, uma vez, João chegou para conversar comigo dizendo que o povo ia falar. Eu disse a ele que não estava fazendo coisa errada. Não estou tomando marido de ninguém e nem com outro homem e que aquilo era coisa pra Deus. Então, ele calou-se. Logo a gente era muito unido e ele confiava em mim, graças a Deus (informação verbal<sup>165</sup>).

A percepção de amizade que ela constrói com os que a rodeiam fez com que as barreiras da repressão fossem transpostas. O empenho no trabalho social que desenvolvia nas reuniões e encontros planejados com as pessoas da comunidade eram momentos de partilhar experiências com as outras lideranças do movimento e, em última instância, constituía lugar onde o companheirismo era exercitado.

### **2.3 A liderança que perdura entre gerações: o legado de Nêm para Maria Cobé**

A consciência do ser útil para seu povo acompanha Nêm Cobé até hoje, ao narrar suas experiências. Sobretudo, ao afirmar que conseguiu formar seus filhos em uma educação voltada para o engajamento político, ela traz lembranças que vêm sempre acompanhadas de sorrisos, que expressam sua felicidade em ter visto seus/as filhos/as de alguma forma engajados nas lutas do Engenho Geraldo.

Alguns dos seus filhos foram mais engajados, outros menos, em torno das causas defendidas por ela. No entanto, é interessante perceber que, para além de uma luta por

<sup>163</sup> Palavra alusiva ao homem que é traído pela mulher.

<sup>164</sup> Pessoa boba, facilmente passível de ser enganada.

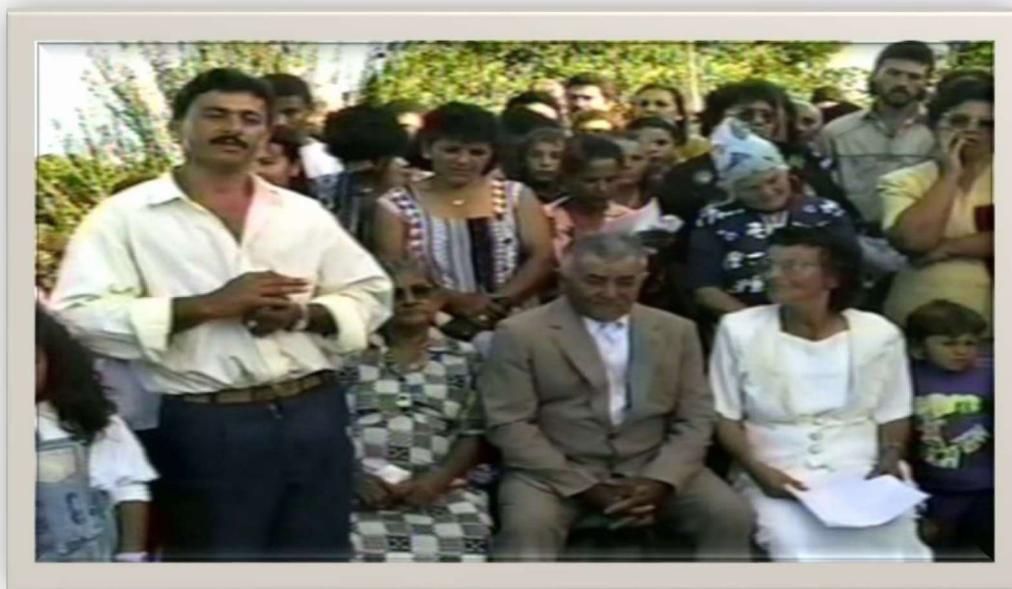
<sup>165</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

interesses pessoais, todos os que com ela comungaram o envolvimento na luta tomaram o bem pela coletividade como bandeira de luta.

Ao menos três dos seus filhos tiveram maior participação nas causas que envolveram o Engenho Geraldo. João de Deus e Josefa, em algum momento, seguiram o caminho da política, como candidatos a vereador nos municípios de Alagoa Nova e Matinhas. Davam continuidade à força política construída por sua mãe, mas, desta vez, com uma atuação política institucionalizada em momentos posteriores à luta (década de 1990)<sup>166</sup>. A terceira filha seria Maria do Céu, que, desde muito nova, participara junto com a mãe dos movimentos em defesa dos trabalhadores da região.

Maria do Céu vai seguir as práticas de sua mãe, bem como herdará muito de sua sabedoria e do seu agir para com o povo. A educação dada por Nêm Cobé e o apreço que constrói dentro da relação familiar tornam-se elementos de uma narrativa possível que faz-me perceber uma continuidade entre as escritas de Nêm e de Maria. O elemento amizade mais uma vez torna-se fator comum às escritas de ambas. Neste sentido, traçar uma narrativa conjunta sobre as suas memórias se torna um exercício de percepção da relação de bem viver que foi construída ao longo das décadas de convívio.

**FIGURA 7:** João de Deus e seus pais (Nêm e João Cobé)<sup>167</sup>.



**Fonte:** Acervo pessoal de Maria do Céu Cobé.

<sup>166</sup> Informações obtidas através de relatos de familiares e amigos de Nêm Cobé.

<sup>167</sup> Cena retirada do vídeo comemorativo às Bodas de Ouro do casal Nêm e João Cobé. É possível identificar o filho do casal, João de Deus (vestido com camisa social branca), proferindo discurso em homenagem aos pais, enquanto eles o escutam sentados ao seu lado esquerdo. Vídeo de 20 de outubro de 1996.

O “instrumento da reza” como subsídio a uma atuação política, marca constante da subjetividade de Nêm, será transmitido, em grande medida, para os filhos. Na imagem acima, João de Deus partilha uma oração em ação de graças às bodas de ouro de seus pais. A cena torna-se significativa por revelar uma atitude que era comum aos outros irmãos, quando participaram das reuniões e encontros promovidos pela mãe.

Ainda muito jovem, Maria acompanhava sua mãe às reuniões e novenas que celebrava na região. Os saberes de Nêm Cobé lhe eram transmitidos por suas experiências de vida e pelas relações que construía com a comunidade. Já na primeira infância evidencia as marcas de uma vida sofrida, em muito semelhantes às da infância de sua mãe. Faltavam-lhe oportunidades de levar uma vida de luxo e a ostentação, mas contava com uma formação política sólida e pautada em valores de vida comunitária e de partilha coletiva. Assim foi a educação que Maria recebeu de seus pais e que vai acompanhá-la por toda a vida.

O pai possuía um pequeno lote de terra. Os irmãos e Maria, por circunstâncias ligadas à cultura e aos valores das famílias camponesas da época, viram-se obrigados ao trabalho familiar em posses no Engenho Geraldo. Trabalhavam como meeiros para ajudar na renda e na sustentação familiar. Afinal, eram 10 irmãos que precisavam ser sustentados como o mínimo para a sobrevivência.

A vida da pequena Maria do Céu dividira-se entre as brincadeiras e as práticas de trabalho, lembradas com grande apreço em suas memórias que, em certos momentos, adquirem a força e a nitidez de uma revivescência do passado. Aqui, recorro ao pensamento de Halbwachs (2006), ao afirmar que o passado pertence por inteiro à construção de nossa memória, muito embora não seja possível revivê-lo completamente.

O passado permanece inteiro em nossa memória, exatamente como foi para nós; mas certos obstáculos, em especial o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos as nossas partes. Em todo caso, as imagens dos acontecimentos passados estão completíssimas em nosso espírito (na parte inconsciente de nosso espírito) como páginas impressas nos livros que poderíamos abrir se o desejássemos, ainda que nunca mais venhamos a abri-los (HALBWACHS, 2006, p. 97).

Diante de tantos recortes de memórias que são apresentados, uma linearidade nas falas de Maria do Céu é percebida como uma constante: sua relação com a mãe, calcada no amor mutuamente construído e na admiração que a acompanhou pelos anos futuros:

Minha infância foi feliz, mas muito sofrida. A gente trabalhava muito, praticamente não tive infância. Comecei na enxada com sete anos de idade, trabalhando juntamente com meu pai. Ele botava a cangalha no burro. Naquele tempo, a renda dele era pouca e ele trabalhava de meeiro com os outros e a gente tinha que ajudar desde muito nova. Ele tinha a terrinha dele, mas era pouca, não dava para manter a família, éramos 10 filhos. Aí ele arrumava roçado fora em outras. Em um ano, ele batia sete enxadas. Para os sete meninos maiorzinhos, colocava a cangalha no burro e mandava a gente trabalhar com ele. A gente não tinha tempo de brincar. Ia para roçado, chegava em casa e à tarde era para ir pra escola. Minha infância foi assim, tempo para brincar mesmo era muito pouco, mas eu era muito feliz (informação verbal<sup>168</sup>).

As dificuldades enfrentadas na infância fazem-se bastante presentes nas memórias de Maria do Céu. Ao relembrar esta fase de sua vida, ela demonstra paulatinamente que a criação recebida dos pais foi bastante motivadora para o engajamento dentro da luta no Engenho Geraldo:

Minha mãe trabalhou muito na roça. Eu lembro que a gente criança, ela forrava umas estopa num cantinho em um buraco que ela cavava ali mesmo nos roçados e botava os meninos menores para ficar ali dentro dormindo. A gente maiorzinho ficava brincando e os mais velhos já iam ajudando no roçado. Era assim que ela fazia para plantar a lavoura, entendeu? As formigas pretas nos mordida, mãe corria para ver o que era o motivo de tanto choro. Eu lembro disso muito da minha infância (informação verbal<sup>169</sup>).

Aos 14 anos, ela começa a perceber que a vida era muito mais que o trabalho no roçado com os pais e as brincadeiras infantis com os irmãos. Por volta de 1975, os ânimos na comunidade Engenho Geraldo estavam exaltados, sobretudo por conta das insatisfações dos trabalhadores, os quais viam-se na iminência de serem despejados pelos herdeiros de Pedro Tavares. Maria do Céu começa a perceber que sua mãe, para além das atividades de casa, desempenha uma função primordial junto àquela comunidade, pois apresentava-se como uma das lideranças que começavam a se articular para reivindicar o direito à terra para os moradores da comunidade.

A solução da relação entre os meeiros e os donos da terra, por décadas impulsionada por conflitos, parece estar com os dias contados, mas não aponta para uma perspectiva de melhoras, e sim para a realidade iminente da expulsão das famílias da

---

<sup>168</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre sua infância. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>169</sup> Idem

comunidade, habitantes do Engenho há várias gerações. Tais acontecimentos faziam de Maria do Céu uma observadora do clima de disputa que se instaurava no local, ao mesmo tempo que fortalecia a sua ligação com Nêm Cobé, que funcionava em todas as situações como a sua mestra.

Ao traçar a relação entre reminiscência e intertextualidade, Mauad (2013) apresenta uma reflexão possível quanto às comparações que podem ser feitas entre as atuações de Maria do Céu e de Nêm Cobé dentro do movimento. Acompanhando a mãe, a filha vai, aos poucos, criando afinidade com a “luta”. As linguagens coletivas que expressam os conflitos na comunidade, associadas à memória construída pelos/as trabalhadores/as, fazem com que os ideais de pertença que já eram comuns à sua mãe tomem conta, gradativamente, de seus pensamentos:

As linguagens e formas de comunicação humanas devem ser analisadas do ponto de vista de uma intertextualidade que as perpassa, associando-as entre si, com base da experiência humana. Ressalta-se que a noção de intertextualidade, não é uma mera associação formal, mas a condição básica que atribui sentido a tais textos, resultando do fato de estarem todos eles referidos a grupos sociais específicos, que interagem na dinâmica histórica (MAUAD, 2013, p. 83).

O sentimento de luta que era comum aos que habitavam a comunidade começa a surgir em Maria do Céu. Paulatinamente, a causa do Engenho Geraldo se tornará uma bandeira de luta em sua vida, não mais dependendo do incentivo da mãe para continuar as suas atividades junto à comunidade.

O sentimento de pertença comum aos que habitavam a comunidade consistiu para Maria do Céu, numa construção de valores erguida aos poucos por sua mãe, por Quincas e pelas outras lideranças que tiveram a responsabilidade de alimentar nos moradores ideias de uma possível conquista das terras d’ “Os Tavares”<sup>170</sup>. Maria do Céu começa na luta com força e jovialidade:

A posse das terras é por direito de nossas famílias que, de forma secular, vem habitando a região, vem desde os primitivos aldeamentos dos Bultrins (Aldeia Velha e Olho d’Água). Muitos de nossos avós chegaram no “Geraldo” antes da família Tavares (informação verbal<sup>171</sup>).

---

<sup>170</sup> Expressão dos moradores do Engenho Gerado ao se referirem aos proprietários da terra.

<sup>171</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

O mesmo sentimento que desponta em Maria do Céu fazia-se presente também nas demais lideranças, bem como nos moradores da comunidade, que, pouco a pouco se engajaram à causa defendida. Quando busca, em sua fala, ligar a ancestralidade do lugar à importância do engajamento político, ancora-se em bases de consciência muito sólidas, alegando motivações que valiam por justificativa mais do que suficiente para o ingresso na luta. Afinal, era fato de todos conhecido a preexistência da presença, na terra, das famílias dos meeiros à dos proprietários, os Torres de Melo Cavalcante.

Muito do que foi ensinado por Nêm Cobé a Maria do Céu transcende a relação mãe x filha; a amizade, funcionando como fonte de chamamento ao espaço público, bem como a necessidade de expressar as formas de atuação, foram progressivamente motivando a jovem, que conquistou respeito dentro do movimento, como uma das companheiras que lutavam pelo direito coletivo da posse de um pedaço de terra.

Olhe bem o que minha mãe fez para colocar a gente dentro do movimento. Meu pai, a princípio, era revoltado. Achava aquilo tudo meia bobagem, mas ela botava a gente para fazer visitas e nós tínhamos que ir. Depois, ela convenceu meu pai a participar. Trouxe umas pessoas para conversar com ele e comigo. Eu, como era mais obediente a ela, logo fui participar. Entrei no movimento com uns 15 anos de idade. Agora, para participar, eu já tinha 16 pros 17 anos (informação verbal<sup>172</sup>).

Se no princípio a entrada no movimento foi efetivada muito pelos incentivos de sua mãe, que julgava importante a participação na luta, depois, com o amadurecimento de Maria do Céu, o respeito pela figura materna passa a transcender a mera relação familiar, permeando o companheirismo expresso dentro do movimento: “Mãe, nas reuniões, só me chamava de companheira. Para mim, era muito importante, porque ali eu via que ela me via como alguém que era muito importante para a luta” (informação verbal<sup>173</sup>).

A constante a alegria da mãe para enfrentar os problemas nos 10 anos da luta, fez com que a jovem nela visse uma referência de como proceder dentro do movimento, modelando o jeito de tratar as pessoas e as formas de se portar em público: “A fala dela

---

<sup>172</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>173</sup> Idem.

nos encontros era um modelo para mim na luta. Eu, às vezes, ficava observando só para aprender” (informação verbal<sup>174</sup>).

Muitos foram os que passaram por dificuldades dentro do movimento e que, por vezes, pensaram em desistir, diante dos desafios de uma conjuntura que, a priori, beneficiava os “donos” da terra. Muitas eram as mulheres que sofriam discriminação por estar em ambientes públicos reivindicando direitos, o que segundo a tradição ocidental seria um disparate (ORTEGA, 2002).

As relações que elas construíram, em grande medida, seguiram na contramão do que foi estabelecido na modernidade com relação ao declínio da amizade, pois a forma como Nêm Cobé via o mundo e como transmitia essa visão para a filha era, em grande medida, a exposição pública de um ato político de defesa do companheirismo: “Estou muito feliz com vocês aqui (sala de sua casa no Sítio Camará). Só não é melhor porque meus filhos todos não estão presentes (risos). Eles, que sempre incentivei a participarem da luta e que foram também importantes nesta luta”<sup>175</sup> (informação verbal<sup>176</sup>).

Para além de uma militância, a mãe demonstrava intensa alegria pela atuação desenvolvida na comunidade, o que a levou a incentivar os filhos a também entrarem na luta. O sorriso que estampava nas reuniões, a alegria que cativou Maria do Céu eram evidências desta atuação amistosa construída entre elas: “A memória continua viva. A memória das noites que eu e mãe saímos nas estradas para os encontros, o coração meu de meus irmãos está vivo aqui, com o incentivo que mãe sempre nos deu” (informação verbal<sup>177</sup>).

A amizade e o amor pelo outro e pelo mundo constituíram a base para a efetivação da atividade política desenvolvida por mãe e filha, sendo sobretudo o amor, em tempos de perseguições e cerceamento de direitos, uma poderosa forma de resistência.

Na modernidade, doravante, como vimos, será o amor e não a amizade, o código privilegiado nas relações de intimidade. A amizade parece demandar qualidades específicas, exige um determinado modo de vida, cuidados constantes que adotam um caráter elitista e aristocrático restrito a poucos, entretanto o amor se apresenta como fenômeno universal. Um sentimento compartilhado por todos os indivíduos no século XIX (ORTEGA, 2002 p. 140).

---

<sup>174</sup> Idem.

<sup>175</sup> Fala obtida através do vídeo da missa em comemoração às bodas de ouro do casal Nêm e João Cobé, em 1996.

<sup>176</sup> Fala de Nêm Cobé no vídeo de suas Bodas de Ouro (1996).

<sup>177</sup> Fala de Maria do Céu no vídeo das Bodas de Ouro de João Cobé e Nêm Cobé (1996).

A amizade na modernidade não é vista como requisito suficiente para as relações humanas entre sujeitos populares, e, muito menos, para mulheres. Corpos dominados por poderes machistas não poderiam ser possuidores de capacidade tão nobre de uma relação amistosa, que seria prerrogativa exclusiva de uma elite branca masculina. Nêm e Maria do Céu mostram-se indiferentes a estes ditames e, juntas, apresentam a sua alegria, uma aprendendo com a outra, em exercício mútuo, a lutar pela afirmação pública de uma causa coletiva:

Mãe sempre dizia: “minha gente, vamos lutar porque Deus deixou a terra para todos e todas terem direito, basta sempre a gente procurar”. Ela sempre falava numa lei que tinha que defendia os trabalhadores. Ela sempre dizia a todos que eles não tivessem medo, pois estava todo mundo junto na causa do Engenho Geraldo e que iríamos lutar sempre juntos e que íamos chagar lá (informação verbal<sup>178</sup>).

A relação entre mãe e filha tornava-as, também, fortes aliadas na construção de um sentimento de pertença entre os moradores da comunidade. Maria do Céu ganha muito respeito entre os seus e passa a representar anseios coletivos em seus gestos de liderança no movimento: “Já eu procurava ajudar no que podia, no começo ajudando mãe, depois ganhando mais responsabilidade na luta” (informação verbal<sup>179</sup>). Data deste período a frequência ao curso de Auxiliar de Enfermagem, no Hospital Municipal Sofia de Castro em Alagoa Nova-PB, com o intuito de oferecer um apoio extra à comunidade:

Mãe ajudava o povo em tudo. Ela me incentivou a fazer curso de saúde, primeiros socorros, só para ajudar as pessoas da comunidade. Eu fiz o curso no Hospital em Alagoa Nova, que era para ajudar na luta. Passei cinco meses estagiando no Hospital Sofia de Castro. Ali, aprendi a fazer parto, a aplicar injeção, essa passou a ser minha função. Eu achava que assim o povo ia ficar grato à gente. Isso me deu muita alegria (informação verbal<sup>180</sup>).

Maria do Céu, ao começar a fazer cursos de aperfeiçoamento na área de saúde, tinha como objetivo ajudar aos que mais necessitavam. Apesar de possuir pouca instrução formal, tendo cursado apenas até o primeiro ano ginásial<sup>181</sup>, fez uso do conhecimento técnico adquirido para este intento, algumas vezes contribuindo com a aplicação de uma

---

<sup>178</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>179</sup> Idem.

<sup>180</sup> Idem.

<sup>181</sup> Atualmente, o primeiro ano ginásial equivale ao 6º ano do Ensino Fundamental.

injeção, noutras com uma ida ao médico em grandes hospitais de Campina Grande – PB. Estas foram algumas maneiras que ela encontrou de traçar uma personalidade de liderança para a atuação dentro do movimento:

Meu prazer era deixar o meu o povo grato, porque a gente dava algo em troca, a ajuda com a saúde e educação para eles. Muitos precisavam porque não tinham condição financeira e não tinham como ir para a cidade. Então, se alguém precisava de um curativo, eu fazia; um parto, eu fazia. Comecei a ficar muito conhecida por acusa disso (informação verbal<sup>182</sup>).

As responsabilidades que foi assumindo fizeram com que Maria rapidamente se tornasse referência para todos. Suas atitudes são rememoradas em falas que narram como aqueles feitos contribuíram para a efetivação da causa coletiva que a comunidade abraçava. Construiu-se, desta forma, um elo mais forte entre ela e as demais companheiras que encabeçaram a luta no Engenho Geraldo: “Eu fui uma das lideranças da ‘cupulazinha’ por causa destas minhas ajudas ao povo” (informação verbal<sup>183</sup>). Maria do Céu cumpriu com presteza estes compromissos e, por causa disto, delineou na própria imagem o traço do respeito da coletividade. Em grande medida, esta imagem foi associada à admiração já consolidada que os trabalhadores dedicavam à sua mãe, Nêm Cobé.

#### 2.4 A atuação política de Maria do Céu

O engajamento político de Maria do Céu partiu, sobretudo, de uma atuação efetiva no movimento no Engenho Geraldo, a facilidade de articulação com os moradores da comunidade e o próprio respeito que herdara de sua mãe, foram peças chave na escrita de si da jovem. Sua liderança veio acompanhada de uma série de responsabilidades (marcar reuniões, organizar encontros, articular negociações com os “donos da terra”): “[...] Eu também saía a pé para avisar o pessoal e organizar reuniões” (informação verbal<sup>184</sup>). Tais atribuições eram sempre divididas com as demais lideranças do movimento, mas, traziam para si um chamamento à responsabilidade que desde muito cedo passou a ter.

---

<sup>182</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>183</sup> Idem.

<sup>184</sup> Idem.

A maneira como o movimento se articulava e os objetivos que galgava faziam com que as responsabilidades das lideranças fossem cada vez maiores. Era preciso costurar alianças com pessoas e entidades que tivessem um conhecimento maior sobre as leis e que tivessem uma articulação mais forte no contexto paraibano e nacional.<sup>185</sup> Ao mesmo tempo, os elos que ligavam os moradores deveriam ser fortalecidos a cada dia, como forma de construir bases sólidas para a luta que os moradores encabeçavam.

O papel de Dom José Maria Pires deve ser notabilizado, por intermédio de entidades de apoio ao movimento, como a Juventude Agrária Católica e a Comissão de Justiça e Paz; através de sua atuação na Arquidiocese da Paraíba, muitos dos ensinamentos da Teologia da Libertação foram postos em prática. Junto com Dom Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife e com Dom Manuel Pereira, Bispo de Guarabira e Campina Grande, o prelado encabeçou um movimento de criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), entidade que atuara na melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores do campo.

Na Paraíba, a CPT movimentou uma série de mecanismos (luta por reforma agrária, divisão de terras, incentivos à formação educacional dos camponeses, ações voltadas para a segurança alimentar, valorização dos saberes tradicionais do campo etc.). Esta entidade, apesar de ter se tornado a de maior renome, quando se fala da atuação de dom José, não foi a única promoveu uma mobilização em torno do trabalho social junto aos pobres, que abrangia ambientes muito maiores.

Dom José Maria Pires se destaca nesse período por uma vasta produção de cartas e discursos escritos contra o regime militar. Na maioria de tais escritos, Dom José conclama a sociedade a tomar uma posição política contra os abusos, porém sem o confronto físico. Em dezembro de 1966, em discurso como paraninfo geral dos cursos dos concluintes da Universidade Federal da Paraíba, Dom José refletiu sobre a contribuição que essa instituição poderia dar à sociedade e denunciou o sistema vigente afirmando (PEREIRA, 2012, p. 91).

Não se trata de pensar a atuação de Dom José como alguém ligado diretamente à instituição “Igreja”; o que se pretende ver é a sua importância como sujeito histórico, que contribui significativamente para a efetivação de inúmeros movimentos de trabalhadores/as do campo, a exemplo do Engenho Geraldo e de Alagamar.

---

<sup>185</sup> Maria do Céu relata que o apoio da JAC (Juventude Agrária Católica), da Comissão de Justiça e Paz, formada por advogados ligados às questões da terra e de alguns representantes da Igreja Católica foi de fundamental importância para a efetivação do movimento e a obtenção da reforma agrária na comunidade Engenho Geraldo.

O arcebispo paraibano encorajava as CEBs à formação de uma nova consciência política e da realidade de seu estado. Em algumas ocasiões, em seus discursos, tinha-se a equivocada impressão de que ele incitava as massas e as comunidades ao confronto com grupos de proprietários ou lideranças políticas. [...] Desse modo, surgia A Igreja Viva, um grupo que compreendia que a ação pastoral da Igreja era muito mais do que doutrinação religiosa, mas uma ação libertadora com os mais carentes e excluídos da sociedade e da própria Igreja (PEREIRA, 2012, p.111-112).

As reuniões e os encontros religiosos eram marcas desta atuação, que conseguia, em grande parte, articular os/as trabalhadores/as da comunidade e as entidades que começam a ajuda-los/as. Gohn (2010b) problematiza os objetivos e as bandeiras de luta empunhadas pelos movimentos sociais no Brasil durante as décadas de 1970 e 1980:

Os movimentos sociais surgidos no final da década de 1970 e início 1980, foram movimentos populares reivindicatórios de melhorias urbanas e rurais articulados a pastorais (igreja católica), grupos políticos de oposição ao regime militar [...] naquelas décadas os movimentos lutavam pelo “direito a ter direito”. Como só podemos falar em direito se contemplarmos os universais, aqueles movimentos não estavam autocentrados, não miravam apenas a si próprios (GOHN, 2010b, p. 17).

O Engenho Geraldo, não distante de demais realidades de contestação aos poderes estabelecidos no Brasil naquele momento histórico, passava por uma efervescência de busca por direitos encabeçada, em grande parte, por Maria do Céu e demais companheiros/as, na tentativa de conquistar espaços que foram por séculos negados aos pobres que habitavam a região. Compreendendo os problemas enfrentados pela comunidade, Maria do Céu torna-se elemento facilitador para a percepção das articulações que foram construídas ao longo dos 10 anos de luta promovida.

É importante perceber que conflitos semelhantes ao do Engenho Geraldo aconteceram paralelamente na Paraíba. Neves (2014b), ao narrar “a luta do povo de Alagamar”, no município de Salgado de São Felix-PB, entre os anos 1975 e 1980, evidencia realidade parecida. Lá, coincidentemente, a luta dos trabalhadores inicia-se após a morte do último herdeiro das terras, que deixa cerca de setecentas famílias de foreiros na eminência de uma expulsão. A sintonia entre as duas realidades representa, de certo modo, um contexto social que o estado vinha enfrentando naquele momento:

O movimento social em estudo eclodiu no ano de 1975 e para compreendê-lo é interessante tecer considerações acerca da comunidade

rural anteriormente a este momento. Antes de 1975, Alagamar era uma propriedade rural pertencente a Arnaldo Maroja constituída por cerca de 13.000 hectares, em que moravam 700 famílias que nesta trabalhavam e desenvolviam suas atividades. [...] Um elemento que nos chama a atenção é a quantidade de pessoas que residiam em Alagamar (700 famílias) e que com a morte do Arnaldo Maroja começariam a sofrer ameaças de expulsão das terras. Cabe destacar que percebemos que este elemento foi utilizado, inclusive, por um segmento católico como um elemento para sensibilizar a sociedade para o que estava sendo vivenciando na comunidade rural pelos trabalhadores rurais após o ano de 1975 (NEVES, 2014b, p. 04).

Se movimentações semelhantes estavam ocorrendo em pontos diferentes da Paraíba e até mesmo em outros estados, não se pode ver a realidade enfrentada por tais mulheres como situação isolada. As situações de luta e de atuação política, como etapas de preparo que receberam para que se formassem como lideranças foi, antes de tudo, arquétipo de uma conjuntura maior que o Brasil vivenciava naquele momento.

As formas encontradas por Maria do Céu, por sua mãe, Nêm Cobé, por Quincas e pelas demais lideranças, empenhadas em promover a articulação política da comunidade são perceptíveis como momentos de resistências, evidenciando as várias conquistas que, pouco a pouco, foram se concretizando. Neste sentido, pensar as reuniões e encontros é refletir sobre os êxitos obtidos. Assim, quando se examinam documentos produzidos à época, torna-se mais fácil entender como se dava esta articulação:

Nós, arrendatários e representantes do “Engenho Geraldo”, propriedade situada neste município, compondo comunidade de aproximadamente 436 (quatrocentos e trinta e seis) famílias, num total de mais de 3 mil pessoas, abaixo assinadas, em nome da ordem e do interesse social, vimos, perante V. S., com muito respeito, expor o seguinte: [...] os atuais proprietários querem transformar a exploração do “Geraldo” em termos de complicação do Sul, com incentivos do governo. A terra será destinada à pecuária extensiva, na base de inseminação artificial. A agricultura de subsistência que cobre toda a área da propriedade será eliminada [...]. As relações que existiam entre nós e os antigos foram modificadas. Os herdeiros vêm articulando a toda sorte de perseguição. Negam-se a receber o preço estabelecido nas bases do estatuto da terra e ordenam a suspensão de nossos plantios (ABAIXO-ASSINADO DESTINADO AO PRESIDENTE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE ALAGOA NOVA, 1980, p. 01).

As reuniões serviam prioritariamente para articular os passos do movimento. Maria do Céu relata que, em meio ao que Nêm chamava de “devolução dos problemas”, as orações e os debates eram realizados. Dentro desta articulação, sua mãe ficava responsável pela leitura da Bíblia e pela palavra partilhada entre os moradores. Nas falas,

todos os que se sentiam insatisfeitos com as perseguições, mal feitos e opressões promovidas pelos herdeiros do Engenho Geraldo partilhavam suas angústias em momentos de debates e novas estratégias eram levantadas para serem articuladas dentro do movimento.

Pela qualidade de escrita do documento acima citado, é perceptível que pessoas com maior grau de instrução foram responsáveis por sua elaboração. Maria do Céu aponta que Quincas e Lourdes Paulino eram as responsáveis pela elaboração dos documentos escritos do movimento, muito embora estes fossem feitos de maneira que não fosse atribuída a sua autoria a nenhuma liderança, as quais deveriam estar protegidas dentro do corpo coletivo da comunidade.

As conquistas obtidas por estes encontros eram sempre partilhadas com muita alegria e com um sentimento de que a união deveria ser o elemento de fortalecimento do movimento. Não é à toa que Maria do Céu apresenta estes momentos como sendo aqueles que lhe proporcionaram maior felicidade enquanto esteve envolvida na causa:

Lembro como ficamos feliz quando mãe anunciou num encontro que a gente tinha conseguido o decreto e desapropriação. Os deputados tinham votado. A festa foi grande naquele dia, mas a gente sabia que muita luta ainda tinha que ser feita para a gente conseguir nossa terra (informação verbal<sup>186</sup>).

O decreto n. 87.456, de 13 de agosto de 1982, foi um marco muito importante em suas lembranças e nas da comunidade. Ele declarava o interesse social, para fins de desapropriação e como área prioritária para reforma agrária as terras do Engenho Geraldo. A partir desta data, a luta ganhara mais força, sendo questão de tempo a obtenção das posses:

A gente não parava era reunião nos sítios Feitosa, Caracol, Figueiredo, onde hoje é São Sebastião de Lagoa de Roça. Aí já envolvemos outras pessoas para participarem do movimento: seu Antônio Alexandre, Ildimar Ferreira, Dona Maria de Génésio, que até hoje está viva. Seu Zé Ventura. Mas mãe era a mais animada, participava de todas (risos). Os relatórios que eram feitos nestas reuniões eu não sei direito, mas acho que era mandado para JAC. A gente também tinha uma cópia, mas teve uma época que Quincas mandou queimar, para não incriminar a gente da causa da ditadura militar (informação verbal<sup>187</sup>).

---

<sup>186</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>187</sup> Idem.

À medida que ações eram desenvolvidas, novas formas de atuação eram traçadas para serem executadas na comunidade. A confiança nas lideranças aumentava a cada dia e o diálogo entre moradores construía-se a partir de relações de amizade que se fortificavam. As funções que cada uma executava fazia com que suas personalidades fossem muitas vezes associadas a um corpo, como “cabeças” do movimento:

Dentro do movimento, nós éramos as cabeças. A função de Quincas e Lourdes Paulino, que eram mesmo que duas irmãs encarnadas, era sentar, conversar e formular as perguntas para serem debatidas nas reuniões. Elas davam pra gente o relatório pronto pra gente usava-los nas reuniões com o povo [...] Quem fazia a reunião com o povo era eu. Mãe e pai também, que ele ia para ajudar, já que os encontros quase sempre era à noite. A gente não podia ir só. O que eu fazia era a tarefa e dos mais jovens era andar de casa em casa, avisando que ia haver a novena, convidando, sabe? E na novena nós também estávamos presentes. Quem rezava a novena era minha mãe (informação verbal<sup>188</sup>).

A família de Maria do Céu era muito respeitada; eram conhecidos entre os moradores como “os Cobés em grande parte pela atuação de Nêm em outros movimentos, pois já havia liderado disputas junto aos trabalhadores nas comunidades Queira-Deus e Cascavel: “O povo tinha muita confiança em mãe e em pai. O que mãe dizia na novena ajudava a conscientizar o povo. Ela foi uma grande guerreira” (informação verbal<sup>189</sup>). A carga política que seus familiares carregavam era muito forte dentro da comunidade. Não só Nêm e Maria atuavam, mas também seus irmãos e seu pai, sempre que podiam, davam apoio à causa, participando das reuniões, acompanhando-as em visitas a residências na comunidade e aconselhando os que ainda eram receosos quanto a se engajarem na luta.

Pensar em como Nêm Cobé e Maria do Céu lançaram-se em defesa de uma causa ajuda a refletir sobre a atuação das mulheres dentro de movimentos sociais e na própria História. Ao se colocarem como centro de uma luta, elas tornam-se indissociavelmente atrizes sociais que permitem-se ser escritas por uma história possível, deixando um rastro de memórias que possibilitam ao historiador construir uma narrativa de suas experiências:

As mulheres enquanto atrizes principais das ações coletivas são também um novo possível modo de recomposição do mundo. As mulheres por

<sup>188</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>189</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre a influência de sua mãe, Nêm Cobé, como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

terem vivido a dominação em suas experiências poderão vir a ter ações mais gerais de recomposição de todas as experiências individuais e coletivas (GOHN, 2010b, p. 99).

A atuação no movimento fez com que os moradores do Engenho Geraldo, mesmo depois do término do movimento bem-sucedido, ainda vissem nos “Cobés”, um exemplo de luta e de respeito. As amizades conquistadas e o respeito coletivo cultivados por Nêm e Maria do Céu estão vivos até hoje. A primeira, como matriarca da comunidade, ainda é ouvida pelos netos e pelos mais jovens, embora, em função da idade avançada, não participe mais de eventos que exijam um esforço físico maior. Todavia, sempre que pode organiza uma reunião ou uma novena em sua casa para acolher os amigos e continuar se afirmando como alguém que dedicou a vida a uma causa.

Maria do Céu, por sua vez, ainda atua fortemente na comunidade, não mais na surdina e nas “caladas da noite” como era nos tempos da “luta”, mas como alguém que partilha os conhecimentos de saúde com seu povo, dedicando momentos de sua vida à solidariedade dentro da comunidade. Hoje organiza e acompanha pessoas que precisam de atendimento médico em Campina Grande e ajuda pessoas mais necessitadas a procurar um defensor público quando necessitam. De certa maneira, ela ressignificou seu fazer de liderança buscando, ao fim de tudo, ajudar sempre os seus.

Ao fazer relação entre o movimento e sua atuação nos dias atuais, Maria do Céu lembra, com lágrimas de felicidade nos olhos, que o povo sempre recompensou com sorrisos os seus feitos, sorrisos que, segundo ela, nasciam de pessoas que muitas vezes não tiveram acesso a condições de cidadania mais dignas. Assim sendo, a sua bandeira de luta é ainda e sempre buscar melhorias que lhes possam beneficiar:

O povo tinha muito carinho por mãe. Ela, para ajudar o povo, fez até curso de saúde, primeiros socorros. O povo gostava muito dela. Depois, ela botou eu para fazer o curso também para ajudar. Fiz o curso no Hospital em Alagoa Nova, que era para ajudar na luta. Eu passei cinco meses estagiando no Hospital Sofia de Castro. Aí, aprendi a fazer parto, aprendi a aplicar injeção, era minha ajuda. Eu sempre achei que isso era o que fazia o povo ficar grato da gente, sabe, como se fosse uma dívida, sabe, e protegia a gente (informação verbal<sup>190</sup>).

A relação de amizade mais uma vez prevalece nas escritas de si criadas por Maria do Céu. Toda a sua vida é dedicada aos que nela se apoiavam. Muitos ainda a

---

<sup>190</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

acompanham em suas novenas e nas reuniões organizadas na sua própria casa, fazendo com que sua atuação continue viva e seus trabalhos continuem, em certo sentido, trazendo benefícios para os moradores do Engenho Geraldo.

### CAPÍTULO III

#### BEATRIZ: “A VOZ QUE CANTOU A FORÇA DO POVO”

O poder nunca é propriedade de um indivíduo;  
 pertence a um grupo e existe somente  
 enquanto o grupo se conserva unido.  
 Hannah Arendt

Venha, venha vou tirar sua  
 boiada

Seu Vicente venha logo receber  
 É bem pouquim, é dez cabeça, é  
 quase nada

Tem muita gente, mais não bole  
 com você

Venha seu Vicente, receber o  
 seu gado.

Que o povo quer trabalhar lá no  
 cercado [...]

Beatriz Pedro da Costa

O capítulo que se inicia pretende apresentar a escrita de si da quarta protagonista desta pesquisa, a líder Beatriz Pedro da Costa. Os escritos aqui apresentados são a continuação para a História e a memória coletiva da comunidade Engenho Geraldo. O legado que ela deixou e os direitos sociais que conquistou em comunhão com as companheiras merecem ser apresentados e registrados como melhor maneira de deixar algo para a posteridade.

Os saberes históricos trazidos por Beatriz para este trabalho são uma continuidade do que já foi apresentado na tessitura das memórias das demais companheiras. Mas, como cada sujeito histórico constrói suas lembranças de maneira peculiar e carrega consigo uma carga subjetiva que o torna único, percebo a grande contribuição de suas memórias para pensar os atos políticos realizados pelas mulheres na História recente da Paraíba.

É necessário mencionar que ela não se encontra mais entre nós. Suas memórias e saberes foram em grande parte enterrados juntamente com seu corpo que, já cansando, após 86 primaveras, não resistiu às intempéries do tempo. Entretanto, muito da pessoa

que ela foi ainda permanece vivo nos familiares que com ela conviveram e nos/as amigos/as que dela recordam.

O carinho com que me recebeu em sua casa e a atenção a mim concedida não podem deixar de ser mencionados neste momento. Como ela mesma disse, “é um prazer ajudar um estudante nos deveres de seu estudo” (informação verbal<sup>191</sup>). Entristeci-me quanto, em meados de 2014, soube que ela não poderia mais dar aquele sorriso nem muito menos entoar canções com aquela voz aguda que me encantara à primeira vista.

Infelizmente, o tempo em que tive contato com Beatriz foi muito curto. Desde que tomei conhecimento de sua contribuição para o movimento Engenho Geraldo, em junho de 2014, até sua morte, no fim do mesmo ano, apenas consegui uma entrevista. Entretanto, diante de sua importância para o movimento, para as companheiras de luta e para a memória que se torna história com estes escritos, este capítulo será dedicado a ela.

Beatriz se destaca por ser a líder que animava os movimentos. Seu dom artístico para compor e cantar versos se tornou marca de sua subjetividade. Assim, os moradores, ao lembrar os anos de luta e as ações realizadas na comunidade, enalteceram com entusiasmo a alegria coletiva que era ouvir sua voz entoando canções de protesto nos atos públicos que o movimento organizava. Embora a função dela não fosse apenas esta, suas canções ecoam na memória coletiva da comunidade como registros que davam vida ao movimento. “Era muito animado escutar comadre Beatriz cantando suas músicas e animando a gente nos encontros da comunidade” (informação verbal<sup>192</sup>).

Boa parte das informações que utilizo foram concedidas por suas companheiras de liderança. Elas, ao traçar suas escritas de si, trazem intrínsecas em vários momentos de fala as lembranças partilhadas com Beatriz. Assim, apresento neste capítulo um rico acervo de informações oferecidas pelas outras três líderes já mencionadas anteriormente sobre o papel e a atuação de Beatriz dentro do movimento. Também pretendo tecer as relações cabíveis entre os acontecimentos que julgo marcantes para o movimento (derrubada das cercas, prisão dos posseiros, tomada do sindicato e obtenção da posse definitiva dos lotes) e as canções compostas por Beatriz para cada um destes eventos. Seria, em certo sentido, um exercício de pensar como os atos políticos do movimento eram cantados pela protagonista.

---

<sup>191</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>192</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador a trajetória de Beatriz Pedro como militante. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Dando continuidade ao que faço nos capítulos anteriores, neste também serão feitas ligações entre o movimento do Engenho Geraldo e acontecimentos políticos que giravam em torno da sociedade brasileira e paraibana nas décadas de 1970 e 1980. Portanto, apresentar Beatriz como mais uma protagonista dentre as mulheres da comunidade me sensibiliza às possibilidades trazidas por esta pesquisa à História das Mulheres e sua contribuição para a cultura histórica de nossa sociedade.

### 3.1 Uma trajetória dedicada ao Engenho Geraldo

Beatriz teve uma vida dedicada ao campo. Seus pais a criam sob a égide de uma educação voltada para a agricultura. Foi acostumada desde muito jovem a “pegar na terra” e trabalhá-la para obter o alimento que sustentou a si e aos seus. Cresceu aprendendo o valor do trabalho e o que de bom a natureza tem para lhe oferecer. Sua família era de origem humilde, mas sempre lhe brindou com os ensinamentos para viver com dignidade e empenho para seguir seus valores.

Cresci sendo agricultora. Desde muito nova, meu pai e minha mãe já me ensinavam a fazer as coisas do roçado e dos afazeres de casa. Eu, com oito anos, já fazia tudo. Tomava conta dos meus irmãos, plantava feijão, tirava eito<sup>193</sup> de roçado. Nunca tive preguiça de trabalhar porque sempre achei que era uma benção de Deus para a gente que se diz cristão (informação verbal<sup>194</sup>).

A descrição de como teve sua vida engajada aos ensinamentos do campo e ao trabalho forja vigorosamente a formação indenitária de Beatriz com sua atuação no dianteira dos movimentos sociais. Cresceu em Alagoa Nova-PB. Lá, casou-se com o senhor José Inácio da Costa e constituiu família. Seus conhecimentos sobre a arte de cantar foram adquiridos ainda na primeira infância e levados para a vida adulta. Ela evidencia que muito do que aprendeu serviu para enfrentar os desafios diários na criação de seus 10 filhos. Bosi (2009), ao analisar a natureza da memória segundo as concepções do filósofo Inglês Henri Bérghson (1859-1910), traz uma leitura que elucida a percepção da conformidade desta manifestação humana, de acordo como o local onde o sujeito que a produz está inserido.

---

<sup>193</sup> Termo alusivo a roçado, plantação ou grande gleba de terra. Seria uma linha reta longa, o que facilita o trabalho agrícola de carpina, plantio ou colheita dos alimentos.

<sup>194</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua infância. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

A memória do indivíduo depende dos seus relacionamentos com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 2009, p. 54).

As marcas do trabalho e do amor à terra pela terra que são construídas na vida de Beatriz engendram aos poucos os contornos de uma identidade que, de forma semelhante às suas companheiras, tornam-se inscrições criadas por ela e que possibilitaram aos outros enxergar nela a representação de uma liderança do movimento.

Atitudes do dia a dia passam a enriquecer estas marcas ao longo de sua vida. Trata-se de elementos evidenciados a partir de seus relatos, os quais se encaixam na construção da imagem de si.

Eu passei 16 anos da minha vida comprando criação<sup>195</sup>, galinhas, sítio de laranja, plantações de batata. Eu comprava 20 galinhas de uma só vez para revender nas feiras, comprava frutas, legumes. No sábado, a gente ia vender na feira de Campina Grande. Eu saía de madrugada para ir comercializar; ia eu e meu marido. A gente botava as cargas nos burros e os balaios com as galinhas em cima dos mangalhos<sup>196</sup>. Eu tinha que ir com meu marido porque ele não tinha base para negociar, eu tinha que estar de dentro. Era assim, tinha muita luta para a gente sobreviver na vida. Com tudo isto, eu criei meus filhos. Graças a Deus, deu tudo certo. Tive cinco filhos e cinco filhas. O caçula, infelizmente, morreu. Já adulto, no Rio de Janeiro, mas nunca deixei nenhum deles passar fome (informação verbal<sup>197</sup>).

O trato com a família e a relação com o trabalho e o comércio de produtos são elementos que, na fala de Beatriz, dão sustentação à sua identidade. É evidente que este não é o único elemento que funda a sua subjetividade, mas serve para a elaboração da reflexão sobre como ela, que aparentemente não teria motivos para entrar em uma luta política por obtenção de direitos - como foi a do Engenho Geraldo – o faz de maneira exitosa. Ainda na reflexão elaborada por Bosi (2009), pode-se constatar a relevância de tais elementos da narrativa mnemônica de Beatriz.

A memória é, para o filósofo da intuição, uma força espiritual prévia a que se opõe a substância material, seu limite e obstáculo. A matéria seria, na verdade, única fronteira que o espírito pode conhecer. A

---

<sup>195</sup> Criação, segundo linguajar local, corresponde ao cuidado de cabras, ovelhas e pequenos animais domésticos.

<sup>196</sup> Produtos a serem comercializados nas feiras livres.

<sup>197</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória familiar. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

matéria levaria ao esquecimento, ela bloqueia a memória (BOSI, 2009, p. 54).

As memórias deixadas por Beatriz trazem ainda a importância de seu engajamento político. Aos poucos, ela toma consciência de que vivia em um mundo de desigualdades e injustiças do qual também era vítima. O fato de trabalhar em uma posse de terras de um senhor de engenho a colocava na obrigação de pagar imposto pelo uso da terra, imposto que muitas vezes cerceava as oportunidades de dar a seus filhos uma melhor qualidade de vida.

Ter de pedir autorização para plantar em um roçado e só poder plantar aquilo que lhe era permitido sempre causava indignação em Beatriz. Para ela, era uma humilhação pedir algo que era um “direito de todos”.

Ficava muito irritada quando Dr. Pedro Tavares dizia que a gente só podia plantar macaxeira no roçado que ela nos dava de meia, quando eu, na verdade, queria plantar feijão, porque poderia guardar a minha parte para ir comendo o ano todo (informação verbal<sup>198</sup>).

Ela começa a criar formas para burlar as ordens dos “donos da terra”, à proporção que age de modo a fortalecer seu sentimento de luta contra as opressões. Tais mecanismos surtiram muito efeito na atuação dela, pois marcaram a efetivação de uma estrutura de convencimento das pessoas que se tornou cada vez mais eficiente.

O caso da plantação que teve a ideia de empreender nas terras próximas à sua casa, foi apontado por Beatriz como o principal motivo para o seu ingresso no movimento do Engenho Geraldo. Para ela, Pedro Tavares sempre controlava com mão de ferro os moradores de suas terras, seja para o recebimento do foro, seja para determinar o que cada um poderia plantar, onde poderia fazê-lo e a quantidade de terras que poderiam ser cultivadas.

A atitude de burlar a ordem e plantar o roçado foi por ela elaborada como forma de manter todas as mais de 500 famílias que residiam na propriedade sob o controle da família Tavares de Melo Cavalcante, evitando, assim, revoltas ou descontentamentos. Vale ressaltar que os moradores que discordavam ou descumpriam as ordens estabelecidas pelo “dono da terra” eram punidos severamente, com a expulsão das terras

---

<sup>198</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

e tomada da moradia ou pela própria proibição durante certo período de cultivar qualquer tipo de roçado.

Beatriz e seu esposo cumpriam estas determinações, mas nunca concordaram em absoluto com elas. Perto de sua residência, havia uma mata com madeiras nobres, assim consideradas pelos moradores e pelo próprio Pedro Tavares, devido ao grande potencial para a construção de moradias. Nunca tiveram autorização para plantar neste local, mas sempre alimentaram a expectativa de derrubar a mata e fazer um roçado para ampliar as colheitas.

Quando Dr. Pedro era vivo, ele conservava um pedaço de mata encostado aonde eu morava, pegado com meu sítio mesmo, que a gente arrendava a ele. Aí, meu marido foi lá conversar com ele para que nós pudéssemos desmatar. A ordem era importante para que a gente iniciasse a plantar nesta terra. José, meu marido, falava que nesta terra só tinha pau de obra (madeira de lei), era uma mata mesmo. E meu marido cansou de ir lá pedir e ele nunca despachava a terra. Por sinal, morreu e não permitiu (informação verbal<sup>199</sup>).

Com a morte de Pedro Tavares, os conflitos da comunidade começaram a se intensificar. O medo de serem expulsos da terra e o aumento da cobrança pelo foro só fizeram a revolta da Beatriz e de sua família aumentar. Nesse sentido, ela busca uma alternativa para descumprir o que foi estabelecido pelo dono da terra em vida. Seu esposo havia viajado para o Sudeste (Rio de Janeiro) em busca de melhores condições para o sustento familiar, tendo ela ficado com a função de sustentar a família. Foi quando teve a ideia de iniciar uma plantação no terreno anteriormente “proibido”.

Dona Beatriz vendeu um boi que seu esposo havia deixado na engorda antes de viajar. Com o dinheiro recebido, comprou um bezerro para substituí-lo e para a segurança da economia familiar em caso de uma eventual necessidade. Com o restante do dinheiro, comprou algumas enxadas, foices e sementes para começar a plantar no tão sonhado pedaço de chão.

Muita gente me dá valor e lembra porque eu tive força, e porque enfrentei a luta do Engenho Geraldo. Quando meu marido foi embora, vendi um boi que ele tinha deixado bem grande. Aí comprei outro pequeno para deixar no seu lugar. Com o dinheiro da venda, comprei uma roda de arame, fiz um curral para botar os garrotes, comprei uma foice, tomei mais duas emprestadas, dei a três filhos meus, que ainda

---

<sup>199</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre a relação de sua família com Pedro Tavares. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

eram garotos, e fomos roçar o mato. Aí passaram um tempo bom e só roçaram a metade do mato (informação verbal<sup>200</sup>).

A forma encontrada para protestar contra a opressão vivida naquela época foi burlar as determinações estabelecidas e procurar de forma direta contestar a ordem. Esta atitude de Beatriz poderia ser vista como algo isolado. Entretanto, não era. Forças políticas de contestação aos velhos modelos de concentração fundiária estavam eclodindo no Brasil em meados da década de 1970. O fato é que, na Paraíba, um movimento semelhante estava acontecendo na região da Zona da Mata ao sul do estado, conhecida por Grande Alagamar. Neves (2014a) e Moreira (1996) expõem este outro conflito agrário apresentando-o como um dos de maior repercussão política daquela década.

Em Alagamar, semelhantemente ao que se instaurava no Engenho Geraldo, existia uma tenção social que, em certo sentido, ingressava no momento histórico que vigorava na História brasileira. De um lado, a política governamental do presidente General João Figueiredo, com uma proposta de distensão política do regime civil militar lenta e gradual, e, de outro, as reivindicações dos movimentos sociais que naquele momento começam a ganhar maior proporção.

“A luta do povo de Alagamar” foi um movimento social, sistematizado por trabalhadores rurais, em Alagamar, comunidade rural ocorrida nos municípios de Salgado de São Feliz e Itabaiana- PB, entre os anos de 1975 e 1980, que tinha por objetivo a permanência na terra. [...] Em Alagamar residiam cerca de 700 famílias que pagavam o Foro para poder plantar, morar e desenvolver atividades cotidianas. O ritmo de vida destes indivíduos começou a ser modificado a partir do ano de 1975, quando ocorreu o falecimento de Arnaldo Maroja, que por não possuir herdeiro diretos, deixou a propriedade em testamento para ser dividida entre 42 parentes que então iniciaram um processo de venda de lotes para usineiros de Pernambuco [...] (NEVES, 2014a, p. 17).

Ao apresentar o movimento social de Alagamar, Neves (2014a) evidencia o entendimento da conjuntura política das tensões sociais que estavam eclodindo na Paraíba nas décadas de 1970 e 1980. De forma análoga ao Engenho Geraldo, a região de Alagamar passava por uma conjuntura histórica que culminou em uma pauta de reivindicações através da qual os trabalhadores buscavam a obtenção de direitos à terra. O interessante é perceber que fatores históricos nas duas realidades coincidiam, tais como a morte de

---

<sup>200</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre a preparação da terra proibida para a agricultura de subsistência. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Arnaldo Maroja, que, assim como Pedro Tavares de Melo Cavalcante, não tinha herdeiros diretos.

Os interesses dos herdeiros pelas terras em ambas situações começam por iniciar uma campanha de gradativo despejo das famílias que há inúmeras gerações sobreviviam nestes locais como posseiros, pagando devidamente o foro aos “donos da terra”, mas que, diante da nova conjuntura, viam-se na iminência de uma expulsão.

O Engenho Geraldo e a Grande Alagamar são exemplos de uma série de tensões sociais do campo apresentadas pela Paraíba naquele momento histórico. Para Moreira (1997), tais conflitos eram sobretudo acompanhados por uma série de demandas que se prolongavam por séculos, mas, devido à circunstância política do período, ganhavam força e eram sistematicamente elaborados.

O estudo desvenda uma grande diversidade de formas e relações de trabalho existentes no campo, nas mais diversas regiões do estado da Paraíba, bem como as transformações ao longo do tempo. A indicação da categoria dos trabalhadores envolvida nos conflitos procurou respeitar a diversidade dessas formas de trabalho identificadas. Desse modo, foram chamados de arrendatários aqueles trabalhadores que, ou morando nas terras de terceiros, ou em outros locais (periferias urbanas, vilarejos rurais, etc.) cultivavam um sítio ou uma gleba menor, um “roçado”, numa terra que lhe era concedida através de um contrato verbal de arrendamento. Que compreendia o pagamento anual em dinheiro conhecido como foro. Essa era a categoria predominante em todas as regiões da Paraíba até os anos de 1970 (MOREIRA, 1997, p. 30).

O foro correspondia ao imposto pago pelo uso das terras de um senhor, pago anualmente pelos posseiros que acertavam um acordo verbal com os supostos “donos da terra”. Este era o motivo de muitos dos conflitos que havia nas comunidades rurais, em que a agricultura de subsistência e a relação de “moradia de condição<sup>201</sup>” prevaleciam.

Ao pensar Beatriz Pedro como centro desta narrativa, pode-se elaborar uma ligação entre seu engajamento no movimento e outras questões maiores. Ela se preocupava com o fato de não poder ampliar sua “posse” para aumentar a quantidade de alimentos que seriam a base de sustentação familiar. O interesse econômico dos herdeiros de Pedro Tavares era pela desapropriação das terras do Engenho Geraldo. Por isso, aumentaram gradativamente o valor do foro, para que as famílias aos poucos fossem desistindo de permanecer nas terras. Seus relatos mostram isto claramente.

---

<sup>201</sup> Para Moreira (1997), seria a moradia em propriedades rurais mediante o pagamento de parte da produção e dos lucros extraídos do local.

Eu aproveitei que estava morando só, já que José (esposo) tinha viajado para o Rio de Janeiro. Fiz o seguinte: vivia dizendo a José: “deixa de ser mole, vamos colocar aquele roçado”. E ele dizia que não estava doido não de mexer com a lei de Dr. Pedro. Só que Dr. Pedro morreu e José foi pra o Rio (risos). Então, eu pensei: “agora, vou meter a cara naquele roçado sozinho, vou embora fazer o roçado” (informação verbal<sup>202</sup>).

No contexto paraibano da segunda metade do século XX, a atitude de os homens viajarem para o Sudeste brasileiro (Rio de Janeiro e São Paulo) torna-se relativamente comum. A busca por melhores condições de vida e trabalho, além da fuga às misérias geradas pela seca e pelas desigualdades sociais dos estados nordestinos, geravam tal situação. Diante desta realidade, muitas mulheres se viam obrigadas a sustentar suas famílias, criando filhos e provendo boa parte da renda familiar, enquanto seus esposos buscavam melhores condições em lugares distantes.

Tal realidade mostrava o protagonismo das mulheres que se viam diante de situações de forte resistência e preconceito social por estarem sustentando suas famílias sozinhas. Um exemplo desta realidade está na fala de Beatriz Pedro, que, ao relatar a ida do esposo para o Rio de Janeiro e a posterior necessidade de uma tomada de decisão frente à ameaça dos herdeiros do “Engenho Geraldo”, apresenta-se como protagonista de uma luta comum a várias outras mulheres em locais diferentes na Paraíba, que em algum momento agiram de forma semelhante.

Ainda em relação a este contexto, diante da situação de morte do “dono” das terras, Beatriz Pedro viu-se no direito de fazer aquilo que pretendia há vários anos (a tão sonhada ampliação do roçado). Este ato, aparentemente simples, na verdade tornava-se comum à época entre outros moradores do Engenho Geraldo, descumprindo as antigas ordens impostas, ou mesmo no caso semelhante de Alagamar, onde a morte de Arnaldo Maroja trouxe um aumento destes atos entre os dois locais.

A tensão social no Engenho Geraldo se potencializa. Eram inúmeros casos de conflito em que o administrador da propriedade, então representante legal dos herdeiros, convocava os moradores para dar diretrizes ou chamar à atenção por descumprimentos das ordens impostas.

Foi em uma destas convocações que Beatriz narra como se inicia sua revolta, ao esclarecer que sua entrada no movimento ocorreu devido ao descontentamento por conta do que lhe foi dito.

---

<sup>202</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua decisão de plantar um roçado em terras proibidas por Pedro Tavares. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Quando eu descampei o mato, no outro dia, logo cedo, ainda com escuro, Ozório bateu na porta lá de casa. Ele era pelego de Dona Nita<sup>203</sup> e Vicente<sup>204</sup>. Foi logo me falando que Dona Nita mandou dizer que eu fosse lá na casa grande. Eu disse “vou agora mesmo”. Já estava sabendo o motivo da conversa mesmo. Deixei minhas filhas fazendo o café da manhã e fui no Engenho. Aí cheguei lá, bati palma, ela disse que ficou sabendo que eu estava botando um roçado de todo tamanho sem permissão. Perguntou com qual ordem eu estava fazendo. Eu disse: “com a ordem minha (bateu no peito), porque Dr. Pedro cansou meu esposo, com muitas vezes vindo aqui falar com ele, e ele dizia que só com a ordem dele e ele morreu e não foi lá despachar a terra pra gente trabalhar”. Então ele morreu e eu meti a cara e botei. Aí só sei que botei a metade do roçado, botei fogo, lenha à vontade. Plantei feijão, fava, milho. Quando José chegou, o roçado já estava a coisa mais linda. Só sei que fiquei na luta assim porque fui pegando raiva com este acontecimento e entrei (informação verbal<sup>205</sup>).

Paulatinamente, Beatriz se envolveu na luta, aproximando-se de Nêm Cobé, Quincas e das demais lideranças. Elas se encontravam nas novenas promovidas na comunidade. Nestes ambientes, punham-se a ouvir as falas dos/as moradores/as, muitas vezes proferidas nas “devoluções dos problemas”<sup>206</sup>. Beatriz começou a se entrosar, passando aos poucos a partilhar também suas angústias.

Dona Beatriz era quem fazia as canções das novenas. Quando ela aparecia com uma música, era maior alegria (risos), todo mundo cantando o negócio, era quase como um coro, ficava muito bonito. Animava o povo demais e fazia com que as novenas e as reuniões fossem mais frequentadas (informação verbal<sup>207</sup>).

A alegria que Beatriz Pedro trazia para os encontros e a forma de expressão artística que a acompanhava desde a infância eram elementos que ajudavam a dar corpo às ações promovidas pelo movimento, pois a arte criada por ela dava motivação ao que muitos tinham vontade de fazer, mas não a coragem: expressar suas inquietações em relação ao conflito de maneira pública. Vejo nas canções também uma forma de

---

<sup>203</sup> A senhora Maria Jovita de Brito (Dona Nita) viveu em relação estável com Pedro Tavares Cavalcante. Eles nunca se casaram nem tiveram filhos biológicos. Pedro cria dois filhos dela, oriundos de outro casamento. As leis da época não permitiam que ela tivesse direito à sua herança, mas Dona Nita herdou o capital político de Pedro Tavares, sendo mais tarde eleita vereadora no município de Alagoa Nova.

<sup>204</sup> Vicente era o administrador da propriedade. Não obtive informações sobre o seu nome completo ou paradeiro. O fato é que as quatro lideranças o citam em suas memórias.

<sup>205</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua decisão de plantar um roçado em terras proibidas por Pedro Tavares. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>206</sup> Momento em que os presentes nas novenas e reuniões diziam quais eram os problemas que enfrentavam no dia a dia e em relação à luta.

<sup>207</sup> NÊM COBÉ. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Nêm Cobé ao pesquisador sobre a militância de Beatriz Pedro. 2011. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

“devolução dos problemas”, já que eram abordados nas canções temas de acordo com o desafio enfrentado pelo movimento, a conjuntura política da época ou até mesmo os espaços reservados à mulher na sociedade daquele momento.

Sobre a “devolução dos problemas”, ela menciona que se posicionava da seguinte forma:

Quando ia começar a devolução dos problemas da comunidade, eu entoava uns versos para motivar a fé do povo. Era assim:

Meus amigos vos aconselho/ Não esquentem a cabeça/ Vamos pedir a Jesus/ que ele é nossa defesa / Quem confia em Deus não pede / Sempre alcança o que deseja (informação verbal<sup>208</sup>).

Neste momento, todos sentiam-se envolvidos e motivados a partilhar suas emoções e angústias. É assim que ela foi conquistando a amizade dentro do movimento e galgando espaços para sua escrita de si.

Mais uma vez, o elemento Amizade é evocado como forma de unificação das ações. Beatriz, de forma semelhante às suas amigas, conclama esta ação subjetiva para si como aparato para justificar o amor que constrói pelo mundo e a vontade de ajudar todos os companheiros envolvidos na causa. Para ela, estar com as companheiras era também um ato de fé, pois era o momento em que professava suas crenças no catolicismo e cultivava sentimentos amistosos por todos que a cercavam.

Comadre Quincas era tão boa para mim que a convidei para ser madrinha de uma das minhas filhas. A nossa amizade começou nos encontros e nas novenas no Engenho Geraldo. Foi lá também que peguei amizade com Dona Nêm Cobé e Lourdes Paulino (informação verbal<sup>209</sup>).

A cada encontro que elas realizavam, a amizade era fortalecida em torno da causa política que protagonizavam. Entretanto, este não era o único fator de fortalecimento desta relação. Entre elas, havia em comum o amor pelo mundo e o desejo de pertença que as unia ao movimento e incorporava nas quatro mulheres o companheirismo como elemento de coesão da luta.

---

<sup>208</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>209</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua amizade com Quincas, Nêm Cobé e Lourdes Paulino. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Era muito bom estar junto das companheiras. Elas davam forças para começar a lutar e para defender meus direitos. A gente era muito amiga. Comadre Nêm Cobé e as meninas dela andavam com a gente. Comadre Quincas também. Eu rezava novena com elas. Tirar a novena mesmo eu não tirava só, pois meus estudos eram poucos (informação verbal<sup>210</sup>).

Ao analisar as falas de Beatriz, é possível perceber que sua decisão de entrada no movimento não ocorreu de maneira repentina, mas obedeceu a um processo de engajamento que muito tem a ver com a relação fortalecida a cada encontro com as companheiras. Ao observar em suas falas as formas de tratamento com as demais participantes da luta, quando Beatriz Pedro chama Nêm e Quincas de comadres, ela reafirma quão forte é o companheirismo que se enredava naquele momento histórico e, em termos mais profundos, como era necessária esta relação para fortalecê-las perante as opressões que recebiam em grande parte pelo fato de serem mulheres e líderes de um movimento de tanta importância.

A liberdade de partilhar sentimentos em público e conviver com suas “comadres” companheiras de luta faz presente o elemento amizade na construção subjetiva de Beatriz. Sua escrita de si entrelaça-se com a das demais lideranças, tornando-se ponto de intersecção para a história de vida destas quatro protagonistas.

### 3.2 O canto de fé e a graça da terra conquistada

Falar das memórias de Beatriz é pensar em grande medida o quanto a influência religiosa lhe acompanhou no decorrer de sua vida. Ela sempre buscou em seus preceitos religiosos a influência para sustentar a atuação no movimento. Para ela, cada vez que se punha a participar das ações na comunidade, era antes de tudo uma missão religiosa: “[...] Participei do movimento porque achava que era meu dever de cristã também ajudar os mais necessitados” (informação verbal<sup>211</sup>). É importante perceber que a religiosidade irá acompanhá-la por toda a vida, influenciando suas ações e a própria construção de si, projetando-se no meio social em que ela se coloca como liderança.

A Teologia da Libertação foi um movimento político/filosófico de setores da Igreja Católica que surgiu fortemente na década de 1970, a partir de leituras mais

---

<sup>210</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre seus laços de amizade com as lideranças do movimento. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>211</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua atuação como liderança no movimento. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

progressista dos seus dogmas. O movimento pregava uma aproximação da Igreja para com aqueles mais necessitados (pobres, negros, mulheres, trabalhadores do campo, quilombolas, indígenas etc.). Para tanto, passou a promover ações sociais de melhoria da qualidade de vida e aprofundamento dos preceitos religiosos. Esta teologia ficou fortemente conhecida no contexto sul-americano pelas bandeiras de luta contra os regimes autoritários que aqui se instauraram neste período.

A Teologia da Libertação, como movimento intelectual na experiência católica, possui como fundamentação teórica elementos oriundos do desejo de um retorno às origens do cristianismo e um diálogo com o marxismo. Nos escritos da maioria dos teólogos latino-americanos podemos perceber uma preocupação não só com questões religiosas, mas também sociais e políticas (PEREIRA, 2012, p. 109).

A influência sobretudo de vertentes políticas de esquerda, para Pereira (2012), são a base da sustentação dos pensamentos da Teologia da Libertação, pois foram eles que alimentaram o engajamento de vários religiosos que, com pensamentos de valorização do social, passaram a atuar nas comunidades urbanas e rurais por todo o território brasileiro.

Vale salientar que esta linha de pensamento filosófico foi responsável por uma série de disputas ideológicas entre setores da própria Igreja, os ditos conservadores (mais “tradicionais”, ligados às elites), e os progressistas (ligados aos trabalhos sociais). Esta disputa repercutia para além dos muros institucionais, alcançando ligações políticas com o Estado autoritário brasileiro à época. Os primeiros apoiaram em grande medida o regime civil/militar, enquanto o segundo grupo buscou uma postura de resistência e de apoio aos movimentos sociais que surgiam no período.

Para Pereira (2012), a década de 1970 é marcada por uma mudança de postura política de grande parte da Igreja. Alguns não mais apoiavam o regime militar. Conhecidos como progressistas, esses grupos assumiam uma postura de contestação dos crimes e percepções promovidas pelo Estado. Tais religiosos ganham maior representatividade com o processo ocasionado pela Conferência de Medellín (1968), ocasião em que foi assinado o documento final do Concílio Vaticano II.

A mudança doutrinária da Igreja Católica trouxe como consequência o fortalecimento da postura anti-ditatorial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), órgão de cunho político-institucional que congrega os Bispos da Igreja Católica no país. A mudança permitiu que movimentos institucionais apoiados pela Igreja ganhassem força neste período. Algumas ações que já existiam, tais como a Ação Popular (AP) e Juventude Agrária Católica (JAC), ganham novos aparatos políticos, ao passo que

outros novos movimentos irão surgir, a exemplo da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

A Igreja Católica permanecera nesta linha, linha esta que poderíamos aqui chamar de “conservadora” até início dos anos 1950, quando se dá no Brasil o aparecimento de alguns movimentos de cunho social que têm sua origem dentro da Igreja Católica e surgem através de um modelo evangelizador que ficou conhecido como “Ação Católica”. Movimentos estes que ficaram conhecidos como, JIC (Juventude Independente Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JOC (Juventude Operária Católica), SAC (Senhoras da Ação Católica), os BENJAMINS (Crianças da Ação Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica), todos tinham como pano de fundo a atuação de cunho social (PRADO, 2012, p. 03).

Perceber a influência religiosa sobre Beatriz e suas companheiras é sobremaneira um exercício que possibilita traçar pontes entre o engajamento político realizado por elas na década de 1970 e a atuação destes grupos da Igreja junto às diversas comunidades de camponeses no Brasil. O Movimento de Evangelização Rural (MER) teve muita influência na comunidade Engenho Geraldo, ajudando os moradores a traçar estratégias de luta contra as iminentes ameaças de despejo e ensinando-lhes meios para a defesa de direitos que lhes eram garantidos.

As memórias de Nêm Cobé se comportam de forma similar, quando apresenta os “Roteiros do Método” (método utilizado pelos movimentos de base criados pelo MER) e as “Devoluções dos Problemas” como mecanismo criado dentro da comunidade para melhor sensibilização dos demais moradores da comunidade. Beatriz traz pensamentos semelhantes, mostrando como foi forte a influência destes grupos de religiosos na orientação das lideranças dos/as trabalhadores/as do campo para a formação de movimentos sociais.

No movimento do Engenho Geraldo, quem orientava a gente era o padre Cristiano e tinha uma outra pessoa que nem me lembro direito o nome. Tinha também Tereza Braga, que era a advogada da Comissão Justiça e Paz, que dava força à gente na luta. Agora, lá da nossa tropa mesmo, os líderes eram eu, Nequinho, Maria Neuza, esposa dele, Quincas, Nem Cobé. Eu lembro que a gente fez até uma cruz bem grande e saiu rezando na casa do povo e o pessoal andando com a cruz nas costas e a luta era toda assim. A gente na luta fazia um discurso bem grande de devolução dos problemas na casa do povo. Fazíamos isto em todo canto (informação verbal<sup>212</sup>).

---

<sup>212</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua atuação como liderança no movimento. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

As questões que envolvem a ligação de grupos que incentivam e assessoram a formação de movimentos sociais e os atores sociais que encabeçam sua formação é uma relação muito próxima, no sentido defendido por Gohn (1997), quando se propõe a traçar uma teoria sobre os movimentos sociais na América Latina e no Brasil. Nestes seus pensamentos, ela afirma que os atos humanos são organizados a partir da necessidade de uma demanda social, reivindicação ou promoção de direitos. Estes movimentos sugerem uma análise a partir de dois ângulos: o interno, organizado a partir das demandas do grupo que o criou, e o externo, percebido a partir das assessorias que os apoiam.

O estudo dos movimentos sociais deve considerar dois ângulos básicos: o interno e o externo. Eles são conectados e um é a face do outro. As duas faces compõem uma visão de totalidade dos diversos grupos; internamente eles constroem repertórios de demandas segundo certos valores, crenças, ideologias etc. e organizam as estratégias de ação que os projetam para o exterior [...] No interno deve-se pesquisar sua ideologia seu projeto, sua organização e suas práticas. Externamente deve-se considerar o contexto do cenário sociopolítico em que se insere seus opositores (quando existirem), as articulações e redes e redes externas construídas por lideranças e militantes em modo geral (GOHN, 1997, p. 255).

As influências externas e as assessorias de representantes da Igreja afetarão fortemente o modo como Beatriz vê o mundo. Ela começa a buscar aparatos para se fortalecer dentro do movimento e construir para si uma imagem que a colocasse como uma pessoa influente dentro da comunidade. Nesse ponto, sua arte passa a ser a melhor forma encontrada para impor suas ações sobre os demais moradores da comunidade. O ato de cantar nas novenas e de improvisar versos torna-se um hábito corriqueiro e a acompanha em vários momentos.

O povo gostava das cantinas da Igreja que eu entoava e também das que eu inventava. Eles acham animado e isto foi fazendo com que eu fosse convidada para participar das rezas no Engenho Geraldo e depois das reuniões e dos movimentos que a gente fazia lá e fora de lá também (informação verbal<sup>213</sup>).

No início, as rezas eram acompanhadas por cânticos tradicionais da Igreja. Eles ajudam a tornar as novenas mais animadas. Com o passar do tempo e o aprofundamento

---

<sup>213</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre o papel de suas canções dentro e fora do movimento. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

das relações, foi objetivado o engajamento dos membros da comunidade para a luta em prol da obtenção dos direitos à terra. Dona Betriz começa a usar de forma pedagógica canções que eram compostas e distribuídas pelo Movimento de Evangelização Rural (MER).

As canções do MER estão compiladas em um livro intitulado *O Povo que canta*<sup>214</sup>. Trata-se de canções de forte engajamento político, utilizadas para sensibilizar a população sobre questões relacionadas à reivindicação de direitos, contestação às ordens políticas vigentes e até mesmo instrução sobre legislações.

**Nossos direitos vêm, nossos direitos vêm/Se não vêm nossos direitos o Brasil perde também (bis)**

Confiando em Cristo Rei, que nasceu lá em Belém/ e morreu crucificado por que nos queria bem/conformado em seu amor se reclama até doutor/mas nossos direitos vêm.

Quem nega nossos direitos será negado também / e já chega de promessas, sem cumprir para ninguém/mas com os irmãos unidos o mundo muda o sentido e nossos direitos vêm.

Só por que tens muita terra e tens gado com fartura/ tu negas o teu irmão este pobre sem figura/cuidado com teu mistério, um dia o cemitério /nossas carnes se misturam...

A cova e tua morada o verme teu companheiro/ a vida desaparece para lá não serve dinheiro/quero ver tua defesa onde está tua riqueza que comprava o mundo inteiro?

Pra lá tu não levas nada nem dinheiro/ nem carro nem partido nem pacote arrumado/ Lá tu tiras esta máscara só leva terra na cara E tal o resultado.

Tu sabes que a morte é justa, vem toda de uma vez/passa um visto nos teus crimes qual o dia não sei/mas tu pagarás dobrado não existe advogado/que te defenda na lei...

Que termino pedindo a nosso pai soberano/ que fez o céu a terra sem cometer engano/ olha teu santo universo cheio de coração perverso/que nega os direitos humanos <sup>215</sup>.

O efeito pedagógico que estas músicas exerciam sobre os moradores da comunidade era muito evidente. Beatriz sabia disto, tanto que, as utilizava de maneira constante para fortalecer seu discurso e para enaltecer a importância simbólica da união

<sup>214</sup> Maria do Céu guarda um exemplar desta publicação, no entanto este não possui ficha catalográfica e nem capa original devido ao avançado estado de deterioração. Deste modo, a única informação que consegui obter sobre o nome do livro foi dada por ela, que o chama de “O Povo que canta”.

<sup>215</sup> *O povo que canta*, canção 484. Acervo pessoal de Maria do Céu Cobé.

de todos em prol da luta. Ao se analisar o trecho acima tornam-se evidentes os caminhos ideológicos seguidos pelo MER e pelas líderes da comunidade. O menosprezo dos “ricos” em relação aos “pobres”, a concentração de terras, a luta em defesa dos direitos humanos são elementos apresentados nos versos acima que eram constantemente ligados ao discurso religioso.

Tornava-se quase que indissociável pensar a atuação das líderes no movimento sem refletir sobre o quão era importante para elas a força da fé. Claro que isto não as isolava de outros fatores subjetivos e/ou de ordem social, mas é recorrente nas memórias das quatro o “poder da fé” na obtenção de seus objetivos.

Após estas canções serem entoadas e o evangelho ser partilhado entre os presentes nas reuniões e encontros, a devolução dos problemas se tornava mais elucidativa uma vez que muito já se tinha de bagagem de informações trazidas pelas canções.

**De repente nossa vista clareou, clareou, clareou, / E descobrimos que o pobre tem valor, tem valor, tem valor.**  
 Nós descobrimos o valor da união/ que é arma poderosa e derruba até dragão/ e já descobrimos que a riqueza do patrão/ e o poder dos governantes/ passa pela nossa mão [...] <sup>216</sup>.

Era evidente que as canções revelavam um horizonte de lutas passível de ser reivindicado por aqueles que estavam presentes nos encontros. Elas ampliavam a visão de mundo dos trabalhadores da comunidade para questões que lhes eram comuns, tais como a falta de terras para plantar, o controle sobre a construção de novas moradias, a proibição do plantio de alimentos que não eram do interesse dos “donos da terra”. Por outro lado, elas apresentavam um contexto social maior. Por exemplo, quando é citado que a união é poderosa e derruba até o “Dragão”, esta última palavra é utilizada de forma metafórica para designar tanto os donos da terra quanto os governantes locais, além do próprio sistema político brasileiro do período.

Foucault (1999), em sua aula inaugural no Collège de France, em 1970, ao falar que a construção do discurso parte de uma intencionalidade e de um lugar de interesse que exige dos ouvintes uma reação de controle, pondera que este mesmo discurso é ressignificado pelas relações de poder que existem entre os indivíduos. Desta feita, vejo o discurso do MER como uma intencionalidade política de evangelização das massas para

---

<sup>216</sup> *O povo que canta*, canção 477. Acervo pessoal de Maria do Céu Cobé.

um olhar social da Igreja. Outrossim, também é perceptível que Beatriz e suas companheiras o ressignificam de modo a atender às suas necessidades e demandas locais.

Suponho que toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjugar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua passada temível materialidade (FOUCAULT, 1999, p. 21).

A evocação de ideais democráticos em pauta na luta política de vários movimentos sociais daquele momento se tornava evidente em diversas canções de Beatriz Pedro, bem como a própria valorização do trabalho da Igreja ao lado do povo como solução para uma renovação dos dogmas de fé.

Quanto mais eu cantava, mais o pessoal se agradava das músicas das novenas. Eu só estudei até o segundo ano primário, mas tinha muita memória. Isso ajudava a decorar os cânticos. Eu também sabia fazer a ladainha bem direitinho. Isso ajudava nas novenas que comadre Nêm puxava (informação verbal<sup>217</sup>).

A empolgação com as canções foram aumentando a cada dia, assim como o próprio desenrolar dos acontecimentos da luta. Também é interessante perceber que o conflito se tornava gradativamente mais latente e também as articulações das lideranças começaram a aumentar. Outras pessoas ingressam no movimento e passam a assumir funções de liderança. Nesse sentido, o movimento do Engenho Geraldo ganha cada vez mais força e as apresentações de Beatriz passam a ser organizadas em público.

Ela começa a compor canções para os momentos de protesto, as quais eram ensaiadas e organizadas para serem cantadas na comunidade nos atos públicos. Tais canções passaram a ser as marcas da escrita de si de Beatriz e foram emblemáticas de alguns dos momentos de maior tensão na comunidade. A “queda das cercas”, episódio em que os moradores se uniram para derrubar um cercado e assim ampliar a quantidade de pessoas que poderiam morar no território, é um exemplo dessas ocorrências.

A “prisão dos posseiros”, momento da luta em que quatro trabalhadores foram presos por tirar lenha na mata sem permissão levou toda a comunidade a se mobilizar num protesto em razão da soltura destes trabalhadores. Outro momento digno de nota foi

---

<sup>217</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre o papel das canções religiosas dentro do movimento. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

a “expulsão de Vicente”, o administrador da propriedade, que era o representante legal dos herdeiros de Pedro Tavares e conhecido pelos maus tratos com os moradores. Por fim, a tão sonhada obtenção dos lotes de terra e a divisão da propriedade pelo INCRA foi uma ocasião de intensa alegria na comunidade.

### **3.3 A “derrubada das cercas” e a prisão dos posseiros: atos públicos e resistência política**

Os atos públicos passaram a ser organizados depois de um certo tempo no movimento, com o intuito de intensificar as ações: “[...] a gente começou a fazer protesto em público depois que saiu o decreto do governo dizendo que a terra era da gente” (informação verbal<sup>218</sup>). Tais eventos se tornaram corriqueiros na comunidade Engenho Geraldo e deixaram claro que, na verdade, a luta a cada dia ganhava mais força, tornando-se algo que a coletividade abraçava como parte de sua identidade.

Com o desenrolar dos acontecimentos, o ato que primeiro evidenciou a mudança de articulação do movimento foi a “derrubada das cercas”. Este talvez tenha sido o que mais representou um marco na memória coletiva da comunidade.

Após a morte de Pedro Tavares, seus herdeiros indicam um administrador para a propriedade, Vicente Ataíde de Araújo<sup>219</sup>. Por não ser natural da comunidade e obedecendo as determinações dos sobrinhos de Pedro Tavares de Melo Cavalcante com muita perspicácia, Vicente começa a promover tensões que viriam a acirrar os conflitos e as insatisfações na comunidade. Este processo acontece por ele ter passado a deter as funções de determinar o quanto e quando cada posseiro poderia plantar nas terras. Isto gerava muito desconforto entre os moradores, além do fato de ele ter como parte do pagamento aos serviços prestados aos herdeiros um grande lote de terras, no qual criava gado.

Em meados de 1982, após a articulação política entre a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Comissão de Justiça e Paz, os moradores do Engenho Geraldo conseguiram que o Congresso Nacional aprovasse e o então Presidente da República, João Figueiredo, assinasse o Decreto-lei n. 87.456, que instruía a terra de interesse coletivo. Através deste dispositivo legal, a força do movimento deixava os bastidores e

---

<sup>218</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>219</sup> Conhecido popularmente como “Vicente”, as quatro líderes o citaram como o administrador e principal articulador das ações dos proprietários da terra contra os moradores da comunidade.

ganhava visibilidade, porquanto era preciso organizar-se para que a lei não ficasse só no papel.

Art. 1º. É declarado de interesse social, para fins de desapropriação, nos termos dos arts. 18, letras “a”, “b”, “c” e “d”, e 20, itens I e V, da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, e do art. 3º, letra “a”, do Decreto-lei nº 1.179, de 6 de julho de 1971, o imóvel rural denominado “Engenho Geraldo”, com a área de 2.300 ha, situado no Município de Alagoa Nova, no Estado da Paraíba (BRASIL, 1982, art. 1).

Era preciso demarcar forças para o movimento. Não bastava mais aos militantes atual às escondidas, disfarçando através de novenas e encontros religiosos as reuniões e a articulação da comunidade. Foi assim que as lideranças resolveram tomar uma ação política mais incisiva. Reuniram as diversas famílias e planejaram a derrubada das cercas do terreno onde Vicente criava gado.

Outro motivo desta ação era o assentamento de 12 famílias que não tinham onde morar, e assim garantir que, na divisão das terras que viesse a acontecer, o administrador não tivesse direitos sobre a terra.

Beatriz preparou uma canção para ser o mote do protesto que se organizava. Era preciso mobilizar todos para que o ato se tornasse visível para as autoridades locais e pelos supostos “herdeiros da terra”. Reuniões foram organizadas nas diversas localidades do Engenho, nas quais já eram transmitidas as informações de como seria a ação.

A ideia era mobilizar uma multidão que ainda durante a madrugada marcharia com ferramentas em punho (enxadas e foices) para derrubar a cerca e depois retornar a sede do Engenho com estacas e arrames nas mãos, sendo o gado sendo tangido à frente de todos. Assim, a canção “Tange Boiada” é composta:

Venha, venha vem tirar sua boiada / Seu Vicente venha logo receber /  
É bem pouquinho, é dez cabeça, é quase nada / Tem muita gente, mais  
não bole com você.

Venha, seu Vicente, receber o seu gado. / Que o povo quer trabalhar lá  
no cercado.

Cortando arame, arrancando estaca, quebrando cerca / É muita gente  
trabalhando em mutirão / Os carros passam na estrada e param no meio  
/ Tudo abismado com a nossa união.

Venha, seu Vicente, receber o seu gado / Que povo quer trabalhar lá no  
cercado (BEATRIZ PEDRO, 2014).

A sátira feita por Beatriz quando canta “É bem pouquinho, é dez cabeça, é quase nada / Tem muita gente, mais não bole com você” revela o objetivo político de demarcar a força do movimento frente à autoridade do administrador da propriedade. O protesto pela retirada do gado do cercado foi bastante simbólico para Beatriz. Ela descreve este episódio da seguinte forma:

Primeiramente, a gente foi derrubar um cercado que tinha, para podermos colocar 12 famílias na terra do... Então, conversamos com o povo nas comunidades e combinamos para irmos tirar as estacas todinhas. Tiramos e enrolamos o arame, pegamos o gado de Vicente que estava lá, fomos levar na casa dele, que era a casa grande do engenho. Aí, neste movimento todo, eu fiz a musiquinha *Tange Boiada* para tirar o movimento (informação verbal<sup>220</sup>).

Vicente havia recebido dos “herdeiros” um grande lote de terra para criar animais. Isto fazia parte do pagamento por administrar a propriedade. No entanto, após a liberação da propriedade para fins de reforma agrária pelo Decreto n. 87.456, era estratégico para o movimento estabelecer o máximo de famílias possível nos lotes de terra, pois assim conseguiria mais representatividade na batalha que ainda se instalaria pelo início das medições e divisões da propriedade pelo INCRA. “O objetivo da derrubada da cerca era colocar o povo para morar e tomar a terra de vez de Vicente” (informação verbal<sup>221</sup>).

O dom artístico de Beatriz faz de suas canções verdadeiros retalhos de memória. Uma paisagem que emociona quem as escuta, pois, para além da crítica à condição social em que viviam, as canções apresentavam aspectos subjetivos de sua visão de mundo, uma vez que, através delas, Beatriz registra o que percebe visualmente dos momentos em que os atos eram organizados, a exemplo da narrativa em torno da percepção dos presentes sobre o ato.

Com este ato, sua articulação de liderança do movimento ganha mais força, como também a relação de confiança dos participantes com as quatro se intensifica. Beatriz e suas companheiras mostram-se cada vez mais preocupadas com o outro. Este outro é, na verdade, uma repercussão do cuidado de si, que todas elas alimentam a cada amadurecimento de suas subjetividades.

Ortega (1999), ao investigar a obra de Foucault em sua análise sobre o cuidado de si, mostra que tal característica do aparato subjetivo humano está ligada diretamente à

---

<sup>220</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>221</sup> Idem.

relação entre o eu e o outro. Quando Beatriz se lança a uma movimentação para ajudar os/as seus/suas companheiros/as da comunidade, ela está fortalecendo a sua relação pessoal com o mundo e consigo mesma.

A relação com o outro aparece como uma dupla relação consigo mesmo. Cuidado de si como condição do cuidado com os outros, como um movimento de si para o outro. Neste caso a relação com o outro aparece em um segundo lugar, após o estabelecimento da relação consigo mesmo (embora esta seja também orientada intersubjetivamente para o cuidado dos outros) [...] não se pode dizer que o grego que cuida de si deva cuidado primeiro dos outros[...] não se pode colocar o cuidado dos outros diante do cuidado de si, de uma perspectiva ética o cuidado de si aparece em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo está ontologicamente em primeiro lugar (ORTEGA, 1999, p. 128).

É claro que a característica primaz do ser humano é o cuidado de si, que nos acompanha desde a gênese de nossa espécie. Todavia, não vivemos sem o outro. Precisamos do contato, do estranhamento e da empatia para nos enriquecermos subjetivamente. Destarte, o cuidado com o outro que Beatriz demonstra pelos companheiros da comunidade é também um alimento para o cuidado de si.

Beatriz rememora a canção em que fez uma sátira à situação vivida pelo administrador da fazenda. Para ela, esta canção celebrava a alegria da multidão por ter conseguido lograr êxito na tão sonhada empreitada: o fato de que o gado estava sendo tangido pela multidão (aproximadamente 300 pessoas), que cantavam em coro.

A música *Tange Boiada*, composta por Beatriz, é, na verdade, uma paródia da canção “Boiadeiro”, interpretada por Luiz Gonzaga. Este recurso poético, de certo modo, tornava a canção mais acessível ao povo, que poderia acompanhá-la com facilidade. Então, onde lia-se:

### **Boiadeiro**

Vai boiadeiro que a noite já vem  
 Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem  
 De manhazinha quando eu sigo pela estrada  
 Minha boiada pra invernada eu vou levar  
 São dez cabeça é muito pouco é quase nada mas não tem outras mais bonitas no lugar  
 Vai boiadeiro que o dia já vem  
 Levo o teu gado e vai pensando no teu bem  
 De tardezinha quando eu venho pela estrada  
 A fiarada ta todinha a me esperar  
 São dez fiinho é muito pouco é quase nada mas não tem outros mais bonitos no lugar

Vai boiadeiro que a tarde já vem  
 Leva o teu gado e vai pensando no teu bem  
 E quando eu chego na cancela da morada  
 Minha Rosinha vem correndo me abraçar  
 É pequenina é miudinha é quase nada mas não tem outra mais bonita  
 no lugar  
 Vai boiadeiro que a noite já vem  
 Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem.

Na interpretação satírica de Beatriz Pedro, ficou:

De manhazinha vou tirar sua boiada / Seu Vicente, venha logo receber  
 É bem pouquinha, é dez cabeça / é quase nada / Tem muita gente, mais  
 não bole com você.

Venha seu Vicente, receber o seu gado / Que o povo quer trabalhar lá  
 no cercado<sup>222</sup>.

A canção foi entoada em marcha até a casa grande do Engenho Geraldo, local onde Vicente morava com sua família. O objetivo deste ato político no “terreiro”<sup>223</sup> foi chamar a atenção para a dimensão que o movimento tomava. Naquele instante, o ambiente era propício para que Beatriz utilizasse sua arte para mobilizar a massa de camponeses/as que estavam presentes.

A voz aguda se fazia ouvir por todos. Eram dezenas os que naquele dia deixaram seus afazeres para ocupar, em marcha, o terreiro da casa grande em um ato simbólico de união em prol da causa. Para além do interesse individual, o que estava em jogo era a união e o sentimento de partilha. “No dia da derrubada da cerca, era bonito ver o povo tangendo o gado e Dona Beatriz cantando as músicas para animar a gente” (informação verbal<sup>224</sup>).

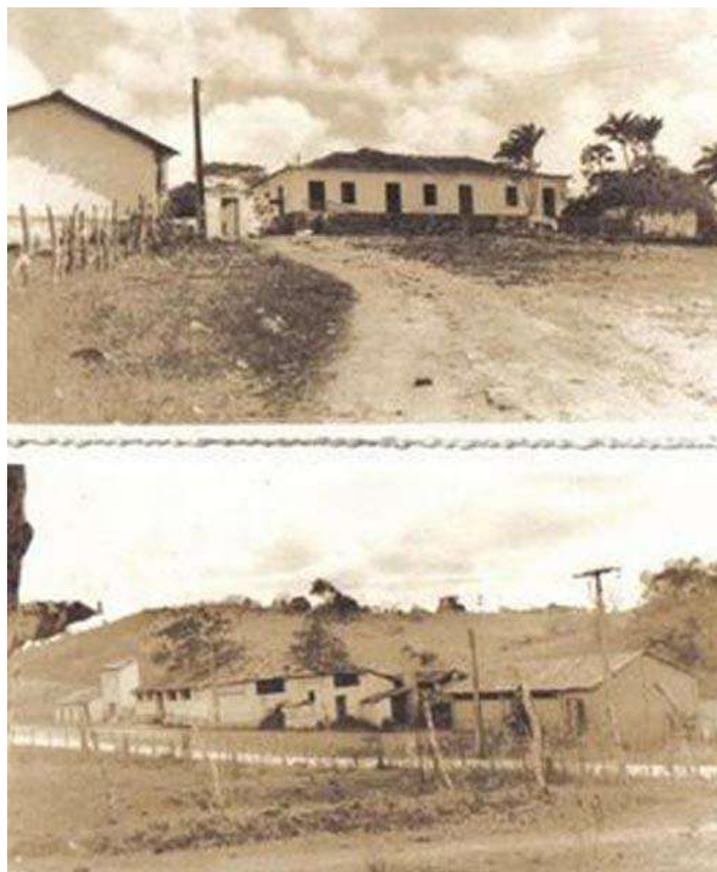
---

<sup>222</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>223</sup> Terreno descampado que circunda as casas grandes dos engenhos de cana-de-açúcar.

<sup>224</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

**FIGURA 8:** Casa grande e engenho da propriedade Engenho Geraldo (1970)<sup>225</sup>.



**Fonte:** Acervo pessoal de Luiz Avelina.

Estas eram atitudes cujo relato trazia para Beatriz imensa alegria. Lembro-me de seu sorriso ao narrar como era bonito ver a multidão cantando em coro a música que ela compusera e ao mesmo tempo ter a certeza de que o objetivo planejado havia sido alcançado com êxito.

Fizemos aquela luta toda. Era gente para mais de 300 pessoas. O pessoal passava e ficava de fila de carro olhando para gente (risadas), olhando a nossa luta. Armemos isto tudo num dia só. Aí, fomos embora, todos caminhando com enxadas e foices na mão. Depois, nós fomos levar o gado para Vicente. Ele desceu lá de cima do casarão com uma cara (Expressão com os braços e sorriso) deste tamanho, e eu cantando a musiquinha e o povo acompanhando (informação verbal<sup>226</sup>).

<sup>225</sup> As imagens mostram a parte frontal da sede do Engenho Geraldo. À frente da casa grande, estava o engenho de cana-de-açúcar, representado na segunda imagem.

<sup>226</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Outro episódio de grande significado no Engenho Geraldo foi a prisão dos quatro posseiros por não obedecerem à ordem do administrador (Vicente) para não retirarem madeira nas matas da propriedade. Esta determinação, por sua vez, estaria em consonância com a determinação dos herdeiros para garantir em primeira instância a gradativa expulsão dos moradores da comunidade.

Para que a terra fosse utilizada na produção de cana-de-açúcar, os herdeiros começaram a dificultar a vida dos moradores da comunidade. O objetivo era, aos poucos, esvaziar todo o território para que fosse iniciado na propriedade este negócio lucrativo para a época.

É necessário lembrar que a década de 1970, devido aos incentivos fiscais do Governo Federal e ao Programa Nacional do Álcool (PROÁLCOOL), foi marcada por intensos conflitos de terra na Paraíba, principalmente nas regiões onde eram mais valorizadas. Silva (2000) aponta este período como sendo uma década decisiva para a formação e consolidação de movimentos sociais do campo, tais como o do Engenho Geraldo.

Após o golpe militar e com a proposta de modernização da agricultura através de incentivos fiscais e de crédito, que foram desigualmente distribuídas, sendo mais intenso no sudeste, a Paraíba reorganizou sua estrutura agrária através do reforço das atividades canavieira e pecuária desencadeando graves efeitos sociais e econômicos, com o aumento da concentração de renda e também dos conflitos no campo. O setor canavieiro beneficiado com o Programa Nacional do Álcool – PROÁLCOOL, criado em 1975 adquiriu novas maquinarias além da utilização de fertilizantes e produtos químicos e na ampliação de suas usinas e destilarias. Já o setor pecuário melhorou suas pastagens, disseminou o uso de rações industriais e etc., que elevou o aumento do rebanho bovino (SILVA, 2000, p. 01).

Diante da situação de opressão e de tensão social, os moradores da comunidade organizam-se, de modo que, se algum conflito de caráter mais agressivo viesse a acontecer, alguma providência seria tomada por parte do movimento. Partindo deste pressuposto, nas reuniões foi organizado e acertado que, se algum morador fosse preso por consequência de perseguição política promovida pelos “donos da terra” ou por Vicente, o primeiro que visse o ato deveria avisar a toda a comunidade com fogos de artifício.

Após a tomada do cercado de Vicente, certo dia, quatro homens<sup>227</sup> foram à “mata do urubu”<sup>228</sup> à procura de madeira para o término das moradias que seriam construídas no local. A esta altura, a tensão social que se instalava na comunidade era muito forte. De um lado, os moradores queriam ganhar mais força e impor-se perante os “donos da terra”; do outro, Vicente estava acuado diante das ações organizadas pelo movimento.

Vicente já havia articulado com a polícia local que, se algum morador fosse pegar lenha na mata, seria preso por furto. Tudo estava pronto para que a vingança pela soltura do gado fosse efetuada. Do outro lado, todos os moradores estavam devidamente avisados para que, se alguém fosse preso, todos marchariam em defesa do indivíduo.

É importante salientar que a tensão no Engenho Geraldo era observada pelas instâncias federais. O Serviço Nacional de Inteligência (SNI), agência Recife, já acompanhava as ações acontecidas na comunidade, e em 1980 emitiu um relatório especial de informações para analisar as áreas de tensão fundiária na Paraíba, especificamente a Fazenda Sítio, em Dona Inês, e no Engenho Geraldo, em Alagoa Nova.

No ponto oitavo do relatório, ao abordar a situação de tensão social existente na comunidade, ele traz a seguinte informação:

No momento não existe tensão social declarada, tendo em vista a posição de condescendência dos proprietários em relação aos moradores, dando-lhes liberdade de plantar qualquer tipo de cultura sem limites de área. Entretanto, esta atitude dos proprietários não vem sendo entendida pelos moradores que por vezes tendem a descumprir determinações dos proprietários<sup>229</sup> (COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO ESTADO DA PARAÍBA, 1980, p. 04).

Algumas problematizações devem ser feitas em relação ao enunciado deste documento. O primeiro aspecto é uma clara tendência à culpabilização dos agricultores, quando o documento cita que a paz social só é abalada quando os posseiros descumprem as determinações dos proprietários. Cabe lembrar que, conforme anteriormente citado por Beatriz, sua entrada no conflito se deu devido a insatisfações por não poder plantar o que desejava nas terras próximas à sua casa.

---

<sup>227</sup> Não consegui obter a informação de quem seriam os quatro trabalhadores presos, pois nenhuma das quatro líderes o recordava e também pelo fato de não existir nenhum registro oficial da prisão deles.

<sup>228</sup> Área de reserva ambiental (60 ha) pertencente ao Engenho Geraldo.

<sup>229</sup> Serviço nacional de informações, agência Recife, 18 de novembro de 1980. Documento confidencial: relatório especial de informações n. 3696/119/ARE/80.

Além disso, desponta o aspecto relacionado à cobrança de dívidas em atraso por parte dos donos e também o gradativo aumento do foro, como será citado mais adiante no documento.

Existe uma ação na justiça de consignação em pagamento envolvendo 188 agricultores, cujo mandato de citação foi expedido pelo juiz direito de Alagoa Nova, determinando aos proprietários que aceitem o foro de Crs 150,00 (cento e cinquenta cruzeiros) depositado pelos agricultores em cartório, em razão do ano aceite do aumento proposto pelos proprietários de Crs 50,00 (cinquenta Cruzeiros) por hectare de área cultivada (SNI, 1980, p. 4)

Por parte dos moradores, havia a clara percepção de que o aumento do foro era, na verdade, uma estratégia dos proprietários para a gradativa expulsão deles.

Segundo dados colhidos junto a alguns agricultores, os problemas existentes no imóvel são decorrentes do aumento do foro. Os proprietários já pretendem vender o imóvel, entretanto, devido ao elevado número de moradores, não encontraram compradores. Os proprietários pretendem em futuro próximo um projeto agropecuário, com formação de pastagens e plantio de cana (COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO ESTADO DA PARAÍBA, 1980, p. 04).

Era uma questão de tempo para que os proprietários conseguissem expulsar a maioria dos posseiros. Logo, as ações e a organização do movimento foram de vital importância. Assim, a estratégia de todos saírem em defesa de quem fosse preso ou perseguido pelas forças repressivas era a melhor maneira que os moradores encontraram para defender seus interesses.

A prisão dos trabalhadores aconteceu de manhã cedo. A polícia estava de tocaia dentro da mata, esperando o primeiro que fosse retirar lenha. Era questão de tempo para que algum trabalhador fosse preso. Quincas descreve da seguinte maneira o dia do acontecimento:

Estive presente no dia que prenderam os homens. Vicente, por ordem dos donos, não queria que o povo consertasse as casas de taipa porque a meta deles era tirar o povo aos poucos. Eu sei que a casa de um posseiro estava precisando de madeira. Então, tomamos a decisão com o povo, em uma das reuniões, que quando fosse na segunda-feira íamos tirar madeira na mata para consertar a casa. Isso juntou muita gente, tinha mais de 100 homens nesta casa. Sei que foram na mata e ajeitaram a casa e fizeram a casa. Mas faltou uns paus para colocar no outro dia.

Aí, disseram: “vai um grupo de homens tirar estes paus na mata”. Mas deixa que Vicente já tinha denunciado à polícia e ela já estava dentro da mata. Nisso, os meninos foram buscar a madeira. Aí, foram presos porque não sabiam que os policiais estavam lá (informação verbal<sup>230</sup>).

Quando os homens foram presos, já havia um protesto combinado. O sinal a ser dado seria o disparo de fogos de artifício.

A nossa decisão era que, quando prendessem um dos nossos, iríamos todo mundo ser avisados pelos/através de foguetões<sup>231</sup>, para o povo se reunir para soltar os presos. Nos reunimos e saímos marchando até o sindicato para usar o sindicato para chamar a advogada da Comissão de Justiça e Paz, que era Tereza Braga, que era para soltar e o advogado do sindicato. Eu sei que foi todo mundo a pé, de carro, de todo jeito. E nas estradas o povo ia indo. Aí sei que quanto foi umas cinco horas da tarde, já tinha mais de 500 pessoas e veio juiz, promotor, tudo olhar a gente. Aí sei que o juiz viu o povo todinho, disse: “não vão pra cadeia não, que os soldados estão lá com tanto medo se vocês chegarem lá, eles vão atirar e capaz de matar um, eu vou mandar soltar logo” e aí soltou os homens (informação verbal<sup>232</sup>).

Para este ato político, Beatriz lembra que compôs uma outra canção a ser cantada por todos, na espera de uma decisão das autoridades quanto à soltura dos trabalhadores:

Quando o coronel chegar, / Que juntar a cabroeira. / Todos gritem com bem força / A frente da bagaceira. / Só me obriga a sujeição, se assinar minha carteira.  
Se pagar o atrasado. / Desde quando eu comecei / Derramei tanto suor / Nada disto aproveitei / Hoje tô sabendo que o agricultor tem vez.  
Li o artigo da lei, 4.504. / Eu também li o decreto, / Pode jurar que é exato / Que o rico odeia o pobre, / Como o gato odeia o rato.  
Mais com isto eu me conformo / Por que eu não choro só / Sempre ouvi um ditado  
Que dizia a minha vó / Que um dia a roda grande, passa dentro da menor<sup>233</sup>.

<sup>230</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a prisão de quatro moradores do Engenho Geraldo. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>231</sup> Tipo de fogos de artifício.

<sup>232</sup> QUINCAS. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Quincas ao pesquisador sobre a prisão de quatro moradores do Engenho Geraldo. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>233</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Após este ato, Vicente viu-se obrigado a deixar a propriedade. O movimento ganha corpo e agora era questão de tempo para que a posse da terra fosse concedida às mais de 500 famílias da comunidade. No entanto, ainda era preciso tornar as ações mais coesas e galgar outras instâncias representativas. Era preciso ter o sindicato a favor dos trabalhadores e criar uma associação de moradores.

### 3.4 Entre um novo sindicalismo e as novas demandas da comunidade

O movimento consegue uma decisiva vitória. A saída de Vicente da comunidade gerou em grande parte dos moradores a certeza de a concretização da reforma agrária era enfim uma questão de tempo. Porém, outras demandas para o movimento começam a surgir. Era preciso institucionalizar a luta e o melhor caminho encontrado pelas lideranças foi a tomada do sindicato.

Era preciso lançar candidatura das lideranças do Engenho Geraldo para articular uma mudança política no sindicalismo local, ainda sobremaneira atrelado aos interesses dos patrões. A queixa dos oradores do Engenho Geraldo dizia respeito à gestão de Romão da Costa (1974-1984) à frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Nova. Eles achavam que, se conseguissem eleger candidatura própria, muitas das demandas da comunidade seriam facilitadas.

O sindicato era o órgão legal, pela lei. Então, era ele que a gente tinha para se acobertar para fazer a luta cada dia. A lei, como se diz, estava lá, e por isso que a gente queria. Porque, com a ditadura militar, se a gente dissesse que estávamos fazendo uma reunião, podia estar discutindo o que quisesse, se eles não tivessem ouvido o que a gente estava discutindo, a gente poderia disfarçar dizendo que estava fazendo reunião de delegacia sindical e ninguém era preso (informação verbal<sup>234</sup>).

Estas ações, contudo, não foram realizadas de forma rápida. Foi preciso haver uma série de planejamento das lideranças, muitas vezes sem muito êxito. Afinal, o movimento teve em suas atuações altos e baixos que algumas vezes atrapalhavam a tomada de posição frente a uma candidatura.

---

<sup>234</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Maria do Céu também traz informações sobre o quanto era importante para o movimento a tomada do sindicato. Desse modo, percebe-se que era um discurso recorrente entre as lideranças.

O Sindicato não apoiava o nosso movimento, não sei por quê. Acho que era pelo fato deles estarem mais do lado do patrão. O Presidente era seu Romão, na época. A gente percebia isso porque se alguém da comissão fosse lá falar, ele não aceitava nossas ideias. Eu não sei o que ele dizia, mas Lourdes Paulino e Quincas, pois eram elas sempre quem iam falar com ele e nos passava as decisões (informação verbal<sup>235</sup>).

Traçar pontes entre a estratégia das lideranças do Engenho Geraldo e as mudanças que estavam ocorrendo com os pensamentos trazidos pelo novo sindicalismo da década de 1980 ajuda a entender as ligações entre os interesses políticos deste movimento e outras instâncias representativas.

O exemplo do Sindicato dos Talhadores Rurais de Alagoa Grande pode ser trazido à baila para demonstrar este tipo de mudança. Duarte (2012) apresenta o modelo sindical defendido por Margarida Maria Alves e Maria da Penha do Nascimento nas décadas de 1970 e 1980 como uma mudança paradigmática dos modelos sindicalistas vigentes até então. Elas criaram o MMB (Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo), que posteriormente se transforma em MMT (Movimento de Mulheres Trabalhadoras) e promovem com isto uma transição na política sindical para uma maior participação feminina e independência em relação ao governo e aos patrões. Este modelo choca de tal maneira os poderes locais da época que a vida de Margarida Maria Alves é ceifada em consequência desta contestação. Falarei mais adiante sobre tais movimentos políticos.

Os movimentos de mulheres dentro dos sindicatos surgem a partir da renovação do sindicalismo na década de 1970, que combatia o sindicalismo nascido na década de 1930 no governo de Getúlio Vargas atrelado ao Estado, também conhecidos como sindicatos pelegos. Com isso não só o sindicalismo como o movimento de mulheres passa a ter um caráter reivindicativo, transgressor e radical, e no caso do movimento de mulheres principalmente sobre a lógica da moral patriarcal (DUARTE, 2012, p. 12).

---

<sup>235</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre a atuação do sindicato junto ao movimento. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Este novo modelo de sindicalismo que se instala promove uma série de mudanças políticas entre os rurais. Em certo sentido, ele influenciará a decisão dos moradores do Engenho Geraldo de promover várias tentativas de tomada do sindicato.

Também cabe lembrar que a própria luta de Margarida se tornara à época um modelo a ser seguido por agricultoras da região. Seu protagonismo e luta em defesa dos homens e mulheres do campo foram gradativamente tomando conta da memória coletiva de outras comunidades e de outros movimentos sociais do campo na Paraíba.

Ferreira (2010) traz em sua pesquisa de doutoramento, intitulada *A trajetória política-educava de Margarida Maria Alves: entre o velho e o novo sindicalismo*, uma reflexão sobre as práticas desta líder sindical diante de um novo modelo de sindicato que pretende montar em Alagoa Grande.

Beatriz narra que foram feitas algumas tentativas para se lançar chapa com representantes dos moradores do Engenho Geraldo. As primeiras não foram bem-sucedidas, mas depois eles foram conseguindo maior representatividade até eleger Manoel Antônio de Oliveira (Nequinho). Na chapa, havia integrantes mulheres. Quincas estava entre os representantes no conselho administrativo da nova gestão. “Nós tentamos tomar o sindicato umas três vezes. Nas primeiras, a gente não ganhou, mas na última vez, a gente conseguiu colocar Nequinho como presidente do sindicato e aí as coisas facilitaram ainda mais” (informação verbal<sup>236</sup>).

Beatriz narra com alegria os momentos em que o movimento se mobilizava para articular as eleições do sindicato. Ela afirma que fez até uma música para protestar contra os políticos da região e pelo fato de eles apoiarem a chapa de situação no sindicato. Nesse contexto, Beatriz compôs a canção intitulada *Canção do político espertalhão*:

Já chega de conversa que é tempo de política / Só se vê deputado com história bem bonita / Enganado a pobreza com uns vestidos de chita

Oxente meu amigo, Oxente meu irmão / Este tal de governo tá matando a nação.

Só dão sandalho velho, um remédio sem potência / Depois que eles ganham, pra tomar a providencia / Só ficam matando a pobreza e chupando a subsistência.

Oxente meu amigo, Oxente meu irmão. / Este tal de governo tá matando a nação<sup>237</sup>.

<sup>236</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre a tomada do sindicato. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>237</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

A sensibilidade de que era preciso uma reforma sindical que atendesse de forma mais incisiva aos trabalhadores e a indignação para com a corrupção no meio político e a influência desta em suas atividades cotidianas fazem com que a vontade de mudar faça parte dos pensamentos de Beatriz.

Outra decisão importante para a comunidade foi a criação, em 1983, da Associação de Moradores, que converteria em prática as ações do movimento. Esta entidade representativa dos moradores permaneceria ativa até 1992. Durante o período de vigência de suas atividades, contribuiu para a efetivação de projetos voltados para o fortalecimento da agricultura familiar, o incentivo à produção de agricultura de subsistência e também atuou como uma representatividade local para a comunidade.

Dentre os moradores que se revezaram na presidência da associação, podemos destacar a presença de Quincas e Maria do Céu. Ambas buscaram desenvolver gestões caracterizadas pelo apoio às ações de desenvolvimento social e econômico da comunidade e ao incentivo da participação das mulheres nas ações políticas e em decisões coletivas.

Art. 1º A sociedade dos moradores do Geraldo, fundada em 17/11/1983 é uma entidade civil sem fins lucrativos de caráter social e econômico com sede e foro nesta comarca de Alagoa Nova-PB, com duração ilimitada e que se seguirá pelo presente estatuto e regimento interno<sup>238</sup> (ESTATUTO DA SOCIEDADE DOS MORADORES DO GERALDO, 1983, art. 1).

Como era recorrente o cuidado com o outro e o fortalecimento da unidade existente entre os moradores, era preciso estabelecer as finalidades da Associação, demonstrando de forma elucidativa quais ações poderiam ser desenvolvidas junto à comunidade.

Art. 3º São finalidades da sociedade: Fazer reivindicações aos poderes públicos em favor dos moradores. Promover a melhoria das condições gerais da localidade, atividades educativas recreativas, beneficentes e sociais, tendo em o bem estar da comunidade. Criar serviços de assistência médico, dentário, jurídica para os associados. Promover divulgações de seus trabalhos, etc. (ESTATUTO DA SOCIEDADE DOS MORADORES DO GERALDO, 1983, art. 3).

---

<sup>238</sup> Estatuto da sociedade dos moradores do “Geraldo”, aprovado em 27/11/1983. Acervo Pessoal de Maria do Céu.

Após 1983, com a fundação da Associação e com a primeira eleição ganha para o Sindicato Rural em 1984, a questão do conflito na comunidade Engenho Geraldo estava chegando ao fim. A luta iniciada 10 anos antes agora alcançava seus objetivos.

O ano de 1984 foi marcado pela divisão dos lotes de terra. Ao todo, foram assentadas 555 famílias, segundo informações oficiais do INCRA. Este ano foi para os moradores de muita comemoração, pois seus objetivos e ideais haviam sido alcançados.

Lembro que, no dia da entrega dos lotes, fizemos uma festa na Associação, que estava funcionando na casa grande do Engenho. Na festa, veio aquele sanfoneiro bem famoso, Dominginhos. O governo pagou para ele vir tocar na nossa festa. Foi muito animado. O forró foi até tarde da noite (risos) (informação verbal<sup>239</sup>).

A alegria por ter contribuído para que a bandeira de luta da comunidade se tornasse real foi a todo momento um traço marcante na narrativa de Beatriz. Tal característica torna a sua escrita de si marcante para ser pensada como contribuição à História. Quantos desejos coletivos ela ajudou a concretizar? Quantos amores pelo seu lugar ela concretizou? E sobretudo: quantos momentos de felicidade mútua ela gerou com seus cantos e com sua voz pujante de líder?

### **3.5 O Engenho Geraldo e o protagonismo dos movimentos de mulheres na Paraíba**

Com o desenrolar da narrativa de Beatriz, ela intercalou sua fala entre momentos de lucidez vívida, nos quais buscou narrar os acontecimentos da luta no Engenho Geraldo, situando-se como protagonista das ações e principalmente expondo como suas canções ganharam destaque frente às inquietações da comunidade, e momentos em que sua memória, já cansada pelo tempo vivido, tropeçava em lapsos, por conta dos quais ela se esquecia de dar continuidades à narrativa.

Nossa conversa pautou-se, portanto, da forma mais agradável possível, o que viabilizou o afloramento gradual das memórias, sem pressão ou direcionamentos. Para Meihy (2007), as narrativas orais colhidas como fontes para a História Oral, quando problematizadas, devem obedecer a uma dinâmica na qual o entrevistado se sinta à vontade em partilhar suas lembranças com o entrevistador.

---

<sup>239</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua trajetória como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Como toda narrativa tem uma intencionalidade, no caso de Beatriz, mesmo já cansada, ela fazia questão de afirmar pontos que ia lembrando e que eram em certo sentido compartilhados com as demais companheiras. Percebi, naquele momento, que havia, embora inconscientemente a pretensão de afirmar certos pontos. “Mas eu gostaria de falar da ladainha da mulher decepada (risos)” (informação verbal<sup>240</sup>). Assim é como ela me responde quando a questiono sobre como era seu orgulho por ter participado das lutas no Engenho Geraldo.

A princípio, fiquei sem entender qual seria a relação desta resposta com o que havia lhe questionado, ou mesmo o que significariam as palavras “ladainha” e “mulher decepada”. Não obstante, gravei sua resposta e tempos depois, analisando as entrelinhas e percebendo o que foi dito na entrevista, comecei a refletir sobre o que Meihy (2007) afirma sobre o caráter nostálgico da História Oral.

Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não o fato em si. Convém lembrar que por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, todas as vezes reditas carregam diferentes significados (MEIHY, 2007, p. 52).

Posteriormente, a reflexão que fiz foi pensada a partir das inúmeras construções e reelaborações que a memória possibilita aos indivíduos. Naquele instante, talvez eu esperasse uma resposta óbvia, mas, na verdade, obtive algo que me fez atentar para a questão da mulher militante no contexto histórico em que as líderes do Engenho Geraldo estavam inseridas. Por isso, a interpretação que construí foi em torno das pontes narrativas passíveis de serem construídas entre a luta das quatro lideranças e outras mulheres que se dedicaram a lutar por liberdades no contexto paraibano frente à ditadura civil/militar brasileira.

A resposta de Beatriz veio em forma de versos. Para melhor compreendê-la, precisa-se abrir espaço para a análise do protagonismo da mulher “decepada”, que, para ela, seria a desobediência às regras estabelecidas para uma boa esposa. “A ladainha da mulher decepada conta a história de uma mulher desobediente que não ajeita nada para seu esposo. Ela não faz nada, a mulher que manda no marido” (informação verbal<sup>241</sup>, 2014).

---

<sup>240</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre suas memórias. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

<sup>241</sup> Idem.

Sobre os versos construídos por Beatriz, traço pontes com os movimentos de mulheres na Paraíba nas décadas de 1970 e 1980, problematizando sobre o quanto elas, em suas realidades de luta, protagonizaram resistências na vida e na militância. Os versos assim se iniciam:

### **A ladainha da mulher decepada**

Num a fardo mais pesado do que ser uma mulher  
E não há homem que tire as manhas que ela tiver  
Por que pensar o contrário  
Pode dizer que o estavário<sup>242</sup> desenganado da fé.  
Num diga que tá na rede enganado,  
Um mês depois de casado ele sabe o que ela é.

O rapaz viu uma moça, fica por ela encantado  
Sedutora, feiticeira parece um sonho dourado  
O lábio parece mel, mais tem da face de fel guardada no coração  
O homem passa e não ver, mais só chega a conhecer depois que está  
na prisão [...]

O patriarcado, que historicamente construiu ditames em que a mulher, na ralação conjugal, é imposta à subserviência, em ao homem que se torna “dono” de sua esposa, herdando-a do sogro com o matrimônio, é posto nos versos como algo que pode ser quebrado. Beatriz apresenta uma esposa que irá burlar os padrões para ela estabelecidos depois do casamento.

[...]  
Pede em casamento e casa,  
Pensa que leva uma joia  
Mais leva é um carreirão, que treme feito jiboia  
Se a mãe dela for também, ela irá muito além  
Por onde a fortuna passa,  
Desde modo, fique sujeito que só a morte me dá jeito deu sair desta  
desgraça.

As seis Horas da manhã, o homem vai ao mercado  
Fazer as despesas do dia  
Jura esta descansado, compra farinha e feijão  
Açúcar café e pão  
Frutas verduras e toucinho  
Ela então diz, não se lembrou  
Por que foi que não comprou, olho pimenta e cominho

Não tem calvão, falta água  
A manteiga se acabou  
Caiu gás dentro do sal

<sup>242</sup> Não encontrei significado lógico para a palavra.

O açúcar se derramou-se

Eu não sei isso o que é.  
Ainda não coei café porque não achei o pano,  
A casa não se varreu  
A vassoura se perdeu  
E não acho mais o abano [...] (informação verbal<sup>243</sup>).

O fato de rejeitar as atividades domésticas e propor ao esposo uma alternativa à vida reclusa do lar, tirada na licença poética dos versos acima, permite um comparativo em primeira instância com as falas das outras líderes em ralação aos seus lugares de resistência perante as relações de gênero naquela sociedade. Nas falas das quatro lideranças, há episódios em que são verbalizadas narrativas que mostram a luta individual não só pela causa coletiva da reforma agrária, mas também por uma afirmação por espaços que eram então negados à mulher.

A vida da gente era assim, bem sofrida! O dia amanhecia, fazíamos o café, tomávamos, íamos/ia todo mundo para a roça, homens e mulheres, todos. Lá em casa mesmo eu tinha que ir ajudar. Agora depois, aí a gente tinha o compromisso com a luta, tínhamos que ajeitar um lugar para que de noite a gente se reunisse. Eu ficava muito cansada porque já tinha trabalhado o dia todo, mas Deus me dava força. Uns que não podia ir porque era mais novo ou estava doente a gente dispensava, mas eu e as meninas era difícil a gente faltar (informação verbal<sup>244</sup>).

Na fala de Nêm Cobé, percebe-se que, na vida das lideranças, havia uma ralação de duplicidade em relação ao trabalho. Elas tinham seus afazeres domésticos e a lida com a roça, mas também encontravam espaço para ingressar em uma luta política. Este relato nos induz a pensar que semelhantemente ao que já foi exposto antes por Beatriz no trecho da *Ladainha da mulher decepada*, vê-se que a licença poética é utilizada para narrar o que talvez acontecesse na vida real.

Ao se analisar o protagonismo de Ophélia Amorim frente à militância e à defesa jurídica dos camponeses que lutaram nas Ligas Camponesas na Paraíba, Rosa (2015) a apresenta como passível de uma tripla resistência, pois ao passo que resistiu na política, também enfrentou opressão de gênero e na carreira profissional. Ela foi um dos grandes nomes na defesa de direitos humanos na região e por tal protagonismo teve de resistir a inúmeros preconceitos e perseguições.

<sup>243</sup> BEATRIZ PEDRO. Declamação do poema *A ladainha da mulher decepada*, de sua autoria.

<sup>244</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua atuação como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Mais próximas à realidade do Engenho Geraldo estão as mulheres que traçaram protagonismos semelhantes ao que se vê em Margarida Maria Alves e Maria da Penha do Nascimento, fundadoras e primeiras lideranças do MMB (Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo), que posteriormente passou a ser designado de MMT (Movimento de Mulheres Trabalhadoras). Elas tiveram uma atuação política marcante nas lutas trabalhistas contra os latifundiários do famoso “Grupo da Várzea”, conglomerado de grandes fazendeiros e latifundiários da região das várzeas do Rio Paraíba e do Agreste e Brejo, que se articulavam politicamente para defender seus interesses políticos e econômicos. O domínio político dos “barões do açúcar” (Grupo da Várzea) ultrapassava os limites geográficos da Várzea propriamente dita, estendendo-se pelas regiões do Brejo e Agreste (BENEVIDES, 1985, p. 21).

Margarida e Maria da Penha tiveram, em Alagoa Grande-PB, que lutar contra os interesses dos donos da Usina Tanques. Estes latifundiários eram pertencentes ao Grupo da Várzea e, portanto, exerciam intensas perseguições aos trabalhadores/as da região. Quando a tensão social aumentou devido a dezenas de processos trabalhistas movidos pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, liderado por elas, o fazendeiro Agnaldo Veloso Borges, apoiado por outros proprietários da região, foi acusado de encomendar o assassinato de Margarida.

O interessante é perceber que, para além do nefasto homicídio, a história da luta das mulheres em Alagoa Grande foi caracterizada por várias inscrições que elas fizeram, sobretudo no que diz respeito à luta por direitos e afirmação da mulher. A morte de Margarida não caiu no esquecimento, nem tampouco a liderança de Maria da Penha foi ofuscada perante os desafios encontrados.

Ferreira (2010), ao descrever em sua tese a trajetória política-educativa de Margarida Maria Alves, traz para os seus escritos a percepção de que, em uma primeira instância, a atuação desta protagonista, juntamente com Maria da Penha, foi de cunho pedagógico, pois ambas traçaram a conscientização do povo da região acerca da importância da reivindicação de direitos. Não obstante, foi uma conscientização política, pois promoveu uma reforma sindical na década de 1970 na cidade de Alagoa Grande-PB, ao romper com os velhos padrões de sindicatos Pelegos e apadrinhados pelo Estado.

Margarida e Maria da Penha criam, então, o MMB, cuja função era mobilizar as camponesas da região a se inteirar das questões trabalhistas que lhes eram de direito. Duarte (2009a) mostra que o movimento de mulheres do Brejo tinha uma articulação política forte e buscava conexões com outros movimentos de trabalhadores e mesmo outros movimentos de mulheres para edificar bases sólidas em suas lutas.

Maria da Penha do Nascimento foi fundadora do MMB e atuava ao lado de Margarida Maria Alves no sindicato de Alagoa Grande. Foi integrante da Comissão Estadual de Mulheres da CUT-PB e candidata a vereadora, algumas vezes, pelo Partido dos Trabalhadores (PT) (DUARTE, 2009a, p. 15).

Ainda sobre a atuação do MMB no âmbito da realidade social das trabalhadoras do Brejo paraibano, via-se que suas reuniões aconteciam de forma a abarcar o maior número de mulheres possível e tendo como um dos principais objetivos assegurar a elas direitos trabalhistas há muito negados, sobretudo quando se partia para o contexto das relações de trabalho no campo.

A conscientização política das mulheres foi o primeiro passo na compreensão da emancipação como trabalhadoras que o MMB trabalhou as mulheres na região do Brejo Paraibano. No município de Alagoa Grande - PB, o MMB organizava palestras com entidades acadêmicas e representantes políticos como a CUT, FETAG, entre outros. Havia reuniões semanais no STR Alagoa Grande, incentivando a participação das mulheres no meio sindical, tentando inserir-las no ambiente político e a retirando da alienação do ambiente familiar que as rodeava (DUARTE, 2009b, p. 15).

Ao ver o protagonismo das mulheres em Alagoa Grande, lideradas por Margarida e Maria da Penha, um paralelo pôde ser construído quando me propus a analisar as trajetórias das líderes do Engenho Geraldo. “Muito embora elas tenham tido pouco contato com Margarida, eu uma vez cheguei a conhecer Margarida Maria Alves num encontro de trabalhadores que a gente participou” (informação verbal<sup>245</sup>). Uma relação direta com o MMB não foi construída, muito embora eu veja que, em ambos os casos, o aspecto político da participação feminina nas lutas por direitos e na resistência aos poderes estabelecidos se fazia presente.

Ao continuar a leitura da *Ladainha da mulher decepada*, percebo que, de alguma maneira, a sátira feita nos versos se refere ao cuidado com o mundo que elas protagonizaram. Assim, Beatriz continua seus versos e conclui:

O marido Zé bate na porta - Joanhina o que tu tens?  
Ela diz – Estou quase morta, não enxergo mais ninguém  
Assim que você saiu, minha cabeça tiniu  
não pude me levantar  
Amanheci de um jeito, que não tem nem fogo feito

<sup>245</sup> MARIA DO CÉU COBÉ. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Maria do Céu Cobé ao pesquisador sobre sua atuação como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

Muito menos o que se almoçar  
 O velho fica com um vexame  
 Coloca fogo na panela, descasca inhame  
 A carne já está assada  
 A batata cozinhada  
 E prepara logo a farinha.  
 Então diz a joaninha, neguinha lava estes pratos

Juana se criou de casa para o roçado  
 Bota o marido no bolso, deixando sempre impressionado  
 Esta mulher civilizada  
 É sempre educada para nunca dizer que sofre perturbação

Sempre soube o que a vida custa  
 Mais com serviço de casa se assusta.  
 Ela disse que queria se casar  
 Nem por isso teve que aturar  
 Tudo todo serviço que uma casa precisa  
 Daí, foi logo vai dizendo  
 E os outros vai sabendo  
 Que esta mulher não alivia,  
 Bota o marido é na pia  
 Por que gosta mesmo é de lidar  
 Com o trabalho fora de casa  
 Que é bom e dá o que falar (informação verbal<sup>246</sup>).

Em Beatriz, o ato de comercializar animais e plantar roçados foi um ato de resistência. Como ela dizia, “eu sempre gostei de vender criação, bode, carneiro, galinha” (informação verbal<sup>247</sup>), atividade que, na cultura local, seria desenvolvida por “homens”. Ela concebe no comércio destes animais também uma forma de se libertar das amarras do mundo doméstico. Teve sua família (esposo e filhos), mas não se limitou ao trato da casa. Lançou-se no mundo a comercializar e a gerar renda para a família. Talvez, quando diz que a personagem Júlia deixa o marido na pia e vai para a rua trabalhar, esteja metaforizado um anseio seu, ao também se escrever para o mundo na condição de mulher independente, que buscava e conseguia sua própria renda.

Em relação às demais líderes, bem como outras mulheres que, naquele contexto histórico, protagonizaram lutas, os versos de Beatriz servem como base de reflexão para “os lugares destinados às mulheres no mundo”. A crítica é feita no poema, mas se torna real quando se constata que muitas foram as que buscaram em suas vidas quebrar padrões normativos que as engessavam e prendiam.

<sup>246</sup> BEATRIZ PEDRO. Declamação do poema *A ladainha da mulher decepada*, de sua autoria.

<sup>247</sup> BEATRIZ PEDRO. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pela colaboradora Beatriz Pedro ao pesquisador sobre sua atuação como militante. 2014. 1 CD. Transcrição feita pelo pesquisador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um trabalho dissertativo exige do pesquisador um empenho que contempla muitos esforços na construção de uma narrativa que se pretenda atraente. A difícil tarefa se inicia na escolha de um tema. Depois, na busca por fontes e na construção de uma hipótese que gere uma problemática a ser pesquisada. Percorri, ao longo de dois anos da minha vida, este caminho.

Vivenciei alegrias por encontrar fontes que vieram a enriquecer meu trabalho. Fui algumas vezes companheiro de escuta das minhas entrevistadas, que mostraram com grandeza suas experiências de vida e de luta. Também percorri caminhos, por vezes quilométricos e algumas vezes a pé, para obter informações que pudessem subsidiar este trabalho. Enfrentei dias de sol a pino percorridos de moto até Cepilho para encontrar Quincas em sua casa, ou mesmo as viagens que fiz a João Pessoa para cursar as disciplinas do mestrado, encontros de orientação e as pesquisas que precisava fazer no INCRA.

Todo isto valeu a pena pelo fato de estar dando uma contribuição histórica ao registro das memórias das quatro mulheres Maria de Lourdes de Sousa - Quincas, Josefa Ermina Cobé- Nêm Cobé, Maria do Céu Cobé de Lima e Beatriz Pedro da Costa, líderes do movimento social do Engenho Geraldo. Todas elas, com suas singularidades, tiveram participação decisiva na defesa dos direitos dos/as trabalhadores/as.

Suas falas enriquecem esta pesquisa, pois trazem uma gama de saberes que lhes são próprios e que de modo solícito me foram confiados para que o seu registro fosse efetivado neste trabalho. É importante para mim perceber que elas viram esta pesquisa como uma contribuição à memória coletiva da comunidade. Como assevera Halbwachs (2006), foi um registro da memória individual que contribui sobremaneira para a vida da memória coletiva sobre suas atuações políticas e sobre a própria história do movimento.

Sei que talvez o fato de eu ser sujeito exterior ao movimento e de certa forma um “forasteiro” das lembranças coletivas do movimento possa ter influenciado as lembranças das quatro. A este respeito, concordo com Catroga (2001), quando reflete que as memórias são ressignificadas no presente, de modo a construir uma nova imagem do fato acontecido. Também penso que tais ressignificações foram úteis à construção de uma imagem de si que nas quatro mulheres se faz presente, imagem de como elas desejam ser vistas hoje e como pensam que os outros devem ver o movimento.

Estas escritas de si foram descritas como algo possível por Foucault (1992) e seus comentadores. Para eles, tais escritas são algo que se faz presente nas relações humanas,

contribuindo em grande medida para a elaboração de imagens pelas quais os agentes históricos gostariam de ser vistos pelos seus observadores.

Ainda sobre a construção epistêmica deste trabalho, não poderia negligenciar a grande contribuição da categoria amizade. Esta se deu para o fortalecimento das relações dentro do movimento, mesmo sendo uma relação entre camponeses que não viveram em um contexto urbano. Tal elemento se fez presente na consolidação das ações que envolviam os moradores da comunidade.

Grande parte da força da comunidade Engenho Geraldo para lutar pelo direito à terra provém em alguma instância da motivação da amizade como algo exteriorizado, bem como dos entendimentos do que o diálogo lhe atribui. Sob o olhar de Quincas, Nêm Cobé, Maria do Céu e Beatriz, esta categoria se construiu e elas entre si a cultivaram de modo a promover amor pelo mundo. Este amor as ajudou significativamente no que se propuseram a realizar nos 10 anos de luta na comunidade.

É importante lembrar o caráter de resistência da amizade das quatro líderes. Na condição de mulheres, a amizade não se tornou obstáculo para elas no que se refere às suas atuações e falas públicas na comunidade. Muito de suas ações foram, na verdade, de caráter contestador aos modelos patriarcais e masculinizantes vigentes em nossa sociedade. Ortega (2002), ao trazer questões relacionadas ao caráter contestador das amizades femininas na contemporaneidade, dá respaldo para tal afirmação.

Sobre as protagonistas desta pesquisa, é importante perceber que, apesar das peculiaridades, cada uma delas teve suas marcas próprias que as acompanharam durante a vida. Estas marcas a tornaram únicas e, ao mesmo tempo, reforçaram a necessidade de união entre elas.

Quincas traz consigo uma carga de conhecimento político que a faz apresentar-se como a defensora dos direitos dos/as trabalhadores/as do campo. Sua atuação é vista por uma continuidade, pois inicia-se na militância social ainda jovem (15 anos) e continua na luta até os dias de hoje, com seus trabalhos junto ao sindicato rural de Alagoa Nova. Desse modo, pensar as formas como ela se escreveu para o mundo é pensar que este processo ainda continua vivo nas suas experiências de vida.

Suas memórias traçam a narrativa histórica de sua atuação no Engenho Geraldo e em outros movimentos de que fez parte ao longo da vida. A função dentro do movimento era encabeçar ações que exigiam maior capacidade de articulação com aqueles que poderiam ajudar a luta.

Nêm Cobé, a líder que tomou para si um ideal de luta pelas causas sociais do Engenho Geraldo mesmo sem nunca ter morado na comunidade, sua influência e

facilidade de convencimento foram ímpares para o movimento, pois foram cruciais à articulação de novos participantes. Sua luta, baseada sobretudo pela busca por valores e identidades para os que ainda não os possuíam, passou a ter no pertencimento à terra a base de sustentação para a vida futura. Ela também ajudou na construção de valores. Era a líder de mais proximidade com as mulheres e usava este atributo para valorizá-las e encorajá-las a convencer seus esposos a ingressarem na luta. Destarte, Nêm Cobé buscou, em uma sociedade patriarcal e autocrática, afirmar-se como liderança comunitária.

A prática da sensibilização do seu povo, que também pode ser vista como uma forma de educação para a liberdade, foi construída por Nêm Cobé na comunidade Engenho Geraldo nos anos da luta em prol do direito à terra. Todavia, um fator deve ser analisado neste momento: suas ações e lutas não se restringiram àquele tempo. Pelo contrário, atingiu ambições e demandas que até hoje são vivas na memória coletiva da comunidade.

No tocante às suas práticas, também defendemos que ela constrói uma educação que não teve como objetivo instruir sobre sílabas ou números, mas, sim, evidenciar o sentimento de luta coletiva. Uma prática que não pretendeu a criação de uma cátedra, mas a consolidação de um respeito coletivo alimentado pela comunidade em torno da figura de Nêm Cobé.

Maria do Céu foi a filha que acompanhou os passos da mãe. No mais, é importante destacar que esta forma de seguir a matriarca não a deixou à sombra de suas ações. A filha busca para si uma identidade forte e também passa a galgar espaços dentro do movimento, articulando ações e buscando ajudar os seus de maneira peculiar. Seus cursos técnicos na área de saúde foram muito importantes para a comunidade, pois ela gradativamente se torna a ponte para lugares onde muitos dos moradores não sabiam chegar e algumas vezes a busca por tratamentos se tornava praticamente impossível. Maria do Céu também assume esta marca de ajuda e assistência social. Suas atitudes continuam presentes até os dias atuais.

Por último, temos Beatriz, com sua irreverência e facilidade artística, que encantava a todos os que acompanhavam a luta no Engenho Geraldo, propondo-se a compor e a reproduzir canções que traziam consigo uma carga política muito forte. Tais canções se tornaram emblemáticas nos atos públicos e também fortes nuances de sua atuação na luta.

As narrativas das quatro líderes são pontos de vida possíveis de contestação, pois, como todo relato humano, não obedece a um ditame de verdade absoluta. Suas memórias

foram pontos de vista sobre suas vidas e atuações políticas no movimento social, cabendo, portanto, futuras leituras e reescritas sobre o mesmo fato.

Nossa pretensão foi contribuir para uma escrita da história que situe as mulheres como centro da narrativa, com o devido cuidado para não torná-las aquém de outros agentes históricos nem percebê-las como isoladas das tensões e relações de poder geradas pelas relações de gênero.

Esta escrita vem a ser uma contribuição à História da luta política das mulheres paraibanas no período do regime civil/militar brasileiro. Mesmo sabendo que a presente escrita foi uma narrativa construída a partir dos relatos que me foram generosamente concedidos e que o que escrevo jamais será igual à voz das mulheres do Engenho Geraldo, trazê-las para este protagonismo é algo enriquecedor, pois suas trajetórias de vida contadas a partir das escritas si narradas na oralidade de cada uma fazem destes escritos a minha contribuição para a História Paraibana.

É possível que, mais tarde, outras interpretações à luz das histórias das mulheres ou em outras vertentes teóricas surjam e abordem novos debates não problematizados aqui. Não obstante, tenho certeza de que esta narrativa já serviu como contribuição à cultura histórica. Sobre o retorno social desta dissertação, proponho-me a realizá-lo através da devolução desta pesquisa à comunidade e a suas protagonistas, pois esta é a materialidade de uma luta que elas protagonizaram.

## FONTES

### Fontes Orais (primárias):

- Entrevista com Josefa Ermina Cobé - Nêm Cobé, no dia 09 de junho de 2011;
- Entrevista com Josefa Ermina Cobé - Nêm Cobé, no dia 14 de junho de 2014;
- Entrevista com Maria Cobé de Lima, no dia 18 de maio de 2014;
- Entrevista com Maria Cobé de Lima, no dia 18 de agosto de 2014;
- Entrevista com Maria de Lourdes de Sousa (Dona Quincas), no dia 26 de maio de 2014;
- Entrevista com Maria de Lourdes de Sousa (Dona Quincas), no dia 2 de junho de 2014;
- Entrevista com Beatriz Pedro da Costa, no dia 18 de junho de 2014;
- Vídeo: Missa em comemoração aos 50 anos do casamento de Nêm e João Cobé, gravado em Junho de 1996. Apesar de ser posterior, este documento revela, segundo relato de Maria Cobé como eram os procedimentos das reuniões e celebrações dos anos de luta. A missa foi um pedido de sua mãe para relembrar com a família, amigos e lideranças do movimento os seus anos de luta pelo Engenho Geraldo.

### Fontes Documentais (secundárias):

- INCRA (Instituto Nacional de Colônia e Reforma Agrária): Planta baixa do terreno do Engenho Geraldo, área: 2.181 ha, perímetro: 28.000 metros, 30 de maio de 1984;
- Convite para a missa de um ano, em 28 de agosto de 1976, de Pedro Tavares de Melo Cavalcante, último herdeiro direto das terras do Engenho Geraldo;
- Contratos de posse dos terrenos após divisão do Engenho Geraldo: Beatriz Pedro da Costa, Antônio Soares de Lima (esposo de Maria Cobé);
- Documento de 1980: Relatório Especial de Informações n. 3696/119/ARE/80, do Serviço Nacional de Informações (SNI) - Agência Recife.
- Documento de 1980: Abaixo-Assinado Destinado ao Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Nova, com assinaturas das

37 (primeiras) pessoas, incluindo algumas lideranças, tais como Beatriz Pedro e Quincas. Neste documento, mostram-se as origens históricas de pertencimento à terra dos trabalhadores, o perfil geográfico e político da terra e da comunidade, as potencialidades econômicas e alternativas de resolução do conflito proposto pelo grupo de trabalhadores envolvidos na luta (fornecido por Quincas);

- Documento de 1982: Decreto n. 87.456, de 13 de agosto de 1982, que declara de interesse social, para fins de desapropriação, imóvel rural situado no Município de Alagoa Nova, no Estado da Paraíba, compreendido na área prioritária para fins de reforma agrária;
- Documento de 1983: Estatuto da Sociedade dos Moradores do Geraldo. Contém regras de convivência em associativismo, da associação fundada no período final do movimento (acervo pessoal. Encontrado nas ruínas da casa grande do Engenho Geraldo, Sede da Associação);
- Documento de 1992: Experiências de assentamentos no estado do Rio Grande do Sul. Apesar de ser posterior ao reconto, ilustra ralação e leitura de experiências em outros movimentos que as lideranças faziam para os trabalhadores nos encontros (acervo pessoal. Encontrado nas ruínas da casa grande do Engenho Geraldo, Sede da Associação);
- Livro *O povo que canta*, acervo pessoal de Maria do Céu Cobé.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um pacto difícil. In: \_\_\_\_\_. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 199-234.

ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sóbrios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENEVIDES, Cezar Augusto Carneiro. **Camponeses em marcha:** estudo das Ligas Camponesas Paraibanas (1960 -1964). 1985. 262f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<file:///C:/Users/Roberta/Downloads/D%20-%20BENEVIDES,%20CEZAR%20AUGUSTO%20CARNEIRO.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.115-221.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças dos velhos. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRASIL. **Decreto n. 87.456,** de 13 de agosto de 1982. Declara de interesse social, para fins de desapropriação, imóvel rural situado no Município de Alagoa Nova, no Estado da Paraíba, compreendido na área prioritária para fins de reforma agrária, fixada pelo Decreto n. 56583, de 19 de julho de 1965, com prazo de intervenção governamental prorrogado, sucessivamente, pelos Decretos n.s. 68085, de 19 de janeiro de 1971, 75147, de 27 de dezembro de 1974, e 82884, de 19 de dezembro de 1978. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-87456-13-agosto-1982-437390-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CANTALICE, Dulce Maria Barbosa. **Capital, estado e conflito:** questionando Alagamar. João Pessoa: FIPLAN, 1985.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas:** feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras. 2012. 383f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

CATANI, Vânia; CAFFÉ, Eliane. **Narradores de Javé.** [Filme-vídeo]. Produção de Vânia Catani, direção de Eliane Caffé. Rio de Janeiro, Bananeira Filmes, 2003. 1 DVD., 100 min. color. son.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra – Portugal: Quarteto, 2001.

CAVALHAL, Juliana Pinto. **A serviço da vida: a influência da igreja católica na formação do movimento nacional de defesa dos direitos humanos (1982-1986)**. 2007. 259f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG. p. 60-61. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2009/12/Juliana-Carvalho.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

CNBB. **A Igreja e o problema da terra**. Documento aprovado pela 18ª Assembleia da CNBB. Itaiçuba, SP, 1980. Disponível em: <[http://www.cnbb.org.br/component/docman/doc\\_view/79-17-igreja-e-problemas-da-terra](http://www.cnbb.org.br/component/docman/doc_view/79-17-igreja-e-problemas-da-terra)>. Acesso em: 31 jul. 2015.

COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO ESTADO DA PARAÍBA. **Relatório Especial de Informação n. 3696/119/ARE 80**. Trata sobre as áreas de tensão fundiária na Paraíba. Recife: SNI, 1980. 6 p.

DUARTE, Emmy Lyra. Mulheres trabalhadoras rurais em Alagoa Grande: gênero, movimento sindical e questão agrária no brejo paraibano. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 4, 2012, Niterói. **Anais...** Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense - UFF, p. 1-17. Disponível em: <<http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completos/01Emmy%20Lyra%20Duarte.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

\_\_\_\_\_; GARCÍA; Maria Franco. As mulheres trabalhadoras rurais: uma interlocução entre gênero e movimento sindical na Paraíba. ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 9, 2009-a, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SP: USP, p. 1-17. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Mobilização política e relações de gênero no estado da Paraíba. 17º ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA E NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 17, 2009-b, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, PB: UFPB, Centro de Educação. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **A trajetória político-educativa de margarida Maria Alves: entre o velho e o novo Sindicalismo Rural**. 2010. 146f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <<http://transformatoriomargaridas.org.br/sistema/wp-content/uploads/2015/02/2.-Tese-sobre-Margarida-Alves.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2014.

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 01-11. Disponível em: <[http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault/at\\_download/file](http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault/at_download/file)>. Acesso em: 18 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de fevereiro de 1970. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. **Cadernos de Subjetividade**, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, v. 1, n. 1. 1993. p.197-200. Disponível em: <<http://www.adrieldutra.com.br/wp-content/uploads/2013/12/foucault-prefacio-a-vida-nao-facista.pdf>>. Acessado em: 12 out. 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais, redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Novas teorias dos movimentos sociais.** São Paulo: Loyola, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Teorias dos movimentos sociais:** Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo, Loyola, 1997. p. 211-386.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. Viagem e escrita de si em Maria Graham. **Rev. Seropédica- RJ**, Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas EDUR, v. 29, n. 1, jan./jun. 2007. p. 110-122.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** 1. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre História de vida e autobiografia: os desafios da memória. **História-Unisinos**, v. 8, n. 10, jul./dez. 2004, p.150.

IONTA, Marilda. **As cores da Amizade:** cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mario de Andrade. São Paulo; Annablume, FAPESP, 2007.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Rastros de tragédia.** João Pessoa: Textos UFPB/NIDIH, 1983.

MAUAD, Ana Maria. Fontes de Memória: desafios metodológicos de um campo em construção. In: \_\_\_\_\_. SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de et al. (Orgs.). **Depois da utopia:** história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e voz PAPER, 2013. p. 81-112.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2002.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba.** João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 1996.

\_\_\_\_\_. **Por um pedaço de chão.** João Pessoa: Editora Universitária, 1997 (V. 2).

ORTEGA, Francisco. **Genealogia da Amizade.** São Paulo: Iluminuras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **Para uma política de amizade: Arendt, Derrida, e Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Domará, 2000.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, ANPUH- RIO, 12, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: UFRJ. ISBN 978-85-65957-03-8. p.1-9. 1 CD-ROM.

NEVES, Gildivan Francisco das. **História e Memória “da luta do povo de Alagamar”**: experiências de vida e construção de práticas educativas em diálogo com a educação popular. 2014a. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, PPGE/UFPB. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/bitstream/tede/4855/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. **História e Memória: a “luta do povo de Alagamar” como um espaço de construção de práticas educativas em diálogo com a educação popular**. Campina Grande, PB: Realize, 2014b.  
NOLASCO, Sócrates. **Marc Lépine: Violência e masculinidade no contemporâneo. Interfaces Brasil/Canadá**, Belo Horizonte, v.1, n. 3, 2003.

NUNES, Paulo Giovanni Antonino. **Os movimentos sociais, o governo Pedro Gondim e o golpe civil-militar na Paraíba**. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- ANPUH, 25, 2009a, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, CE: UFCE. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0210.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. Estado versus Sociedade Civil: o processo de transição para a democracia na Paraíba (1975-1979). **Prim@ Facie International Journal**, v. 8, n. 14, ISSN 1678-2593, Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas, UFPB, 2009b

\_\_\_\_\_. **Tencionando a transição “lenta, gradual e segura”**: a Igreja e os conflitos agrários no estado da Paraíba (1975-1985). João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em História, PPGH/UFPB, 2015.

OLIVEIRA, Fernando Garcia. **La lutte pour la terre et la Résistance paysanne depuis de quinze ans**. Paris: Universidade de Paris, 1985.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, p. 2002.

PAULILO, Maria Ignez S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**, Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Florianópolis, 12(1): 360, jan./abr. 2004. p. 156-229.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 52, 2006, p. 249-272.

PEREIRA, Auricélia Lopes. Memórias de heroísmo: cartografias da sedução. In: \_\_\_\_\_. **O rei do cangaço e os vários Lampiões**. 2000. 100f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco-PPGH/UFPE, Recife.

PEREIRA, Vanderlan Paulo de Oliveira. **Em nome de Deus, dos pobres e da libertação: ação pastoral e política em Dom José Maria Pires, de 1966 a 1980**. 2012. 179f. Dissertação (Mestrado em História) -Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba-UFPB/CCHLA, João Pessoa. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2012\\_mest\\_vanderlan\\_pereira.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2012_mest_vanderlan_pereira.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PRADO, Luiz Ricardo. **A Conferência de Medellín: um momento de reflexão do Vaticano II à luz da realidade vivida na América Latina**. Jataí- GO. Anais do III CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG: HISTÓRIA E DIVERSIDADE CULTURAL, 3, 2012, Jataí. **Anais...** Jataí, GO: p. 11. 1 CD-ROM.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções de subjetividades**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

\_\_\_\_\_. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. **Cadernos AEL**, n. 4, 1996.

\_\_\_\_\_. Epistemologia feminista, Gênero e História. In: **UNICAMP: masculino, feminino, plural**. Florianópolis, SC: Ed. Mulheres,1998.

\_\_\_\_\_. Feminismos e História: um encontro com o passado. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SP: USP. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira. **Revista Aulas**, IFCH/UNICAMP, Dossiê Identidades Nacionais, n. 2, 2006.

RIBEIRO Matilde. O feminismo em novas rotas e visões. **Estudos Feministas**, Florianópolis, set./dez. 2006.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memórias: “não imagine que precise ser triste para se militante”**. São Paulo: FAPESP, 2013.

\_\_\_\_\_. Mulheres versus ditadura: latifúndio e misoginia na Paraíba. **Estud. Sociol.**, Araraquara, v. 20, n. 39, p. 309-324, jul./dez. 2015.

\_\_\_\_\_; SILVA, Tatianne Ellen Cavalcante. **O testemunho e as mulheres: Ophélia Amorim e Eridan Magalhães**. Joao Pessoa, Editora universitária UFPB, 2015.

SAFFIOLI, Heleieth Iara Bongiovane. A Máquina do Patriarcado. In: \_\_\_\_\_. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 100-106.

SALES, José Borges de. **Alagoa Nova: Notícias para sua História**. Fortaleza: Esteves Triprogresso, 1990.

SANTOS, Máira Rodrigues. “**Agora eu vou à luta**”: as mulheres paraibanas na resistência à ditadura militar. 2013. 50f. Monografia (Graduação em História) - Departamento de História, Universidade Federal da Paraíba.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil da análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, Porto Alegre, jun./dez. 1995, p.77-99.

SEIXAS, Rogério Luís da Rocha. A condição estratégica do exercício do poder em Michel Foucault. **Argumentos**, ano 3, n. 5, 2011.

SILVA, Luciana Henrique da. **A História contada: surgimento do MST na Paraíba**. João Pessoa: Número Um, 2000. p. 10.

SILVA, Marcos Paulo. **Camponeses na resistência cotidiana: uma História do Sítio Geraldo – Matinhas-PB**. 2005. 48f. Monografia (Graduação em História) - Departamento de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto) Biografia, Identidades e Alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**, ano 2, v. 4, 2008, p. 37-50.

SOUZA, Priscila Paula de. **Mulheres e Memórias: uma trajetória da Historiografia sobre a ditadura militar brasileira**. Trabalho de qualificação de Mestrado. UNICAMP: Campinas, 2015. p. 36-56. No prelo.